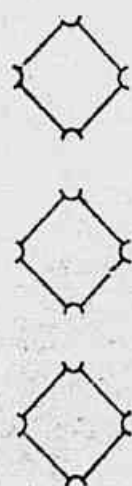
Raul Roulien
ANNO IX N. 385
RIO DE JANEIRO, 15 DE FEVEREIRO DE 1934
Preço para todo o Brasil 2$000
CINEARTE

VESTIR COMO AS ESTRELLAS DO CINEMA

E' natural que a senhora admire os lindos modelos de vestidos que as estrellas do cinema exhibem nestas paginas e para os quaes contribuiram o talento e o gosto artistico dos costureiros e modistas mais famosos do mundo. Pois bem, a senhora pode competir com essas estrellas, exhibindo modelos igualmente perfeitos, seguindo as indicações e acompanhando a ultima palavra da elegancia feminina, através das paginas de "Senhora", supplemento de modas, decorações, bordados, etc. que o MALHO edita em cada um dos seus esplendidos numercs, todas as quintas-feiras.

A verdade sobre a "Reconciliação" Garbo - Gilbert

(Continuação do numero passado)

Eu, porém, acho-os mudados, um e outro. Um homem sensivel e cioso como Gilbert não pode levar tres annos a ouvir falar na sua decadencia, sem experimentar uma humilhação profunda. Acaba por perder a confiança em si proprio. E uma mulher não sobe, como a Garbo tem subido no Cinema, sem sentir uma confiança illimitada nos proprios recursos.

As personalidades dos dois estão temporariamente invertidas. Gilbert agora é o timido, Garbo a dona da situação. Ella por cima, elle por baixo. Quando elles fizeram o grande Film "A carne e o diabo", a coisa não era assim. Mandava Gilbert; Garbo estava na dependencia delle.

Esta situação, porém, não pode persistir. E' falsa, não é natural. Gilbert tem que mudar de attitude. Não é possivel que continue a proceder como um cachorrinho que se sente muito contente por haver recebido uma palmadinha de approvação do dono. Emquanto se conserva assim, não poderá ser na téla aquelle typo displicente, romantico e tão pittoresco que foi o encanto de milhões de pessoas.

Já passaram dois dias.

As coisas no "set" de "Rainha Christina" não vão nada bem. Ha uma scena de taberna, que sahe fria e sem sabor, como se os dois artistas sentissem a presença de phantasmas.

Não é preciso grande percepção para se ver que Gilbert ainda não recobrou o seu natural. Ensaia as scenas nervoso, como que inseguro. Na verdade, tem havido tanta coisa na vida delle, e, ultimamente, os acontecimentos desenrolaram-se com tamanha rapidez... O nascimento da filha, o presente inesperado daquelle papel ao lado da Garbo, a offensiva dos "reporters", que o obrigam a repetir mil vezes a mesma historia... Depois, as poses photographicas, a tyrannia dos technicos do guarda-roupa... Tudo isso o tem derreado.

A scena na taberna já foi ensaiada uma infinidade de vezes, sem nenhum resultado apreciavel.

A Garbo veste um traje do Film, com um grande chapéo de pluma. E' roupa de homem. Por baixo do chapéo, vê-se o cabello da actriz, arranjado á moda masculina. De repente, em meio do enfadonho ensaio, ouve-se a voz della.

— Vamos descansar um instante? Fumemos um cigarro.

A tensão relaxa-se. A actriz approxima-se pachorrentamente dum banquinho. O pessoal do "set" fica "á vontade". O director boceja, espreguiça-se. John está agora junto de Greta. Conversam os dois tranquillamente John quer dizer qualquer coisa, mas parece que encontra difficuldade de expressão. Fala então a actriz, com a sua voz lenta e suave:

— Por favor não me torne a agradecer! Agradecer por que? Se acha que lhe fiz um favor, você tambem me fez nos tempos em que era o grande John Gilbert... Deixou-se apparecer a seu lado nos seus Films. Quer dizer que estamos pagos.

John contempla-a. E' outro momento de emoção. Greta acaba de prestar a Gilbert um serviço ainda maior do que o de chamal-o para a sua pellicula. Com aquellas palavras, restituiu-lhe a fé a confiança em si proprio, fel-o voltar a ser elle mesmo, sem nervosismos e sem constrangimentos. Está agora ali o verdadeiro John Gilbert, o John Gilbert de outros tempos!

O director — Vamos tomar a scena!

Mas mesmo elle, só depois de a camara começar a trabalhar silenciosamente, dentro da sua caixa de vidro, é que percebe que houve qualquer coisa, qualquer coisa que mudou completamente a situação.

O mais pittoresco e desembaraçado typo de homem entra na taberna, petulantemente. Fala com graça e expressão inconfundivel. E' o John Gilbert de outrora, aquelle mesmo heróe, tão arrogante e expressivo de gesto e de figura! Com arte e segurança, John "dá conta do recado", exactamente como ha annos. A scena foi tomada. Sahiu admiravel!

Como tudo é differente agora! A reserva que toda a gente notava nos dois artistas derreteu-se ao calor dum mutuo entendimento. Nos intervallos das scenas, John e Greta riem e brincam, exactamente como nos tempos dos Films silenciosos.

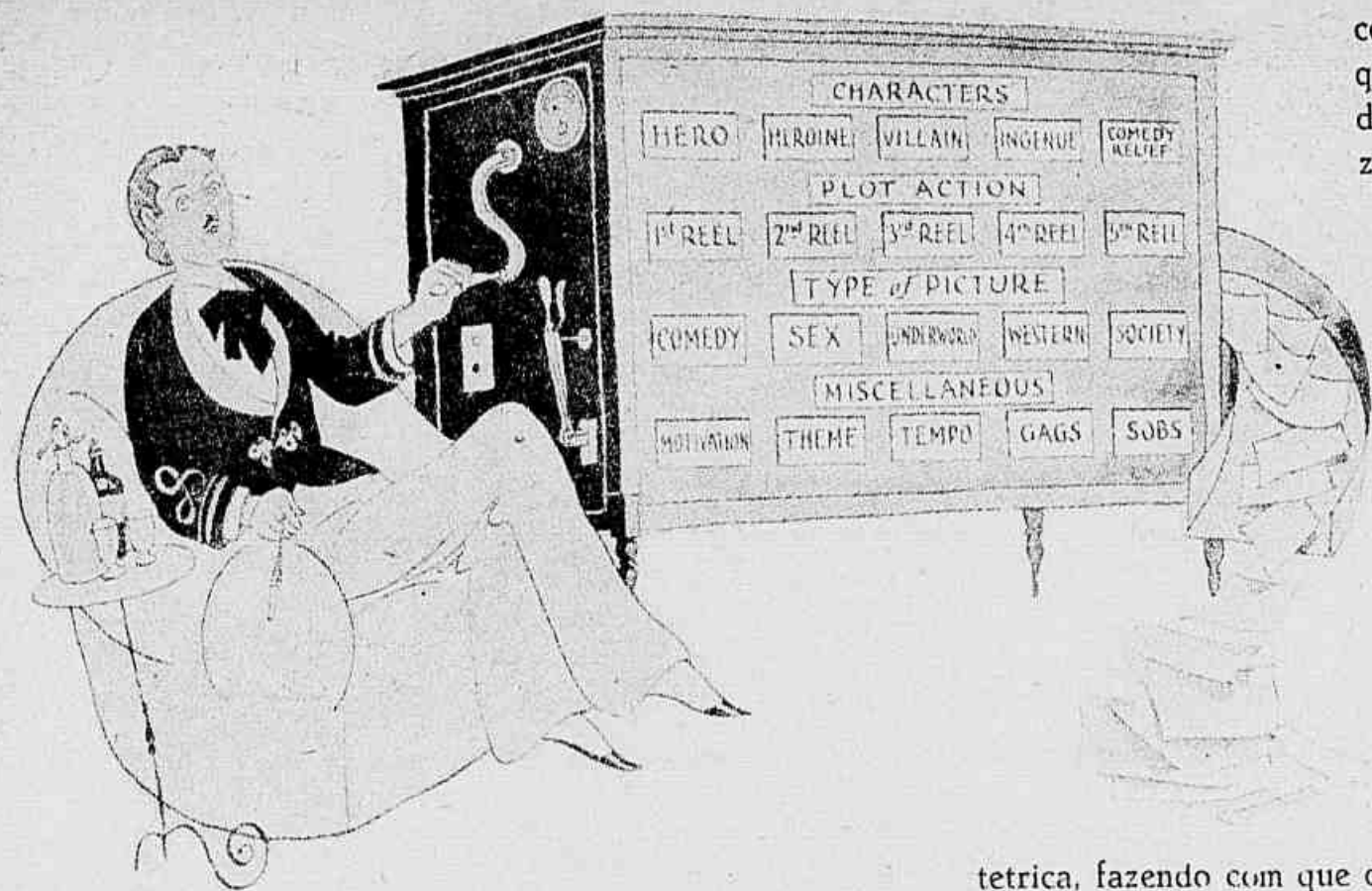
Gilbert está deante de Greta, a imitar a expressão da filha no dia em que nasceu. Enruga o rosto e entorta a bocca. A actriz ri-se e exclama:

— Você é bobo...

Era como ella costumava dizer antigamente, todas as vezes que o terrivel Gilbert lhe contava ou fazia alguma coisa que a divertia!

Ha agora um longo intervallo. Os carpinteiros estão a concertar qualquer coisa no fundo do "set". As cadeiras de Gilbert e Garbo são juntas.

(Continúa no proximo numero)

A acquisição de material para o Cinema

A ACQUISIÇÃO de material para o Cinema envolve uma série de questões diversas, sobre as quaes os "fans" não se cansam de indagar. A confecção, a pesquiza e "scenarização" de historias, ou adaptação de peças theatraes são, talvez, o ponto basico da producção de Films. Não deixa de ser interessante, pois, conhecer a maneira mais efficiente que os Studios empregam na obtenção de argumentos para o Cinema. Damos a seguir, portanto, os resultados a que chegou a Universal e os quaes, para melhor comprehensão, publicamos em uma serie de perguntas e respostas.

P — Qual o meio pelo qual se adquire material para o Cinema?

R — Livros e peças theatraes são geralmente submettidos ao Studio atravez de um agente commercial. Os originaes são confeccionados por escriptores empregados no Studio, no respectivo departamento de "scenarios" (originaes). O chefe do departamento, que vive em constantes conferencias com o productor, sabe exactamente qual a qualidade de historia desejada para este ou aquelle artista do Studio, assim como o que o publico deseja. Do total do material escolhido pelo Studio, contam-se 35% *de materia original para a tela;* 25% de peças levadas á scena; e 4% de novellas e historias pequenas.

P — Quantos livros, peças theatraes, pequenas historias e originaes são lidos e examinados annualmente?

R — Sómente no Studio da Universal, dois mil livros, cinco mil historias pequenas e 150 peças theatraes.

P — Quaes os elementos, numa historia ou peça theatral, que suggerem bom material para o Cinema? E quaes os elementos que são condemnaveis?

R — (1) Attracção humana (2) Novidade (3) Realismo; Titulo (4) Productibilidade. (5) Muitas historias necessitam de mais de uma situação nova.

P — Do material escolhido no anno passado, qual a porcentagem classificada como (a) romance; (b) comedia; (c) aventura; (d) problemas diversos; (e) classificações especiaes?

R — Drama intenso 31%; drama commum 7,5%; comedias 26%; aventuras 3%; problemas diversos 3%; (e) classificações especiaes: Films de "gangsters" 7,5%; farças 3,5%, Films tetricos 7,5%; Films de sports 3,5% e Films de "cow-boy" 7,5%. Como dissemos, essa classificação é dada para os Films produzidos pela Universal.

P — No ponto de vista da bilheteria, quaes os Films de mais successo: Films baseados em historias originaes, em livros publicados ou historias pequenas ou ainda Films baseados em peças theatraes de successo? Qual o "record" da bilheteria?

R — Falando de um modo geral, *as historias originaes fazem mais successo porque são escriptas especialmente para a téla,* attendendo ás necessidades da bilheteria. Peças theatraes são muito dispendiosas para a producção, devido ser preciso a reconstrucção afim de que a peça tenha acção e, mesmo assim, ellas não contem dialogação precisa para a tela. Frequentemente o dialogo tem que ser modificado para attender ás exigencias dos censores, deixando, portanto, o essencial da peça, que será ou não um successo de bilheteria. Novellas e historias curtas vêm em segundo logar em successo de bilheteria, não porque seja material já conhecido atravez dos livros magazines, mas porque elles contêm dialogos intelligentes e muita acção.

O maior successo da Universal, o anno passado, foi "Frankenstein", mas esse successo não foi devido o Film estar baseado numa peça theatral ou numa novella. Era uma *novidade*, e a tela permittiu mostrar os encantos de suas qualidades como historia tetrica, fazendo com que o Film se tornasse de um interesse espectacular e absorvente.

P — Qual a idéa de alguns productores proeminentes a respeito dos Films em voga? Porque a voga? E quaes foram os assumptos mais em moda nestes ultimos tempos?

R — Carl Laemmle Junior não acredita em que os Films sejam feitos conforme os assumptos (mais em voga, mas que existe uma forte tendencia entre os productores para duplicarem os Films de successo. Desde que a Universal produziu "Dracula" e "Frankenstein" que todos os productores, inclusive os theatraes, têm procurado seguir essa leaderança, apresentando attracções similares como sejam "O Monstro" e uma rememoração de "Dr. Jeckill e Mr. Hyde". Carl Laemmle Junior acredita tambem que os chamados Films tetricos farão successo ainda por algum tempo, porque têm novidade e requerem constante attenção dos espectadores. "Conseguir excitação", é a resposta definitiva da bilheteria.

Os assumptos mais em voga estes ultimos annos foram "guerra", Films musicados, Films sobre jornaes, "gangsters", e Films tetricos. Mesmo a despeito da eliminação dos Films de "gangsters", estes foram os que fizeram maior successo e o mais recente delles, considerado o ultimo da série, conseguiu ultrapassar todos os "records". Os productores acreditam que o motivo pelo qual os Films de "gangsters" faziam successo, era devido á dialogação, combinada com intensa acção dramatica.

Por outro lado, crê-se tambem que 1932 trouxe perfeição de technica ao Cinema falado. Uma technica que é a combinação do dialogo com o maximo de movimentação, em vez das producções geralmente conhecidas como theatro photographado. E o mais interessante é que o Film falado fez com que o publico acceitasse o final "infeliz", em vez do classico e assucarado "clinch" final...

P — Poderia classificar a nacionalidade dos autores das historias de maior successo produzidas pela Universal?

R — A autoria das historias que trouxeram successos á Universal, em 1931 e 1932, foi quasi toda de escriptores americanos da moderna geração, com pequena influencia continental nas historias romanticas. Nos Films de genero novidade, em tres occasiões, a Universal entrou no terreno dos classicos, apresentando "Frankenstein", de autoria de Mary Shelley; "Dracula" por Bram Stoker e "Os assassinos da Rua Morgue", de Edgar Allan Poe.

P — Qual o assumpto que póde ser discutido com grande successo num livro, numa peça ou outra qualquer historia, e que não traz resultado num Film e porque?

R — O codigo ethico dos Films falados acha-se num nivel tão elevado que, certas peculiaridades attractivas das peças theatraes, não podem ser reproduzidas; dahi o fracasso de muitas peças, quando levadas para a tela. Desde que desappareceu a principal idéa de que o som devia obrigatoriamente ouvir-se nos Films, estes actualmente cingem-se mais á acção, segundo suas bases primitivas e, não sendo mais dialogos photographados, depende inteiramente de muita habilidade para tornar uma peça theatral um successo Cinematographico. Dependendo o Cinema de uma audiencia complexa, não poderá manter a mesma sophisticação dos successos theatraes verificados nos ultimos annos em Nova York. O maior objectismo do Cinema é apresentar uma lição de moral em cada caso, bem como realismo efficientemente desprovido de aberrações, tudo isso em addição a bom divertimento.

P — Agora, o que podemos fazer num Film e não se póde num livro, numa peça ou numa historia?

R — Uma peça theatral está limitada ao palco e aos scenarios. A passagem do tempo sómente póde ser indicada atravez da conversação dos artistas em scena. Um Film deve, e justamente movimenta-se de um local para outro, dando em scenarios reaes aquillo que apenas póde ser indicado na peça ou descripto num livro. Um ente vivente, interpretando na tela qualquer caracter é um dos maiores estimulos á imaginação, do que a leitura da descripção desse caracter. Isto, mais os logares actuaes onde os caracteres da historia vivem, movem-se e falam, conseguem uma illusão mais perfeita do que qualquer peça, palavras escriptas ou um livro podem comportar.

P — Quaes são actualmente os preços pagos pelos direitos Cinematographicos de uma peça theatral de successo? Uma novella celebrisada? Uma historia pequena publicada numa revista? E uma historia original para a tela?

R — Não existe preço estabelecido pelos direitos Cinematographicos de uma peça theatral. Por exemplo: a Universal pagou 150.000 dollars pelos direitos de "Strictly Dishonorable" ("Más intenções"), porque fez um tremendo successo nos palcos da Broadway, e como Film, fez decididamente mais do que outra qualquer peça, cujos preços foram entre cinco e dez mil dollars. Quando os preços dos direitos são absolutamente prohibitivos, resulta que os productores procuram originaes analogos e que no final provam ser maiores successos. Para um livro de successo a media é de cinco a vinte e cinco mil dollars. Para uma pequena historia, de mil a dez mil dollars. Uma historia original póde ser contractada com um escriptor na base de ordenado, cujo preço não excederá de cinco a seis mil dollars pelo tempo de seis semanas. Em muitos casos, historias extraordinarias têm-se conseguido por preços não excedentes a mil e quinhentos dollars.

P — Como são negociadas taes vendas? Quando paga-se o dinheiro? Compram-se tambem historias nas bases de porcentagem nos lucros?

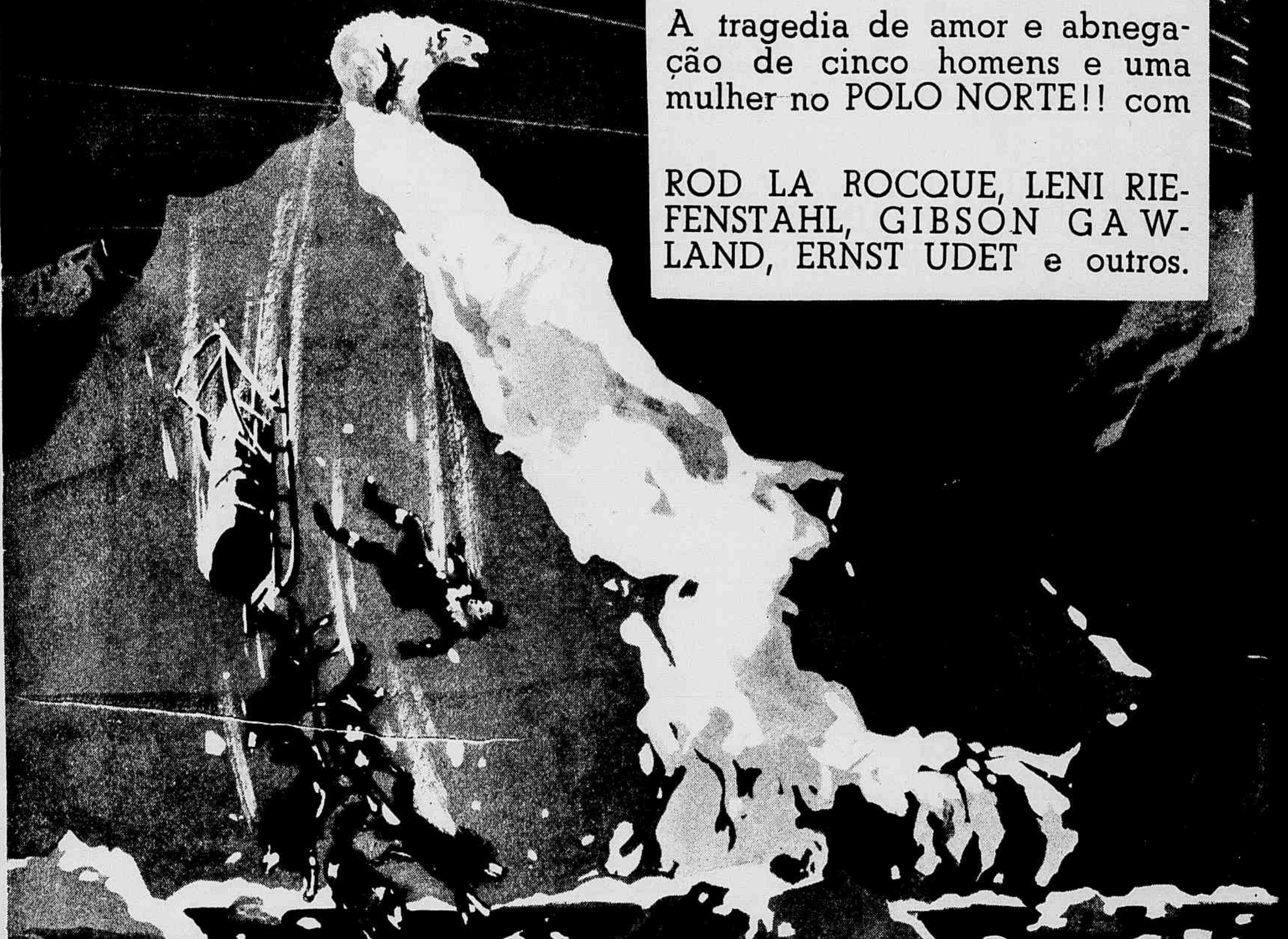
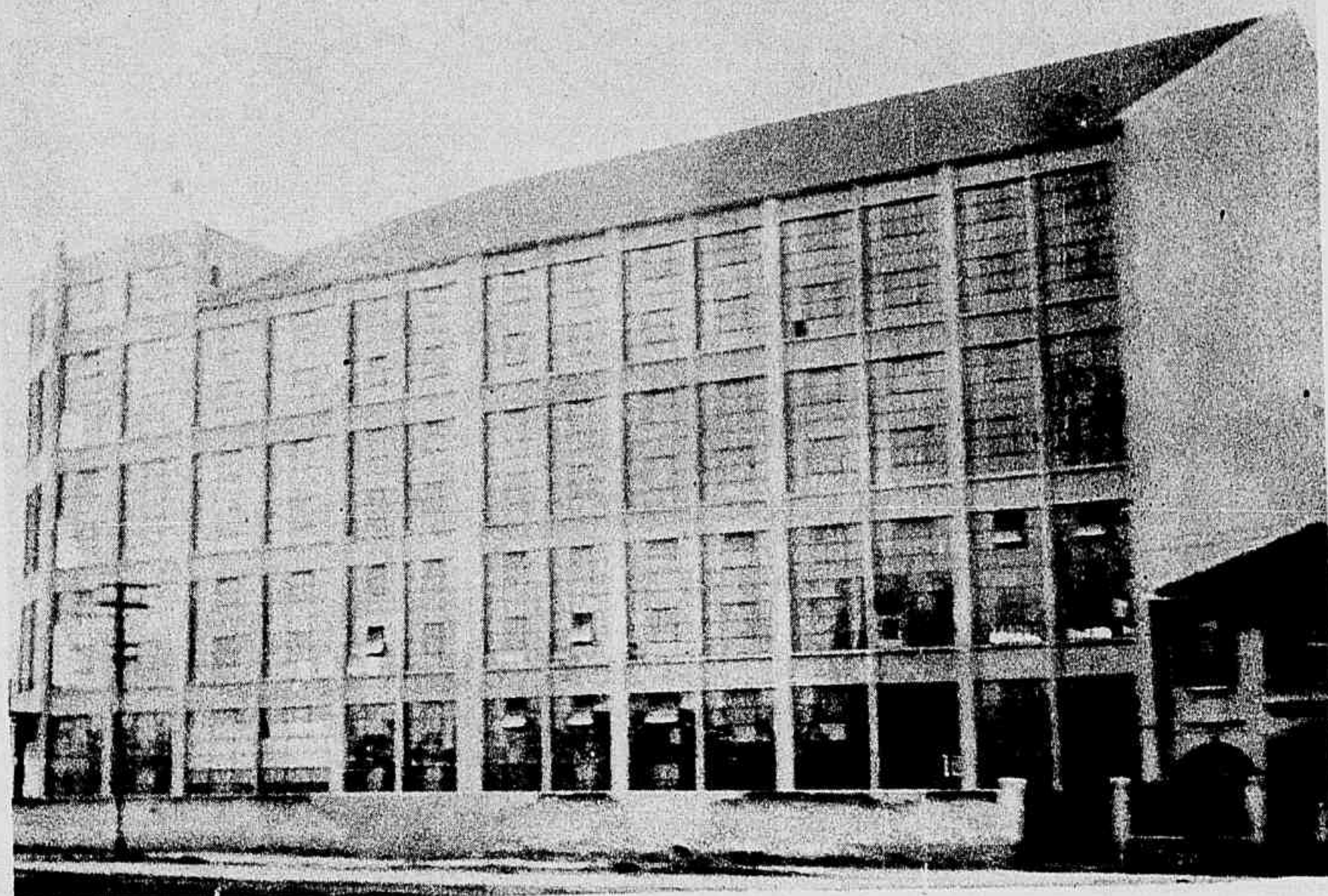
R — A maioria das peças theatraes levadas á scena em Nova York, são adquiridas atravez de corretores dessa cidade, American Play Company, ou advogados em New York ou Hollywood. As historias das revistas acompanham os direitos dos editores. Livros seguem o mesmo curso, a menos que o autor conceda ao productor Cinematographico uma opção em seu livro, submettendo-o antes de publical-o. *Nenhum Studio acceita manuscriptos de amadores.* Historias originaes para a tela resultam de conferencias entre os productores e o escriptor que possue a idéa sendo que o escriptor é usualmente empregado pelo departamento de historias, percebendo um salario qualquer, para preparar sua historia em fórma de synopses que, se acceita, é devolvida ao autor para desenvolvel-a adaptavel a tela, ou então entregue a um especialista para essa adaptação, ou ainda ao "scenarista" ou ao escriptor dos dialogos para preparar o "script".

P — Quem dá o ultimo *sim* na compra de uma historia?

R — O chefe de producções do Studio é quem delibera a compra, depois de receber recommendações do chefe das historias, do editor-chefe do departamento de "scenario" e ainda a reacção commercial do gerente geral de vendas.

P — Qual é o processo a seguir, depois que uma historia é acceita? O que significa uma conferencia de historia? Que trabalho tem um escriptor do Studio, isto é; o que tem elle a fazer para adaptar para a tela uma peça, um livro ou outra qualquer historia?

Quaes são os factores considerados para empregar-se um escriptor de Cinema? Quando e como são pagos esses escriptores?

(*Termina no fim do numero*)

Cinema Brasileiro

Studio da Byington de S. Paulo

Quando se produzia "Braza Dormida", Pongetti já tinha inveja de Humberto Mauro, o director de "Ganga Bruta".

Escreveu uma serie de deboches, num jornal carioca, sobre a Phebo de Cataguazes e, quando todos julgavam que tudo fôra apenas falta de assumpto ou consequencia de alguma crise dos seus tumores venosos, toda aquella xaropada estava transcripta no seu grande livro "Camera Lenta" com algumas chronicas gosadas sobre a Academia... "Braza Dormida" foi um dos maiores successos do anno, como poderá attestar Al. Szekler que o distribuiu. Maximo Serrano, modesta figura do Film, a quem Pongetti insultara de demente precoce, foi gosal-o, corrigindo innumeras asneiras Cinematographicas num quadro da sua "peça" "Nossa Vida é uma fita", cujo unico attractivo aliás foi a Mitchell emprestada ao Trianon...

Toda originalidade da "peça" era apenas o nariz do Procopio, que existia ha muito tempo e o successo foi tão grande que o actor brasileiro nunca mais quiz saber de outras, apesar da insistencia de Pongetti em empurrar aquella obra prima, "Historia de Carlitos", de que foi victima a Prefeitura e que Genesio Arruda aproveitou para uma comedia...

Pongetti, esquecendo-se de que a sua secção no "Globo" era de Cinema, insultou toda a critica honesta de theatro...

Ficou furioso com o successo de "Deus lhe Pague", quando elle é maior do que Bernard Shaw, mas ninguem lê as suas chronicas, e mais formidavel do que Pirandello, mas ninguem vê as suas "peças"...

E o fracasso do seu celebre "Tiberio", retirado logo do cartaz? E aquellas patacoadas do seu "Paraty"? E o "successo" dos Amadores no palco do actual Broadway?

E o seu grande Film "A Estrangeira", da Zenith-Film de Petropolis, cuja recusa formal por parte da Cervejaria local deixou os tremoços no seu "sub-inconsciente"?

E' desnecessario dizer o que tem sido CINEARTE no jornalismo Cinematographico. A figura do ex-representante de CINEARTE em Hollywood já foi até uma das principaes personagens da "Nossa vida é uma fita"...

Entretanto, qual foi a revista do seu Pingente? Aquella belleza do "Tijuca-Jornal", com a sua linda secção de Cinema?

Que tem feito este idiota para debochar o Cinema Brasileiro e insultar pessoalmente todos os seus componentes, em uma serie de quadradinhos do "Globo"?

Por que este Capozzi, admirador dos cartazes das fitas italianas, Guido de Verona de Maxambomba, o homem que accusa toda Hollywood de atrazada, não vae lustrar botinas ou arranjar um lugarzinho no Film luso-brasileiro?

O Cinema Brasileiro está vencendo o mais difficil: — o inicio. Este ou aquelle Film não tem importancia. No Rio, em S. Paulo trabalha-se muito, trazendo o Cinema do nada, sem nenhum auxilio, formando-se ambientes e organizações que apenas desejam aproveitar elementos novos e menos conversa fiada. Cinema não é privilegio de ninguem. Já temos algum material, appareçam agora os novos talentos.

O capital não é condicção essencial, principalmente para os que acham mais commodo fazer Cinema com o dinheiro dos outros.

Não seria mais interessante falar sobre o livro de cheques do sr. Roulien?

E que venham os grandes Films do "Anno do Cinema Brasileiro". Que venham as marchas calcadas no final de "Cavadoras de outro" e as bahianas com os seus docinhos...

Já estamos satisfeitos com os elogios, embora amarellos, ao "Caçador de diamantes" Esperamos agora factos.

\+ + +

Na nossa lista da producção brasileira de pequenos Films, em 1933, escaparam estes, cujos titulos vão abaixo: "O meu sonho", da Seel-Thomas; "A visita do General Justo a S. Paulo", da Rex-Film; "Evitando o perigo" (Prophilaxia da tuberculose), do Brasil-Jornal; "O sorriso das perolas", do Rio-Film — Sonóro — e — "A voz do Brasil".

E fomos informados agora que a Leopoldis-Film, de Porto Alegre, não Filmou "Porto Alegre Moderno".

Varios artistas do Cinema Brasileiro, dos Estados tem visitado o Rio, ultimamente. Reginaldo Calmon, um dos interpretes do "Caçador de Diamantes" — e o casal Almery Steves e Ary Severo, conhecido par do Cinema Pernambucano.

E tambem está no Rio, Pedro Neves, dos Films da Aurora.

Como se vê, quasi todos os elementos do Cinema recifense estão agora no Rio.

\+ + +

Henrique Pongetti, maldizente de tradição, o famigerado H. P., perdeu o freio com as observações que lhe fizemos. E quer attribuil-as ao successo technico e artistico de "Caçador de diamantes", qualidades que sempre negou ao Cinema Brasileiro em geral.

Dessas columnas e da Cinédia muito menos nunca sahiu restricção alguma a qualquer critica sobre um Film brasileiro.

A boa acceitação de "Caçador de diamantes", apesar de lançado em epoca de verão e de exigirem dos seus productores tres synchronizações, só foi para nós, e deve ter sido para Cinédia tambem, motivo de immensa satisfação.

O Film silencioso, que Pongetti classifica como obra de malucos, ainda encontra apreciadores, se bem que o Film em questão tambem seja producção atrazada no seu lançamento, pois o desejo de Capellaro é o de produzir Films falados.

A nossa campanha pelo Cinema Brasileiro é bem anterior a Cinédia. Pongetti ha muito o agride e insulta gratuitamente todos os seus elementos.

E agora saltou-nos ás pernas, ficou furioso porque apontámos o seu grande rabo cinematographico.

\+ + +

Fez annos a 31 de Janeiro, p. pdo. o Sr. Valdomiro Kerstry, gerente do Cinema Apollo, de Porto Alegre.

Em Pedras Altas, no Rio G. do Sul, foi inaugurado um novo Cinema, cujo nome vae ser escolhido pelo publico, depois.

Emilio Lacoste, que era gerente da United, no Rio, é agora o director da nova agencia da Columbia.

Anniversarios de Fevereiro na Agencia "Broadway-Programma": dia 6 — Nelson Osorio, programmador; 10 — Wilson Castellar, caixa; e 23 — Isaura Silva, telephonista.

Foi exhibido o "Brasil Jornal nº 5", da Brasil Jornal Ltda., que entre outras reportagens apresenta a catastrophe da ilha do Governador e a chegada de Lindberg ao Pará.

Milton Marinho e outras figuras do Film "Anguêra" da Lux-Film de Matto-Grosso

LIÇÃO DE

SEU coração está feliz? Não está? Consulte o Professor Bibi, rua Canton, 17...

—o—

Todos os dias, Francois, levava este cartaz pelas ruas de Paris, emquanto o seu proprio coração era infeliz e triste...

Francois é Maurice Chevalier em "Lição de amor", o Film em que Sylvia Sidney era a heroina e em meio da Filmagem abandonou o "set" dizendo que estava doente... e como fizeram-na de novo com a maravilhosa irmã de Scarface, que tanto ciume tinha da sua belleza, o leitor pensará logo que a "differenca" do coração de Francois era a adoravel Ann Dvorack... mas não era.

A paixão da vida de Francois, ambição que elle não tinha esperanças de realizar, era conseguir o emprego de cicerone official da cidade-luz!

Mas isto foi até o dia em que veiu a conhecer Ann Dvorak... desde esse dia, Chevalier transformou-se. Esqueceu-se do posto de cicerone e em vez de sonhar que estava dizendo aos "touristes" — "Aqui é o tumulo do soldado desconhecido"... "Ali existiu a Bastilha"... sonhava que declarava a moreninha: "I Love You" e ella lhe repetia esta phrase, mais simples do que os Films de Vidor, sempre a mais adoravel seducção para quem a ouve...

Maurice Chevalier tinha razão para esquecer-se de cousas mais importantes ainda! Madeleine... Ann Dvorak... nem sempre "ha mulheres assim"... Madeleine era o **alvo** gentil, do atirador de facas — Pedro — que tinha bastantes motivos para ter muitos ciumes da pequena... e era feroz, não admittindo que ninguem procurasse estudar o encanto daquelle par de olhos negros, mais fascinantes do que os de Rasputin...

Pedro considerava Madeleine sua exclusiva propriedade e a pequena tinha um medo terrivel de Pedro...

—o—

Na loja de Bibi, Anna Marie uma camponeza, sobrinha da mulher de Bibi e que anda á procura de um marido... considera Francois o seu ideal. Mas este não a ma e mesmo que não estivesse amando agora a moreninha Madeleine, não teria tempo para pensar em outra cousa senão em conseguir o cargo de guia official da capital franceza...

Fugindo de Anna Marie, Francois tem a opportunidade de effectuar dois salvamentos: o primeiro é um cãozinho branco, que usa pretenciosamente o nome do grande amante da Historia — Casanova... O segundo é a sua querida Madeleina! "Casanova" vinha perseguido por um grande "bull-dog"; a pequena fugia horrorizada de Pedro, que brandindo uma afiadissima faca parecia querer experimentar **não** accertar no **alvo,** em que era infallivel...

Francois leva Madeleine para a sua casinha, onde vae encontrar Suzanne, Joe, um compositor americano, e Pierre, um proprietario.

E Madeleine é installada como hospede official na residencia de Francois.

—o—

Certa noite, Francois annuncia que vae cear com uma linda pequena. Ouvindo-o, Joe acredita que Francois não ama Madeleine e como está, por sua vez, apaixonado por Ann Dvorak, pergunta ao amigo se elle se oppõe que declare o seu amor a Madeleine.

Francois, desilludindo Joe diz que não permittirá isso.

Este, entretanto, não se convencendo que Francois esteja apaixonado pela pequena, porque não dera o "contra" aos amores do seu companheiro com a pequena, com o enthusiasmo que deveria manifestar, resolve convidar Madeleine para sahir com elle, ás escondidas de Francois. Mas ahi é que elle acredita que o amigo ama Madeleine: Esta não acceita o convite para sahir, com elle e dizendo-lhe mais que não o ama, diz-lhe tambem que o seu amor é Francois e que Francois a adora...

Francois que tinha sahido para ceia a que se referira, em meio do ca-

(THE WAY TO LOVE)
FILM DA PARAMOUNT

Francois	Marice Chevalier
Madeleine	Ann Dvorak
Gaston Bibi	Edward Everett Horton
Monsieur Joe	Arthur Pierson
Suzanne	Minna Gombell
Rosalie	Blanchhe Frederici
Anna Marie	Nydia Westman
Pedro	George Rigas
Marco	John Miljan
Pierre	Sidney Toler
Grace	Grace Bradley
"Casanova"	"Mutt"

Direcção de NORMAN TAUROG

minho começa a pensar que o amigo lhe fará uma traição e volta immediatamen-

AMOR

te para casa. Mas quando elle chega em casa, antes que verifique se Madeleine e Joe estão em casa, é surprehendido pela presença de Pedro, que acompanhado por um "gendarme", estava ali para reclamar o seu direito a Madeleine... O guarda ameaça Francois de prisão, caso elle não entregue a pequena ao seu protector legal. Madeleine para salvar Francois, resolve voltar para Pedro.

Mas naquella mesma noite, Madeleine volta para a casa de Francois e encontra abrigo e protecção com Suzanne, que expulsa Pedro e o guarda quando elles apparecem novamente para levar a pequena. Então Suzanne, Joe e Pierre decidem salvar definitivamente Madeleine das mãos do jogador de facas e para isso resolvem fazer o casamento da pequena com Francois, que assim passará a ser o protector legal da encantadora moreninha.

Francóis está de accordo, é logico, e pela primeira vez, pede a Madeleine para ser a sua esposa, proposta

que ella acceita com a maior alegria de sua vida.

E não é que além de ganhar uma mulherzinha tão delicada, o nosso heroe recebe tambem, no dia seguinte uma proposta de emprego como guia official de Paris?!

Mas emquanto elle está exhibindo orgulhosamente as suas qualidades de cicerone, Madame Bibi está empenhada em contrariar os seus planos de casamento com Madeleine, esperando conquistal-o para sua sobrinha Anna Marie...

Ella apressa-se em dizer a Madeleine que sua sobrinha, com seu dote de 40 mil francos é a esposa que convém a Francois e a pequena, desilludida, naquella mesma tarde, diz ao cicerone que não pode casar-se com elle... Mas Bibi está alerta. Desconfiando da trama de sua esposa, elle se põem ao par de toda a intriga e avisa a Francois...

Previamente fortificados com alguns copos de "beer"... Bibi e Francois vão fazer uma visita ao parque de diversões, para desafiar Pedro e trazer Madeleine de volta para o seu futuro lar.

Lá estava a pequena na mesma posição em que Francois a conhecera.

Mas era ultima vez que Madeleine servia de alvo...

No dia seguinte ella era a Senhora Francois...

FILMS EXAMINADOS PELA COMMISSÃO DE CENSURA

Cahido do céu — Comedia — Paramount International U.S.A. — Approvado.

Gloria e poder — Drama — Fox Film Corporation U.S.A. — Improprio para crianças — Approvado.

Um socco para cada canto — Comedia — Paramount International Corporation U. S. A. — Approvado.

Cocktail musical — Paramount International Corporation U. S. A. — Approvado.

O Conde de Monte Christo — Film Alex Nalpas — Approvado.

Fama e fortuna — Desenho-Universal Pictures Corporation U.S.A. — Approvado.

Sangue hungaro — Comedia — Froelich Film — Berlim-Allemanha — Approvado.

Beijos por dinheiro — Drama — Metro-Goldwyn Mayer U.S.A. — Improprio para menores — Approvado.

A parada dos soldados de chumbo — Desenho — Paramount International Corporation U.S.A. — Approvado.

Bumba meu boi — Desenho — Paramount International Corporation U. S. A. — Approvado.

O peixe humano — Comedia — Paramount International Corporation U. S. A. — Approvado.

O simplorio ambicioso — Drama — Paramount International Corporation U.S.A. — Approvado.

Nas florestas da Finlandia — Natural — Universum Film (Ufa) — Allemanha — Educativo.

Noite de nupcias — Comedia — Universum Film (Ufa) — Allemanha — Improprio para menores — Approvado.

Seguro accidentado — Short — Vitaphone Varieties U. S. A. — Approvado.

Que orphãos! — Short — Vitaphone Varieties U.S.A. — Approvado.

No valle da aventura — Drama — Warner Bros. U.S.A. — Approvado.

Sua magestade, o amor — Comedia — Joe May, Berlim-Allemanha — Approvado.

Madame Barba azul — Drama — Hegewal Film, Berlim-Allemanha — Approvado.

Buddy na cervejaria — Desenho — Vitaphone Varieties U.S.A. — Approvado.

Buddy de folga — Desenho — Vitaphone Varieties U.S.A. — Approvado.

Treze mulheres — Drama — R.K.O.-Radio Pictures U.S.A. — Prohibido para menores — Approvado.

Madame Du Barry voltará ao Cinema, interpretado por Kay Francis. O Film é da Warner Bros.

Frank Borzage é quem vae dirigir o "Napoleão" de Edw. G. Robinson para a Warner Bros.

O conhecido actor francez Jean Angelo tambem bateu a bota. Uma das cousas interessantes de sua carreira foi ter interpretado o papel de "Morhange" nas duas versões Cinematographicas de "Antlantida". Seu ultimo Film foi "Colomba"

WALLACE FORD

WALLACE FORD foi um engeitado. Seu principio de vida não foi roseo, como o de muitas creanças que nascem e possuem uma cama aquecida e mãe para embalar seu berço.

Wallace Ford foi abandonado nos degraus da porta de um orphanato para meninas. Um medico levou-o, então, para um outro — de meninos. Ali, como elle não estivesse muito limpo, despiram-no e levaram-no a uma piscina sem agua, despejando então sobre elle o liquido essencial para uma limpeza em regra. Mas, com o peso da agua, escorregou no cimento liso e cahiu redondamente no chão, ferindo-se.

Depois de calcularem a sua idade deram-lhe o nome de Sammy Jones e, como quasi todos os orphãos, Sammy mais tarde quiz fugir daquelle presidio.

Os annos passaram.

Muito cedo a sua vida tornou-se uma adopção em seguida a outra adopção.

Elle foi sete vezes adoptado por diversas pessoas. A primeira adopção teria sido feliz porque a mulher que o adoptou era uma senhora de edade e sobretudo bondosa. Sua casa era linda e o joven desamparado começou a ver a vida através de lentes mais coloridas. Mas, para sua infelicidade, sua mãe adoptiva morreu.

Em sua desdita, elle fugiu para o quarto onde jazia sem vida aquella que era a sua adoração, e dormiu sobre o caixão. Depois lutou com o agente dos serviços funerarios, quando este foi buscal-a para levar para o cemiterio. A dôr de um orphão quasi sempre não é considerada por muito tempo e, assim, bem depressa levaram-no de volta ao orphanato.

Seu purgatorio era, agora, muito peor do que antes. Já havia conhecido as delicias da vida. Ali ficou por muito tempo, tendo sido adoptado por mais cinco vezes. Achou então, quem ainda o quizesse adoptar mais uma vez. Porém, antes, elle provou um outro "prazer". Depois de uma briga com um menino na qual uma faca fôra usada, os lutadores foram separados e Sammy Jones, com suas roupas tintas de sangue, foi atirado numa cella.

Tudo isso aconteceu no Canadá.

O superintendente do orphanato, de accordo com o que diz Sammy Jones, o actual Wallace Ford, achava-o parecido com o Rei George, com excepção de que seus olhos eram muito mais penetrantes. Dias depois elle trouxe á cella onde estava Sammy uma senhora idosa e seu filho mais velho.

Queriam adoptar um menino e estavam escolhendo.

O superintendente com os olhos maus mostrou-lhes Sammy Jones, dizendo: — Este é o peor menino que temos no orphanato. Está sempre brigando." Então o filho da velha senhora disse: — "Creio que se o tivesse em minha fazenda tirava-lhe esse pessimo habito muito depressa."

Em bem pouco tempo o menino estava fazendo uma viagem muito longa através do immenso Canadá e directo a Manitoba, para uma villa que sómente consistia de um elevador de trigo, um carro, um escriptorio de telegrapho e a pequena estação da estrada de ferro. A fazenda para a qual a velha senhora, seu filho e o pequeno vagabundo seguiam, ficava a 24 milhas além da villa. Toda a viagem foi feita em silencio.

Uma vez na fazenda, Sammy ficou sabedor do que o esperava. Elle era obrigado a trabalhar como um homem. Desde a madrugada até á noite o seu labor era constante. Antes de iniciar seu trabalho, fazia o fogo pela madrugada, e ás sete horas já estava no campo em plena actividade. Tudo isso numa edade em que outras creanças ainda estão agarradas aos paes, recebendo seus carinhos e desvelos. Naquelle tempo elle contava apenas 11 annos de edade.

Sua nova mãe adoptiva pesava cerca de 300 libras e soffria de hydropisia. A molestia mantinha essa senhora em constante irritação e, em consequencia, ella seguia o velho instincto — quando em duvida espanque um orphão. Quando a pesada velhota tornava-se enfurecida, o que se repetia sempre, o futuro Wallace Ford tinha que recorrer aos braços da natureza e cortar a sua propria chibata.

Uma vez, em meio de uma boa sova, a chibata quebrou-se

Oliver Twist pedindo mais sopa, nao causou maior consternação.

A dignidade massiça da velha hydropica esmigalhou-se. A chibata quebrada cahiu de sua mão tremula, e ella chorou de desespero.

Aquella noite, quando seu filho voltou para casa, a mãe toda em prantos contou-lhe o que tinha succedido.

E, para salvar a honra da familia, o filho foi forçado a cortar uma outra chibata muito maior e mais forte, para castigar o pequeno.

Este apanhou tanto que o seu corpo tornou-se preto e azulado em diversas partes, que Sammy muitas vezes nem a propria roupa podia usar.

Tom, o filho querido que açoitava Sammy para recompor a dignidade da velha, era tão grande quanto ella. E o soffrimento do orphão foi tamanho qua acabou por penalisar o valentão a tal ponto que tornou-o um religioso.

Nunca sahiu da cabeça de Sammy que Tom não tivesse os miolos em desordem. Porém isso, excepto para Sammy, não significava cousa alguma num logar tão afastado e abandonado.

O superintendente do orphanato tinha por habito viajar pelo Canadá, investigando como "seus rapazes" iam vivendo.

Visitando a fazenda onde Sammy estava, perguntou-lhe si elle era feliz. E Sammy, naturalmente, instruido por seus paes adoptivos, e ainda receoso de ser espancado, respondeu-lhe que elle era muito feliz e que ia á escola todos os dias, em vez de trabalhar como um escravo.

— "Gosto immensamente da senhora Newton e seu filho" — terminou Sammy.

(Termina no fim do numero)

'Adrienne, Randolph Scott e Chevalier, no Studio

Dois aspectos da festa que Adrienne e Bruce Cabot deram em Hollywood, em regosijo pelo seu casamento, vendo-se Jack Oakie e Jetta Goudal. (lembram-se desta?)

Adrienne Ames e seu novo marido Bruce Cabot

Ella e Helen Twelvetrees quando trabalhavam em "Beijos para todos", de Chevalier

AS APPARENCIAS ILLUDEM

KIPLING, se estudasse Kay Francis, alargaria os seus conhecimentos sobre as mulheres. Ella é a mais contradictoria dama do Celluloide e tambem uma das mais interessantes.

Quando o "reporter" invadiu o "set" á cata duma entrevista, ia a pensar numa Kay Francis, que, na realidade, nunca existiu. Ella não é, absolutamente, o que apparenta. Não é nada do que a gente pensa que ella seja.

Para começar, tem assim uns ares de haver nascido em Paris, em St. Moritz, ou em Richmond, na Virginia.

Nada disso.

Kay Francis veiu ao mundo simplesmente em Oklahoma City, em Oklahoma, diz ella que "por engano".

O Destino deveria ter-lhe dado um sobrenome parecido com Duse, Barrymore ou Chatterton, mas qual! O verdadeiro nome da actriz é Catherine Gibbs, nome burguez e pouco theatral, que ella teve que mudar, por exigencias de cartaz, para Kay Francis, abreviando o Catherine e tomando o sobrenome do seu segundo marido.

Kay deveria passear por Hollywood, rodeada de mysterio e meio occulta nas fofas almofadas dum carro de luxo mas, em vez disso possue um simples Ford, que ella propria dirige.

Dá a impressão de passar horas indolentemente recostada sobre um sofá forrado de setim, quando, na verdade, do que ella gosta mais é de acampar no matto, dormindo numa modesta cama de vento, protegida por um mosquiteiro!

Tem o typo dessas beldades, que gastam rios de dinheiro com perfumes exoticos, e, aqui para nós, é bem possivel que os gaste, mas, ao mesmo tempo, já declarou, por diversas vezes, em alto e bom som, que o aroma que mais lhe agrada, o que a embriaga e que considera irresistivel, é o cheiro da "pipoca americana", acabada de fazer.

A gente facilmente a imagina sentada a uma mesa riquissima, emquanto um criado amavel e imponente lhe serve as mais complicadas iguarias mas Kay, quando fala em comida costuma dizer que não ha nada no mundo como um bom bife com batatas, e quanto ao resto, é doida pelo humilde "picolé", que os garotos saboreiram na rua.

Não acham os leitores que esta linda mulher é uma contradicção viva á idéa que toda a gente faz della? Não são de opinião que não é quasi nada de tudo aquillo que parece ser?

Kay Francis é supersticiosa...

Aquella languidez, que aos "fans" se afigura tão natural, é apenas postiça. Kay correu cem metros em doze segundos, quasi o tempo dum homem. Gosta tambem de jogar tennis.

Quantos não julgarão que a actriz passa a vida a pensar e a falar na sua "arte", com gestos lentos de princeza enfastiada?

Puro engano.

Provavelmente, a estas horas, Kay anda muito mais preoccupada com uma nova mobilia para a sala de visita!

Sendo uma das mais elegantes actrizes do Cinema, Kay não devia matutar noutra coisa senão em vestidos, e, no entanto, prefere pensar em pescarias em alto mar.

Assim, se o leitor se sente desapontado, não continue. O "reporter" não ficou desapontado, mas surprehendido e deliciado. Qualquer sereia do Celluloide, que goste de presunto com ovos e que declare saber cozinhal-o "lindamente" merece as sympathias de toda a gente.

Não nos parece possivel que a actriz seja capaz de repousar noutra coisa que não numa luxuosa **chaise-longue,** e, todavia, Kay dá preferencia a uma cama de lona.

De accordo com o typo que creou na tela, e que, neste momento, estamos a derrubar, Deus nos perdõe, Kay, em litteratura, só devia ler os romancistas francezes da escola decadente, ou talvez Ibsen ou Tolstoi. Mas não. E' mais affeiçoada aos dramas policiaes, a Hemingway e outros autores modernos.

E quem diz que Kay Francis, com toda aquella "pose" de rainha, é doida por um "match" de box e pelas corridas de bicycleta?

Quem diz que, em vez de perder sommas enormes no jogo, se contenta com pequenas "paradas" no "bridge"?

Qualquer novellista, que escrevesse sobre uma mulher desse typo, rodeal-a-ia de filhotes de leão e outra bicharada exotica, mas Kay está muito satisfeita com dois cães, dois gatos, um papagaio, um coelho, um canario, varios peixinhos dourados e tres rãs.

E se o leitor pensa que a actriz é apenas efficiente na na arte de ser bonita, fique sabendo que Kay é uma perita esteno-dactylographa.

Ha muita gente que imagina que Kay possue quasi tantas joias como a propria Peggy Hopkins Joyce. Longe disso. Kay detesta os brilhantes e apenas usa broches antigos e um par de brincos baratos, que lhe servem mascote. Kay não devia ter superstições, mas tem-nas. Embirra, por exemplo, com a côr azul. Não usa nada que seja azul.

(Termina no fim do numero)

Vestido de "soirée" em crepe branco, guarnecido de marta.

LILIAN HARVEY

Toilette para rua em estylo russo. E' de crepe "marocain" castanho. Casaco, sapatos e chapéo guarnecido de astrakan.

Vestido para casa de "chiffon" rosa com rosa de setim nos hombros.

MIRIAM HOPKINS

No outro canto, em cima, organdy branco, metal enfeitado de prateado. Cinto de metal.

Que aconteceu a Karen Morley?

HA um anno escasso, era, no céu de Hoolywood, uma das mais brilhantes estrellas em estado potencial; hoje, está quasi esquecida. Os observadores da vida de Hollywood garantem que pouco falta a Karen para mergulhar no ostracismo mais completo e tecem considerações interessantes sobre a triste queda duma actriz, cuja carreira no Cinema se iniciou sob tão bons auspicios. Quando o ensaiador Clarence Brown a descobriu a fama de Karen correu como a de uma grande estrella em formação. Raro dia se passava sem que não se publicassem coisas sobre o seu encanto, sobre a sua distincção, sobre a sua individualidade. Hoje, é um nome que apparece lá uma vez ou outra nas folhas e, assim mesmo, em typo muito miudo.

Quando nasceu o filho de Karen, apenas um jornal de Los Angeles noticiou o acontecimento num cantinho de pagina. O registro limitava-se a dizer que a actriz Karen Morley, esposa do director Charles Vidor, dera a luz a uma creança de sete libras de peso, no hospital de Saint Vincent. Nem uma linha a respeito da carreira de Karen ou da sua popularidade nos Films. Se fosse ha um anno, o retrato da actriz andaria provavelmente por todos os jornaes, com noticias de duas columnas, a festejar o feliz acontecimento.

"Inspiração", da Garbo, mudou completamente, dahi para cá.

Logo depois de acabado aquelle Film, disse eu, em conversa com um dos homens da publicidade do Studio, que Karen havia andado na escola commigo. O funccionario da prapaganda da M. G. M., pediu-me, implorou-me, por assim dizer, que escrevesse uma chronica a respeito della. Segundo elle me declarou, na occasião, a fabrica tinha todo o empenho em ajudar uma actriz cuja carreira no Cinema estava fadada a um exito dos mais brilhantes. Foi assim que se publicou o primeiro artigo que appareceu nos magasines Cinematographicos sobre a personalidade de Karen.

Pois, não faz muito tempo, telephonei para o Studio, desejosa de escrever outra noticia a respeito da minha amiga. Respondeu-me o departamento de publicidade que não sabia do paradeiro della, que nado constava a respeito do seu estado de saude (a creança ainda não nascera) e que não havia outras informações.

Não foi sómente a attitude dos jornaes que mudou. O descontentamento do publico é cada vez mais evidente. Os "fans" querem saber o que faz Karen, por que razão já não se toca no nome della e que causas concorreram para tão subita reviravolta.

— Pagamos para vel-a, dizem elles. Não temos o direito de saber alguma coisa a seu respeito?

Mas Karen nada responde.

Quanto á attitude do Studio, com o qual a actriz tem contracto, desde o seu primeiro exito em

Pela linguagem da pessoa com quem falei, tive a impressão de que a personalidade de Karen já nada vale em Cinema, mas talvez não seja assim. Quem sabe se não é a propria Karen quem deseja viver arredia, de commum accordo com o Studio? Seja como fôr, a attitude da M. G. M. com relação á actriz é muito differente do que era ha menos de dois annos!

No principio da sua carreira, Karen sempre se esforçou por obter as boas graças dos representantes da imprensa. Assim procede quem vive do favor publico. Estava sempre prompta para conceder entrevistas e fazia todo o possivel por ajudar os jornalistas. As suas suggestões encantavam pela originalidade. Toda a gente se lembra do interesse que despertavam, pela novidade, os seus pontos de vista sobre o amor e o casamento.

— Preferia morrer a ter que viver a mesma vida da maioria das mulheres.

Era assim que Karen falava ha menos dum anno:

— Varrer a casa, cozinhar, ter filhos... Que horror! Nem mesmo o amor me obrigaria a isso!

Palavras... Palavras... Palavras...

Karen falava por falar e a prova mais robusta é que se casou e já teve um filho como todas as mulheres...

Em certa occasião, a actriz declarou, numa entrevista, que não tinha tempo para pensar em romances de amor.

— Talvez daqui a muitos annos me lembre de casar, mas não é certo. Daqui a muitos annos...

Dois ou tres mezes depois, Karen casava com Charles Vidor...

Talvez ella ainda professe a mesma antipathia pela vida domestica, mas o que é facto é que vive tranquillamente numa casa de Westwood Village, tem apenas uma criada, e, segundo corre, o marido, até hoje, sempre encontrou a comida prompta e a horas!

Pouco antes de casar, Karen deixou, de repente, de ligar importancia á publicidade. Não tornou a apparecer aos que, noutros tempos, eram tão seus amigos, os jornalistas. Sumiu-se por completo. Recusava-se a falar sobre o seu romance com Charles Vidor e, quando, forçada pelas circumstancias, a isso se referia, era para negar-lhe a existencia. Começaram a correr boatos de que já se casara.

(Termina no fim do numero)

Quando Michael Karoly Vidor nasceu, apenas um jornal de Los Angeles deu a noticia...

O HOMEM das CAVERNAS Gosta de Mae West!

QUE explicação dará a sciencia á estranha fascinação que Mae West exerce sobre milhões de pessoas perfeitamente normaes e sisudas? Acerca desse feitiço, não ha discussão possivel, tão evidente é elle. O primeiro Film de Mae "Uma loura para tres" bateu todos os **records** de bilheteria, produzindo enorme reboliço entre o publico de Cinema.

Está officialmente confirmado que 742 Cinemas dos Estados Unidos fizeram "reprise" do Film de Mae. Cento e quatro casas exhibiram-no em tres occasiões differentes; vinte e seis em quatro e seis tiveram que pol-o no cartaz em cinco temporadas e só assim o publico se satisfez.

Mas que extraordinaria magia haverá na personalidade da actriz para causar tanto alvoroço? Que luz poderá lançar a sciencia sobre a questão?

Ouçamos a resposta dos labios dum homem, que, nos Estados Unidos, está perfeitamente qualificado para discorrer sobre o assumpto. William J. Fielding.

William J. Fielding já escreveu muitos livros sobre as emoções humanas. Entre elles, figuram "The Caveman Within Us" (O homem das cavernas que ha em nós) e "Love and the Sex Emotions" (O amor e as emoções sexuaes), obras adoptadas em todas as aulas modernas de psychologia. As suas opiniões são constantemente citadas por professores illustres como, por exemplo, o Dr. William A. White, o notavel psychiatra, e M. M. Willey, do Dartmouth College.

Era, portanto, a pessoa mais autorizada para revelar o segredo do singular encanto de Mae West.

— Effectivamente, respondeu o Sr. Fielding, quando o interrogaram, a pergunta tem resposta, e resposta cabal, definitiva. Mas, para a comprehender, temos, primeiro, que saber uma coisa a nosso proprio respeito: o facto de que ha em cada um de nós, escondido no fundo das nossas almas, uma especie de "homem das cavernas".

Esse "homem das cavernas", que existe em nós, não é nem intellectual, nem moral. E' vital, um perfeito selvagem difficil de amansar, interessado pelas coisas mais elementares da vida e que não teria nenhum escrupulo em satisfazer os proprios desejos, á custa de outrem, desde o momento em que o deixassem á solta:

"Mas, naturalmente, ninguem o deixa á solta. Somos pessoas equilibradas, civilizadas, com moral. Quando os impulsos do "homem das cavernas" vêm á tona, tratamos logo de recalcal-os. Isso, porém, não quer dizer que nos libertamos delles. Continuam dentro de nós, em estado latente, sempre á espera duma aberta para se expandirem. E é ahi que a personalidade de Mae West entra em jogo.

"Quando a vemos em "Uma loura para tres" estamos em presença duma creatura livre e natural que procede exactamente como gostaria de proceder o tal "homem primitivo" dentro de nós. Elle sente-se tão fascinado pelo espectaculo, como uma mariposa pela luz. Como a vida seria boa! Cada "nuance" das acções de Mae, cada relance de olhos, cada gesto, cada inflexão da voz, constitue para o "homem" um prazer extraordinario. E' por isso que a actriz arrasta multidões. E' a creatura mais feliz do Cinema actual, porque agrada ao "homem das cavernas", que está dentro da alma".

Não ha quem não comprehenda estas palavras e que não concorde com o professor. O goso do publico era bem expressivo naquella scena em que Mae, toda requebros deante de Gary Grant, lhe atira a phrase, que, depois, ficou celebre na America: "Why'n cha come up some time?", e que, em portuguez, quer dizer, mais ou menos: "Vamos "até lá", meu nêgo?"

Mas essa historia do "homem das cavernas"... Ha pessoas sensiveis que se sentem constrangidas em saberem da existencia desse camarada... E quanto a deixal-o ir ver os Films de Mae West...

— E' justamente o que toda a gente deve fazer, responde o professor Fielding, com emphase. Nesse ponto, Mae West é um verdadeiro presente do céu, especialmente nestes tempos de depressão em que todos se sentem tristes e preoccupados.

"E' erro grave exercer demasiada repressão sobre o "homem das cavernas". Não quer dizer que o deixemos cabriolar á vontade. Isso seria desastroso numa sociedade civilizada, mas tambem não devemos "prendel-o" muito, pois, nesse caso, os inconvenientes seriam os mesmos. Quando a valvula de segurança duma caldeira não funcciona, a caldeira rebenta!...

"O homem das cavernas" faz parte da nossa personalidade e não nos podemos libertar delle. Portanto, quando o vapor emocional, creado dentro de nós por semelhante individuo, exerce uma certa pressão, só ha uma coisa a fazer, que é deixal-o expandir-se inoffensivamente. E isso, felizmente, é muito simples de conseguir.

"Porque esse "homem primitivo", no fim de contas, é muito facil de illudir. Basta, por exemplo, leval-o a vêr no theatro ou no Cinema uma pessoa que proceda, como elle gostaria de proceder, para que se dê por satisfeito, cessando de nos importunar com os seus impulsos. E' só por esse motivo que, na minha opinião, os Films de pistoleiros e mulheres de mau comportamento têm alcançado tamanho exito.

"Tenho observado as platéas que assistem aos Films desenrolados entre gente do baixo-mundo e não ha como negar que o publico se regosija com o espectaculo de certos actos e caracteres, que a sociedade nunca poderia approvar. Não ha outra explicação, a meu vêr, para o espantoso successo de Edward Robinson e George Raft

(Termina no fim do numero).

Alice White

A sua transformação não está moderna? Vôvô Laemmle é o seu padrinho.

T. T.

DE P. R. ESPECIAL PARA "CINEARTE"

Poucas artistas trabalham em tantos Films num anno.

Thelma Todd é um presente bonito daquella escola Cinematographica da Paramount, ha oito annos, que tambem deu ao Cinema a formosa Sharon Lynne.

Era uma vez... um collegio em Lawrence (Massachussets), com uma professora de cabellos louros que os alumnos mais crescidos namoravam e tudo faziam para serem reprehendidos só para poderem olhar sem disfarçar, os olhos della, durante a reprehensão...

Um dia houve na cidade um concurso de belleza e a professora foi uma das concurrentes. O jury não discutiu, premiou-a.

"Blonde Venus" de Marlene veiu muito tarde, depois de Greta Nissen. Thelma Todd foi a primeira Venus loura do Cinema...

Ella venceu o concurso e foi logo contractada por um "scout" de Jesse Lasky para a Escola de Cinema, que a marca das "estrellas" abrira para fazer "stars".

Foi assim que ella entrou em Hollywood e fez a sua estréa, ao lado dos outros alumnos da Escola Paramount no Film "Desafio á mocidade", lembram-se?

Foi heroina dos "cow-boys". Gary Cooper e Richard Dix amaram-na, respectivamente em "O amor commanda" e "Jovial defensor". Fez uma curiosissima Princeza na comedia "No galarim da Gloria", o primeiro Film em que vimos este comico agora tão falado em Hollywood — Ed. Wynn. E nos lembramos duma pontinha de Thelma no Film de Nancy Carroll — "Rosa irlandeza"...

E dahi por deante, ella começou a ser a gentil gatuninha de varios Films da First National... "Segredo de morte", com Dick Barthelmess; "O turbilhão", com o saudoso Milton Sills; "Frente a frente", com o casal Lloyd Hughes-Mary Astor; "Cavando um millionario", de outra então "ladra" — Alice White...; "O dinheiro dá coragem", "Nos dominios de Satan" e "A casa de Orates", tres Films mysteriosos; "Cherchez la Femme" e "Honra de mulher", da encantadora Billie Dove... A figura de Thelma Todd com seu "sex-appeal" era uma fascinação. Ninguem discutia: os cavalheiros tinham que preferir a loura T. T....

Vimol-a tambem "roubando" dois Films da Columbia: "A noiva do millionario" e "Casamento provisario" — e "Escudeiro da lei", da Universal, mas onde a platéa ficou tonta com Thelma foi numa deliciosa comedia da First — "Venus á solta" — bulindo com a Grecia Mythologica. Foi onde o Cinema mostrou que as estatuas de Venus são café pequeno...

E provando que os cavalheiros são sempre inconstantes, Thelma Todd seduziu-os, mais tarde, quando nos appareceu com cabelleira preta naquelle bonito Film de

AS lourinhas estão em moda mais uma vez no Cinema...

Quem não ficou louco por Mary Carlisle, "gold digger" em "As 4 sabidonas"?

Viram Ruth Channing, aquella de franjinha que atrapalhava Eddie Quillan em "Da Broadway a Hollywood"?

A adoravel Lilian Miles, "roubou" "Luar e Melodia", da "estrella" Mary Brian...

Lembram-se daquella lourinha — Adriene Brier — que apparecia sempre sorrindo nas scenas de ensaios com Warner Baxter neurasthenico, em "Rua 42", a unica que parecia não estar dizendo como as outras: — "...mas que director tyranno!"...? Ella tem trabalhado muito ultimamente.

"O meu boi morreu" apresentou essa loura estupenda — Shirley Chambers — que com a moreninha June Brewster poz em apuros Charlie Ruggles em "Cruzeiro de amores"...

"As 4 sabidonas" tambem nos deram June Knight, com aquelles olhos irrequietos ineditos no Cinema...

E "muito teriamos que falar"... se fossemos citar as outras louras admiraveis que o Cinema tem nos mostrado, ultimamente... sem falar em Toby Wing...

As louras sempre foram as mulheres mais bonitas do Cinema. Sempre ellas são mais lindas ainda do que a téla as mostra. As "cameras" têm ciumes dos "fans"...

Thelma Todd é uma das louras que mais têm sido "mal mostradas" pelos Films. E se ella é tão linda, tão fascinante, como a téla nos tem mostrado, calculem a formosura que ella é pessoalmente.

Ha muito tempo que esta loura interessantissima vem merecendo um artigo. Ella bateu um "record" em 1933 "Air Hostess", da Columbia; "Fra-Diavolo" (repararam no signal que usou no lado direito do rosto e que deu ainda mais "it" a Lady Pamela...?); "Deception", tambem da Columbia; "Mulher e medica", da Warner, que vimos no fim do anno; "You Made Me Love You", feito na Inglaterra; "Cheating Blondes", da Equitable, onde tem um duplo papel!; "Sitting Pretty" ao lado da deliciosa Ginger Rogers, um Film musical da Paramount em que reapparece dirigindo bailados o conhecido Larry Ceballos; "Hollywood Party", a grande "revue" da Metro; "Son of a Sailor", da First National com Joe E. Brown, fazendo uma Baroneza e vivendo uma moreninha com umas olheiras fascinantes e irresistiveis; "Joe Palooka", da United, ao lado de Lupe Velez e Jimmy Durante, usando um penteado originalissimo "Counsellor at Law", da Universal, com John Barrymore — e — "Hips, Hips, Hooray", da Radio, secundando a dupla Wheeler-Woolsey e tendo como concurrentes de belleza as interessantes Ruth Etting e Dorothy Three.

T. T. Helen Twelvetrees — "O seu homem"... Que moreninha exquisita Thelma Todd estava neste Film!

Como a Venus Greta Nissen, Thelma tambem trabalhou em "Anjos do inferno", na versão que foi archivada. Ella fazia aquella Baroneza, mulher de Lucien Prival que Jane Winton viveu. Um papel que era, aliás, a especialidade de Thelma, embora Jane tambem fosse admiravel nesse typo. Thelma é a vampiro ideal!

Mas ainda n[illegible] Thelma comediante. A faceta do seu tal[illegible] um sceptro! Sceptro que continuará mais [illegible] que ella não trabalha mais com Zasu Pitts [illegible] possuia quando fazia comedias sem a grande predilecta de Von Stroheim...

Thelma é a Rainha das comediantes. A mais feminina de todas, a mulher mais adoravel. A sua personalidade domina a platéa e esta fica sem fala... Aquelle sorriso brejeiro, o seu geitinho de olhar com as pestanas baixas, são irresistiveis e sua voz nada fica devendo em seducção a de Peggy Hopkins Joyce... não esquecendo as suas celebres "pernas de perfil"...

Na verdade, Zasu Pitts era uma esplendida companheira de Thelma. As comedias que ambas fizeram foram todas optimas e talvez a serie mais homogenea que Hal Roach já produziu. O "gordo" e o "magro" já exgottaram o repertorio, mas Thelma e Zasu poderiam repetir-se sempre, sem esquecer da companhia do impagavel Billy Gilbert...

Agora Thelma está fazendo comedias com Patsy Kelly, que ainda conhecemos e Zasu com Pert Kelton, a morena que está imitando Thelma, no inicio de sua carreira, "roubando" os Films dos outros...

Thelma já fez com Patsy Kelly, as seguintes comedias: "Backs to Nature", "The Gold Jitters or 98", "Soup and Fish", "Loops my Dear" e "Beauty and the Bus".

Suas comedias sem Zasu Pitts foram estas: "Real Mc Coy", com Charley Chase; "Fighting Parson", com Harry Langdon; "Outra encrenca", uma das mais engraçadas de Laurell e Hardy; uma outra comedia com Harry Langdon, falada em hespanhol — e — "Look out Bellow", com Raymond Mc Kee, esta ultima da Educational.

Ao lado de Zasu, o seu repertorio é este, todo elle já apreciado no Rio: — "Amor a muque", "Leão de verdade", "Creadinha de confiança", "Festa de arromba" (lembram-se dos pontapés de Zasu e a desculpa que ella dava: "um de lambugem"...?) "Companheiros de guerra" (em que ellas "bluffavam" o general allemão Stuart Holmes); "Bicho precioso", "Farra de praxe" (em que Stan e Oliver appareciam no final), "Grippadas" (impagavel!), "Gente de palco", "Oh! seu doutor", "As duas cavadoras", "Salão da fuzarca" (com Charley Chase), "Ora, pilulas", "Vestidas á franceza" — e — "A grande pechincha", a ultima exhibida pelo Palacio, que é tambem a ultima em que Zasu trabalhou ao seu lado.

Thelma é casada com o latino Pasquale de Circo formando um dos casaes mais felizes da cidade do Cinema e uma das razões desta felicidade é a esplendida combinação dos genios de ambos. Estão casados ha um anno e tanto e o lar ainda é tão "sweet" como na primeira semana... Quando Thelma esteve na Inglaterra, lá passou tres mezes e escreveu a Pat nada menos de tres cartas...

Por falar nessa aventura de T. T. no Cinema inglez, o Film que ella fez lá é uma n o v a versão da "Mulher domada", que vimos com Mary Pickford e Douglas Fairbanks. Imaginem como não deve estar interessante Thelma naquelle papel de "untamed lady"!

"Salão da fuzarca"

Ainda mais que esta nova Filmagem da peça de Shakespeare, tem a acção modernizada, passando-se na actualidade! Pena que Clara Bow tambem não esteja no elenco para Thelma brigar com Clarinha novamente...

Deve ser um dos mais divertidos papeis de Thelma no anno passado e tambem é uma das suas melhores opportunidades monetariamente falando, pois o seu contracto foi em libras, com o cambio favoravel á querida loura. Na mesma occasião, os productores inglezes contractaram Sally Eilers, mas em "dollars" e esta moreninha teve um prejuizo bem regular... Stanley Lupino... e John Lodge trabalham ao lado de Thelma.

Uma das maiores loucuras de Thelma é a dansa. Tambem tem paixão por andar a cavallo. Possue um "sense of humor" apuradissimo. Ella é uma moça intelligente, que lê muito e tambem escreve, mas modesta como é, pouca gente sabe disso.

A viagem que ella fez á Inglaterra foi a primeira que fez ao estrangeiro e hoje Thelma tambem tem paixão por viajar...

Uma vez perguntaram-lhe se era verdade tudo o que ella fazia nas comedias, isto é, tombos, etc. E Thelma disse que sim e que a cousa mais ingrata que existe é trabalhar em comedias. Quando a artista termina cada scena, nem sabe onde tem a cabeça... Mas mesmo assim, Thelma gosta das comedias.

O detalhe mais interessante da sua carreira é a briga que teve com Clara Bow, na scena da briga em "Sangue vermelho". Briga Filmada que foi verdadeira e tão empolgante como a das "Quatro Sabidonas"...

Sua separação de Zasu Pitts foi apenas Cinematographica, ellas continuam muito amigas.

Outros Films de Thelma: — "Mulheres á bessa", da Paramount, com Nancy Carroll; "O corsario", da United, com Chester Morris, onde ella usou o nome de Allison Lloyd; "Aloha", da Tiffany, com Raquel Torres e Ben Lyon; "Indicadora de Cinema", da Paramount, com Clara Bow; "O falcão maltez", da Warner, com Ricardo Cortez; "Batutas burlescos", da Paramount, com os irmãos Marx; "Esposa improvisada", da mesma empresa com Lily Damita, Cary Grant e Roland Young; "Caprichos de mulher", da First National, com Ona Munson e Ben Lyon; "Gloria de campeão", da Columbia com Ben Lyon; e Constance Cummings — e — "Pernas de perfil", da Metro, com Buster Keaton, onde tinha aquella engraçadissima bebedeira com elle.

E ainda não assistimos estes outros Films seus: "Command Performance" da Tiffany; "Swanee River", da Sonoart; "Broadway Minded", da First National; "Klondike", da Monogram, Film em que Priscil[illegible] Dean tem um papelzinho e o se[illegible] galã foi o seu mesmo marido em "Mulher e medica" — Lyle Talbot — e — "Horse Feathers", da Paramount, talvez a mais maluca de todas as piadas dos quatro Marx.

Este anno ella entrou, com os seus serviços reclamados por nada menos de tres studios: "The Poor Rich", primeira comedia U n iversal do team" Edward E. Horton-Edna May Oliver; "Strictly Dynamite", com Jimmy Durante, da Radio; "Bottoms Up", um Film musical da Fox, ao lado de Suzanne Kaaren, uma moreninha do palco, muito parecida com a morena Zita Johann — e — "Frat Heads", novamente ao lado dos comediantes Wheeler e Woolsey e Dorothy Lee, producção de Louis Brook para a RKO.

Com Richard Dix em "O jovial defensor", um dos seus primeiros papeis no Cinema

Ahi está alguma cousa desta fascinante loura e um resumo da sua carreira interessante, na qual tem sido sempre comediante e "vampiro", mas neste ultimo typo é talvez a unica que tem o segredo do agrado e da sympathia. E' a unica "sereia" que rouba das heroinas a sympathia do publico... a gente **torce** para que Thelma conquiste o galã... Vamos pedir a Gilberto Souto para entrevistal-a?

"Pernas de perfil"...

FURACÃO? não!

QUE a maldição divina caia sobre nossas cabeças, se a coisa não começou a tres mil milhas de distancia, para recomeçar, quando os dois se reencontraram em Hollywood, exactamente no mesmo ponto em que a haviam deixado em New York.

Lupe e Jimmy! Que dupla de respeito, que poder arrazador e que disposição para a luta! Um diabrete mexicano e um italiano espanta-brazas! Que tragedia em copas! Quá! Quá! Quá!

Quando Lupe e Jimmy começaram a apparecer juntos, num palco de New York, na peça "Strike me pink", houve muitos homens valentes que fugiram a galope para as florestas do Maine e por lá preferiram ficar em luta com os elementos. Não, que a Lupe e o Jimmy não são para brincadeiras! Por onde elles passam, passa um terremoto, são peores do que uma revolução, e a natureza, em estado selvagem, não é nem nunca foi mais bravia.

Ninguem sabia como aquillo ia acabar. Nem mesmo o proprio Jimmy ou a propria Lupe. Todas as noites, á porta da "caixa" do theatro, a policia especial esperava em ansias, transida de terror, a roer as unhas e pensando em como seria bom, naquelle momento, estar a muitas leguas de distancia dali, ainda que fosse no coração do continente negro, entre cannibaes esfomeados e filhotes brincalhões de leopardo. Porque, em summa, rapazes, o encontro da Lupe e do Jimmy no palco produziu exactamente o mesmo effeito duma onda de calor, que houvesse de repente assolado o paiz.

Foi causa da inflação, augmentou o effectivo da marinha e arrastou muita gente para os trabalhos de reflorestamento do paiz!

Todas as santas noites, estas duas fogueiras ambulantes, estes dois vulcões, ardiam em labaredas formidaveis, naquelle innocente palco new-yorkino, que nunca vira a côr duma simples chamma.

O panico desvairava a platéa, um panico enorme, crescido, maiusculo! E Lupe e Jimmy empurravam-se um ao outro para dentro do recinto da orchestra.

— Mas ninguem pedia bis, conta Jimmy, e fui eu que disse á Lupe. "Lupe meu bem, isto assim não póde continuar. Bolas, bolinhas e bolotas! Ninguem acha graça. Que devemos fazer?"

— Calma, rapagão, respondeu a Lupe. Havemos de fazer alguma coisa. Sempre fazemos qualquer coisa. Não te parece?

— E nós continuamos, mas aquella brincadeira de empurrar já estava enjoada, e fui eu, peguei na Lupe e atirei com ella dentro do bombo. A Lupe gosta muito de brincar. Em logar de trabalhar, só quer brincar. Vocês bem sabem como ella é. Sempre a "farrear", a dar cambalhotas. Ella tornou a subir para o palco, e enterrou-me o bombo no nariz, mas, nessa altura, o camarada que tocava o instrumento, já estava tambem no palco, feito um maluco, e a dizer cada palavrada que mettia medo, e então nós, eu e a Lupe, demos-lhe um contra-vapor tão grande que o gajo foi bater com o frontespicio no violoncello, aquelle violino que parece atacado de elephantiase, e, por fim, já todo o mundo queria brincar. Atirámos com os tambores nas carecas de quatro sujeitos da letra A, mas, vae senão quando, appareceu o emprezario, verde de raiva, e nós, de brincadeira, jogámos com elle em cima duma mulher gorda, que estava sentada na quarta fila, e só vendo como o homem esperneava, e os urros que dava, até arrebentar a dentadura postiça da "typa". Bom, em summa, todavia, o nosso numerozinho agradou e todas as noites o repetiamos com prazer e alegria. Na verdade, comparado, com os que temos feito, modestia á parte, não era lá dos mais gozados, mas o publico dava pinotes de contente, e isso era o bastante. Nós, eu e a Lupe, bem entendido, agradando ao publico, estavamos O. K.!"

Uma noite, o Jimmy esqueceu-se do que tinha a dizer no palco, e, pelo canto da bocca, soprou baixinho ao ouvido da Lupe:

— Que gaita, baby! Esqueci-me da porcaria do verso! Qual é, belleza? Desembucha.

A Lupe poz-se a rir como uma maluca e a apontar para o Jimmy.

— Quá! Quá! Quá! O Jimmy esqueceu o papel! Bem se vê pela cara delle! Ih! Ih! Ih! Não sabe! Não sabe!

Foi fogo no rastilho. Estourou o tumulto. O bombo concertado voltou á actividade. Ora servia de collarinho a Jimmy, ora a Lupe. O musico, que tocava nelle, chorava feito uma creança. Grossas lagrimas lhe rolavam "pensativamente" pelas bochechas. Pobre coitado! Teria que se contentar o resto do espectaculo em tocar timbales! Aquella hora, não havia pelas redondezas, um só christão que lhe pudesse vender um bombo daquella edade!

Mas um dia, a "dupla" teve que partir para Hollywood, a fazer "Hollywood Party", da M.G.M.

E a coisa recomeçou exactamente no ponto em que ficara.

Os mandões do Studio chegaram-se a elles e trovejaram:

— Precisamos de tirar umas photographias de vocês dois, ouviram?

— Oquei! exclamou Lupe. Mandem o Jimmy a minha casa, para as tirarmos lá!

— Fui a casa della, refere o Jimmy. Cheguei e olhei para todo aquelle luxo. "Sim senhor", disse, "gostei da camaradagem! Fazes então questão de que o teu amiguinho seja photographado no meio desta riqueza! Isto até parece o Plaza!"

— Quê? pergunta a Lupe.

— Tu bem sabes o que é, respondo eu. O Plaza.

— Queres dizer o Ritz, não é, Jimmy? brada a Lupe.

E começa logo a gritar e a dar pinotes, mas eu berro:

— E' verdade, Lupe. Tens razão. E' o Ritz!

"Foi agua na fervura." Entrámos na sala de visitas, cheia de moveis, que ella comprou a um sujeito chamado Luiz, da rua Dezeseis. A Lupe, porém, faz uma embrulhada muito grande e chama os moveis de Luiz Dezeseis!

"De repente, vi, espetada na parede, uma grande cabeça de touro ou de macaco, não sei bem, e disse á Lupe:

— Será possivel que tenham empalhado o Johnny Weissmuller, emquanto o rapaz andava lá por fóra?

"P'ra quê! A Lupe arrancou um machado das mãos dum daquelles bonecos de ferro, as taes armaduras, que são ôcas por dentro, e avançou para mim, aos urros. Mal tive tempo de me escapulir pela porta mais á mão. Parti como uma bala na direcção duma janella, com a Lupe atraz de mim, a berrar e de machado em punho. Avistei uma piscina lá em baixo e atirei-me de cabeça. Era mais negocio do que pedir misericordia. Fui ao fundo e só o nariz me ficou fóra dagua. Nisto, appareceu um idiota dum japonez, que é jardineiro della, e começou a guinchar:

— Chi! A guerra de novo! Um submarino com o periscopio de fóra!

"O que eu passei! Foi para isto que minha mãe me criou?

"No dia seguinte, eu e a Lupe soubemos que o descarado do photographo tinha apparecido, no Studio, a dizer que não tirara as photographias, porque não queria historias com gente maluca. Ficámos um pouco encabulados, mas sahimos á procura do camarada, para lhe provarmos que tambem sabiamos tirar o retrato com dignidade e compostura. Não descobrimos o homem. Informaram-nos que tinha fugido para a Cochinchina. Tambem não era caso para tanto. Não somos nenhuns bichos do matto.

"Queriamos, apenas, dar-lhe uma lição, para não ser linguarudo.

"Quando estavamos a ensaiar um bailado da tal fita, a Lupe deu em pisar-me os pés a toda a hora.

— Sahe, "carroça"! protestava eu. Vê se me achas com cara de "pé de chumbo"!

"Mas a Lupe, em vez de me attender, ainda começava a debochar. Fiquei por conta do Bonifacio.

— Deixa estar, que me pagas, mulher sem entranhas!

Puz uma tacha no bolso trazeiro das calças, com a ponta para fóra, e, no melhor da festa, quando a Lupe se preparava de novo para fazer a gracinha de me estragar os borzeguins, dei um geito ao corpo e cravei-lhe uma ferroada daquellas de rebimba o malho. Tive que ficar tres semanas escondido no camarim,

Lupe e Jimmy!

de Clark Gable. De noite, passavam-me a comida pela janella.

"Mas, ao fim de quatro semanas, a Lupe esqueceu o incidente e eu pude sahir do meu refugio, a tomar ar.

— Olá "big boy!" exclamou ella, dando-me um beliscão no nariz. Por onde tens andado, meu anjo? Já estava com saudades.

"Por isso é que eu gosto della. Não guarda odio. Em dois ou tres annos, esquece todas as offensas. Que bondade de rapariga!"

Depois de muitas semanas de balburdia, de berros, de ataques de nervos, de correrias, dentro e fóra do departamento de publicidade, de pulos e cambalhotas por cima das mesas, de desordem nos camarins, com o Jimmy a gritar por soccorro e a Lupe atraz delle, ou a Lupe a esguellar-se, afflicta, e o Jimmy a dar-lhe caça, implacavel e feroz, o Studio, por fim, respirou, com allivio Já começara a Filmagem da tal pellicula e, agora, toda a gente pensava, atirando pela janella os frascos de agua de laranja e as esponjas de ether, que já não haveria novidade no "front" do Cinema. O Jimmy e a Lupe não teriam tempo para brincadeiras, que degeneravam sempre em conflictos e correrias. Agora, era acabar com o pagode e trabalhar com afinco e seriedade.

Todos os que haviam baixado ao hospital, com doenças nervosas, voltaram aos seus logares. No ar, havia uma grande doçura. Era a bonança, depois da tempestade. Era a calma que se segue a uma erupção vulcanica.

A's nove horas duma manhã de segunda-feira, a Lupe e o Jimmy estavam escalados para começar a trabalhar no "sound stage", numero nove. A Lupe chegou e olhou para o Jimmy, que já ali estava, de sapatos castanhos, meias verdes, ligas encarnadas, uma tangazinha de pelle de tigre, e com um formidavel "bananeira" de dez centavos na bocca.

— Credo! exclamou a terrivel mexicana. Que negocio é este? Que papel vaes fazer, Jimmy?

— Sou o Tarzan, baby, mugiu o Jimmy, batendo no peito com tanta força, que quasi cahiu ao chão. Que dizes da perfeição das minhas curvas, belleza? Serie A, eh? Sou ou não sou um pedaço de homem?

Reinou um silencio mortal. O proprio Jimmy sentiu envoaçar no espaço a asa negra da Fatalidade.

A Lupe approximou-se, rebolando. Poz as mãos nas cadeiras e mirou o pobre Jimmy de alto a baixo.

— Que disseste, Jimmy? perguntou por entre dentes, com um silvo de cobra. E's quem?

— Sou o Tarzan, repetiu o Jimmy, com um ar abobalhado. Não vês logo pela plastica? Que bicho te mordeu, baby?

— Quer dizer, então, miseravel calcanhar de frigideira, que pretendes tomar o logar do meu Johnny! Encasquetou-se-te na cachola que tens bossa sufficiente para bancar o Tarzan! Cavalgadura! O unico Tarzan do mundo é o meu Johnny! Ouviste, bóde? Vou-te arrancar essa joça dessa tanga...

Mas já o Jimmy se pirara. Se a Lupe lhe arrancasse a tanga, ficava nu. Começou a perseguição. Photographos, "extras" e mais pessoal, fugiram todos aos pinotes, lividos de terror. O Studio ficou em polvorosa. Um amigo perguntou ao Jimmy, ao vel-o passar como um relampago:

— Que é isso, rapaz?

— Não posso ficar nu deante destes idiotas, rugiu o Jimmy, sem affrouxar o galope.

— Mato, esfolo, achato! uivava a Lupe. Elle quer desbancar o meu Johnny!

— Espere, que eu ajudo a senhora, disse o tal amigo, agarrando a tanga de Jimmy.

— Largue o rapaz! vociferou Lupe, ao mesmo instante. Não toque no meu Jimmy! Sua besta! Quem foi que o chamou aqui?

Cahiu em cima do sujeito como uma féra da "jungle". Arranhou, mordeu, deu murros, deu ponta-pés, emquanto, mais além, Jimmy, exhausto, se deixava cahir sobre um degrão.

A Lupe, depois de cevar a sua raiva no tal amigo urso, acercou-se do Jimmy, aos bordos, e sentou-se tambem.

— Que corrida, Jimmy! exclamou, com um ar sonhador.

— E' verdade! bufou o Jimmy. E, depois de descansar, vou correr mais.

E a correria recomeçou.

No alto dos degráos para os camarins, o Jimmy parou. Com a Lupe atraz delle. O Jimmy tornou a descer os degráos. E a Lupe sempre atraz delle. Augmentando a commoção, uma porta se abriu no fim da galeria dos camarins. Surgiu uma sueca alta, que, espantada, se ficou a olhar, para aquelle homem de sapatos castanhos, meias verdes, ligas encarnadas, e, o que é mais extraordinario, com uma tanga de pelle de tigre. Tinha um "bananeira" empinado na bocca e uma mulher desgrenhada corria em pós delle.

A Garbo olhava, da varanda, fascinada.

— Que "parrulho" é este? disse, com os seus botões. Que é "isssto"?

Abriam-se portas. Appareceram Joan Crawford, Marie Dressler e Madge Evans. Surgiu Lee Tracy a correr, agitando as mãos eloquentes, gritando ao Jimmy que fugisse para o telhado. Gable tambem deu um ar da sua graça, empunhando um extinctor de incendio numa das mãos e, na outra, uma toalha de banho para o Jimmy.

— Mas que "parrulho"! continuava a Garbo a murmurar, emquanto todo o Studio assistia á rebordosa, que, agora, se processava no telhado do "bungalow" de Marion Davies.

Já se ouvia, lá longe, a sirena dum carro de incendio a mugir lugubremente.

Do alto do "bungalow", Jimmy deu um pulo, que faria ficar verde de inveja o Weissmuller, cahindo sobre um comprido coqueiro pelo qual escorregou maciamente até ir parar á galeria dos camarins das actrizes. Alice Brady estava a uma porta, com a sua cabelleira loura na mão. Num abrir e fechar de olhos, Jimmy arrebatou-lhe, pondo-a na cabeça.

Um "executivo", alarmado, espiou duma janella e viu Jimmy com a cabelleira postica.

— Caracoles! bradou. A Flora Finch voltou ao Cinema?

Mas, no fim dos degráos, a Lupe estava já á espera do Jimmy.

— Jimmy, minha flor, disse a mexicana, acabo de ter uma grande idéa. Vem cá, "big boy". Está tudo muito bem. Já não quero arrancar-te a tanga. Olha, tu serás o Tarzan e eu o macaco que te puxa dentro dagua. Jimmy, que idéas formidaveis que eu tenho!

E, de braço dado, a "dupla" voltou ao "sound stage" numero nove, onde toda a gente jazia sem acção para nada. Só a Greta continuava na mesma attitude de pessoa que vive no mundo da lua. Encostada á varanda, olhava, admirada, para a Lupe e para o Jimmy, de braço dado um com o outro.

— Puxa tiabo! murmurava. Tanta parrulho e já parrou derrebende! Oh! Mim non combrende nickel deste gendinhe... Que desgarrades!... Esdong maluques!

Em Florianopolis, o antigo Theatro Alvaro de Carvalho, que vae reabrir como Cinema com o nome de "Royal-Cine-Theatro", terá apparelhos sonóros "Nitzche". E será o primeiro Cinema na capital, com apparelhos duplos para projecção continua.

—o—

Sabiam que Peggy Hopkins Joyce tambem é myope?

—o—

Em "Design for Living", Miriam Hopkins chama-se Gilda Farrell...

—o—

Lubitsch talvez dirija os irmãos Marx na sua proxima piada musical!

—o—

Fredric March, antes de "Os Miseraveis" fará para a T. Century, "The Affairs of Cellini", baseado na biographia desta personagem que, ha annos Valentino viveria se a morte não o surprehendesse.

—o—

Blanche Frederici, conhecida caracteristica do Cinema, foi a ultima perda de Hollywood, antes de 1933 despedir-se. Vimol-a, ultimamente em "Madame Julie de Paris", "Adeus ás armas" e por ultimo em "Treze mulheres". Um dos seus ultimos trabalhos para o Cinema é em "Voando para o Rio".

—o—

Spottiswood Aitken tambem falleceu.

—o—

Depois de tantos annos, Laura La Plante e Reginald Denny vão trabalhar juntos num Film que a Warner produzirá em Londres.

—o—

"Ressurrection", de Tolstoi, vae ter uma nova versão Cinematographica e novamente da United-Artists. Rouben Mamoulian dirigirá e a Katusha será Anna Sten.

PORQUE FAZER CINEMA CUSTA TANTO DINHEIRO?

(Este artigo foi escripto por um dos mais conhecidos "executivos" da industria do Cinema. Aqui, não querendo que suas palavras lhe tragam complicações, incognitamente revela algumas verdades sobre certos aspectos da producção Cinematographica)

QUAL a razão das "estrellas" do Cinema ganharem tanto dinheiro?

Como é que um homem pode considerar-se um bom negociante, uma vez que está pagando a uma actriz ou a um actor a insignificancia de cinco mil dollares por semana?

Essas pessoas que têm a vaidade de manter artistas a preços tão elevados, deviam abrir fallencia. Sinão, vejamos o presidente dos Estados Unidos.

O nosso presidente é um esplendido homem, possue uma alma incomparavel, e para mais de cento e vinte milhões de habitantes da America votaram nelle, e trabalham para que elle receba setenta e cinco mil dollares de ordenado por anno... um ordenado para um unico homem... No entanto, se cada theatro nos Estados Unidos annunciasse que elle iria fazer um acto de variedade no palco ou iria apparecer num Film, elle não seria um successo de bilheteria.

Vocês dirão, mas isso é um caso differente! Certamente que é differente. Vocês algum dia já pensaram que nos Estados Unidos existem centenas de homens que preencheriam, satisfactoriamente, o lugar de presidente? Sim, centenas! Podemos asseverar que quasi todos os senadores e os governadores dos quarenta e oito estados da União Americana, poderiam preenchel-o. Quem sabe, talvez vocês tambem pudessem!...

Certamente que tivemos muitos presidentes que não valiam setenta e cinco mil dollares por anno mas, não obstante, nós pagamos o seu ordenado durante os quatro annos de seu contracto, porque votamos nelles.

Porém a verdade é que não existe uma centena de "estrellas". Não existem cincoenta. Eu creio que não contaria dez, isto é, dez que possuam attracção bastante para esgotar as lotações dos theatros, onde quer que os seus Films fôrem apresentados.

Ainda estou pela mesma idéa de que o publico conhece mais Cinema do que eu, simplesmente porque não vive mettido nesse negocio. Entretanto, intelligente como é, o publico não contará dez "estrellas" cujos Films, em hypothese alguma deixará de ver.

Experimentem.

E ahi está a razão porque as "estrellas" têem salarios tão elevados. E' justamente porque as "estrellas" são poucas, isto é, são raras as "estrellas" verdadeiras, de justo valor. E quando digo "estrellas", refiro-me áquellas que conseguem encher os theatros, e não as quasi "estrellas" que não conseguem a mesma cousa. E o Cinema está repleto de "quasi estrellas"...

Ellas são as que percebem maiores salarios, e ahi está por onde se esváe o dinheiro do Cinema. As verdadeiras "estrellas" jamais ganham tanto dinheiro. Em qualquer hypothese, quando se póde applicar cinco mil dollares num negocio, certo de que vae render muito lucro, applica-se, não é verdade? Isto é, si se tem ou não emprestimos, naturalmente se faz o negocio! Portanto, ninguem póde taxar de extravagancia quando se gasta tanto dinheiro, na certeza de que muitas vantagens elle trará.

Mencionei ainda ha pouco que as "quasi estrellas" são as que percebem maiores salarios. Quem deve ser censurado?

Em primeiro lugar devo dizer que são os productores, porque lutam uns contra os outros, afim de conseguirem as "quasi estrellas" para os seus Films.

Em segundo lugar, os agentes de negocios das "quasi estrellas", que provocam essa luta entre os productores, mentindo a cada um, as offertas que os outros estão fazendo por esta ou aquella "quasi estrella".

Em terceiro lugar, vem a Lei Sherman contra os "trusts".

A industria Cinematographica é uma das muitas industrias que poderia viver muito bem nos maus tempos, se a lei Sherman não encorajasse, incentivasse mesmo, taes extravagancias.

Por exemplo, quando estamos escolhendo figuras para uma pellicula, em nosso "lot" (ou em qualquer outro) é sempre nosso desejo de obtermos artistas que se adaptem ás diversas partes. Não me refiro ao papel principal de "estrellas", porém aos artistas secundarios. Então, nessa idéa, achamos que Pedro Testa de Ferro é quem melhor fará o papel. Pois não é que um outro concorrente julga de precisar dos serviços desse mesmo artista?

Mas, a verdade é que o agente delle é quem faz toda a tratantada, porque vem nos dizer que o concorrente vae dar-lhe uma parte á razão de mil e quinhentos dollares por semana, quando esperavamos pagal-o sómente a cento e cincoenta dollares. Aquillo nos estimula.

Pois bem. Vocês pensam que o concorrente e eu entramos num accordo, como dois intelligentes negociantes até chegarmos ao ponto de tirar a sorte para ver quem ficaria com o rapaz? Nem mesmo sabendo que o artista não vale vinte dollares por semana em outra classe de trabalho, nós teriamos a boa vontade de pagar o que pensavamos, evitando que dessa fórma morresse de fome.

O resultado é que, uma vez que fazemos questão dos trabalhos do actor, se outra companhia offerece ao mesmo individuo a quantia de mil e quinhentos dollares, nós procuramos barrar suas pretensões offerecendo-lhe dois mil dollares.

Agora, os leitores multipliquem essa importancia por cem, e faça a mesma cousa semanalmente e ahi terá o resultado. Verificará porque o Cinema custa tanto dinheiro para ser feito de uma fórma acceitavel.

Isso é sómente uma pequena idéa. Não é tudo ainda.

Quanto aos productores que devem ser censurados, elles são ainda peiores que a lei; ficam loucos quando chegam ás deducções de pagamento.

Ainda na semana passada, a nossa companhia decidiu reduzir suas despezas, devido á crise, fosse de que maneira fosse. Um dos nossos artistas, que julgavamos importante em materia de Cinema, estava ganhando mil dollares por semana. Pensavamos que, se lhe pagassemos 750 dollares semanaes, não lhe faria differença alguma porque, ainda assim, elle poderia comprar suas batatas mais barato do que quando o contractamos por mil dollares.

Conversamos com elle a esse respeito e elle não gostou. E já se sabe, foi buscar na prateleira a historia numero 6, que é mais ou menos assim: — "Com vae ser de minha vida? Eu ajudo minha mãe e meu pae, meu cunhado e seus dois filhos. Envio dinheiro semanalmente a Ohio para cobrir as despesas de tres sobrinhos que estão num collegio; além disso, Fulano de Tal está sendo pago mais do que eu, portanto, não posso ter o meu salario reduzido."

Vamos pensar que tudo isso seja verdade.

Portanto, defendendo os nossos interesses, vamos buscar em nosso archivo a resposta numero 6, que é a seguinte: — "Não duvidamos do que nos acaba de dizer, mas você não ignora os maus tempos que estamos atravessando. Os Cinemas não estão fazendo os mesmos negocios que faziam antes, e se os negocios não andam bem, o melhor que temos a fazer para não fechar a casa é reduzir os ordenados. Se os Cinemas diminuem os negocios, nós temos nossa receita reduzida. Temos que achar um meio de solucionar tudo, com satisfação geral, sinão..."

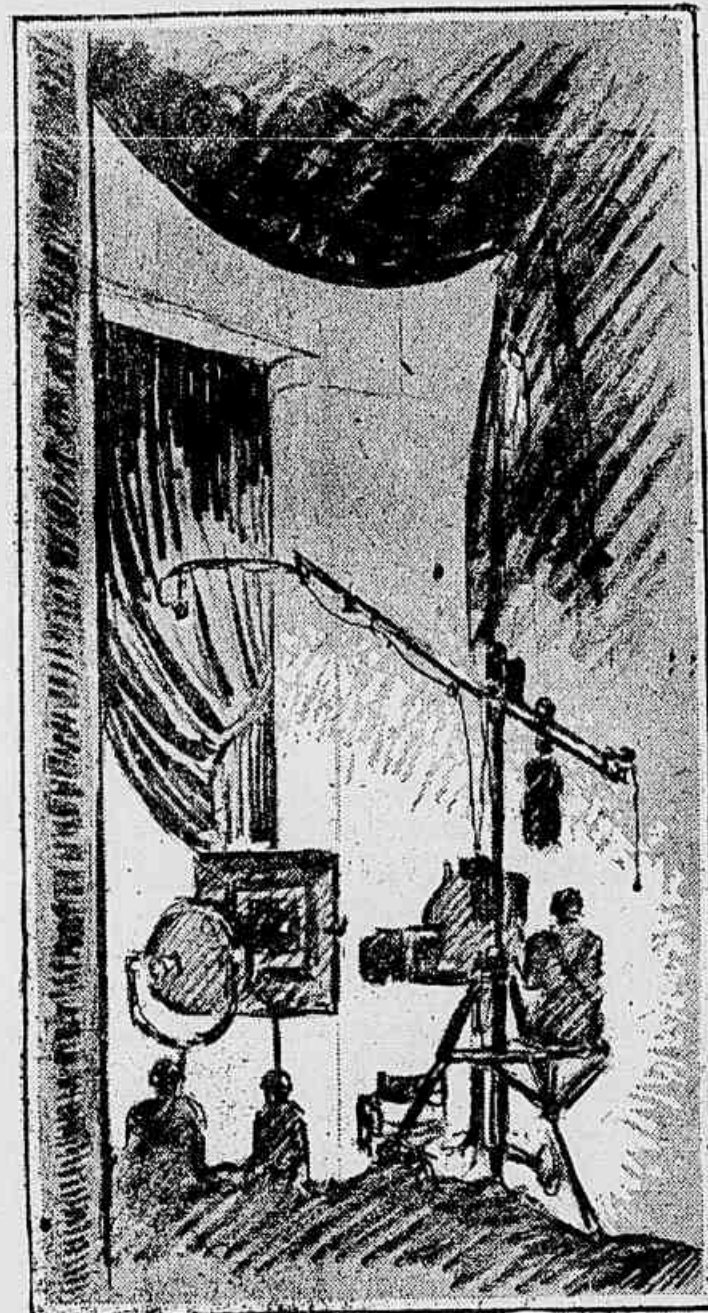
Digamos que tudo isso tambem seja verdade.

Assim proseguimos em nossa discussão, até que finalmente conseguimos convencel-o de que estavamos com a razão, ou pelo menos pensamos tel-o convencido. Mas, o que acontece?

Seu agente de negocios começa a agir. Vae aos diversos Studios e enche a cabeça dos demais "executivos" de que o artista não está satisfeito com o dinheiro que estamos lhe pagando. Elle quer ganhar dois mil dollares semanaes. Uma outra companhia qualquer, julgando fazer um optimo negocio, offerece-lhe, não dois mil, porém, mil e setecentos dollares por semana, na certeza de que consegue economisar os duzentos e cincoenta dollares restantes. O resultado é que, o homem que nós pensavamos em reduzir seu salario de mil para setecentos e cincoenta dollares, lucra exactamente esta importancia, que jamais lhe pagariamos, mesmo nos bons tempos. Imaginem que tudo isso succedeu agora durante a crise!

Não acham que o Cinema é um caso complicado e um bom negocio?

Naturalmente que o artsta não é tão ruim como parece. Em Cinema, jamais o foi, mas a verdade é que a outra companhia precisa do camarada mais do que nós; elles o queriam áquella importancia e nós não tinhamos necessidade de seus serviços, pelo menos todas as semanas.

Multipliquem esse caso por milhares de outros identicos, e acharão porque o Cinema custa tanto dinheiro. Talvez vocês perguntem: — "Porque Will Hays, que é o Czar do Cinema, não toma conta disso tudo e faz ponto final nessa falta de criterio?"

Quanta ingenuidade, meus caros! Will Hays nunca foi o Czar do Cinema. Esse titulo não passa de "manchette" nos jornaes. Will Hays não tem poder para interferir nesses negocios e, certamente, tem menos ainda do que a Lei Sherman.

A Lei Sherman diz que nós não podemos nos confederar e fazer parar esse excesso de gastos. Will Hays tampouco tem o poder de modificar o mesmo ponto de vista. Ninguem póde fazer essa alteração, porque não existe um senador ou um deputado que tenha bastante industrias neste paiz da liberdade. Seria o bastante para ter a sua carreira arruinada, porque os seus conterraneos jurariam por tudo o que fosse de mais sagrado, que elle tinha sido comprado, subornado de corpo e alma aos interesses da industria.

Mas falemos sobre outra cousa ainda mais desagradavel na industria Cinematographica.

Talvez os meus amigos ainda não notaram, que o pessoal do Cinema se dividiu num curioso curso, opinando uns pelos "seccos" e outros pelos "molhados"? O Cinema tem sido até então, admiravelmente livre de propaganda de ambos os lados. Mas, não seja por isso que tanto os "seccos" como os "molhados" tenham deixado de tentar.

Temos sempre em vista de que o publico paga sua entrada no Cinema para ser distrahido, e nada mais. Quando o espectador deixa o seu dinheiro na bilheteria, elle pagou para ter divertimento e não propaganda. Portanto, achamos que somos uns loucos se quizermos, por meio do Cinema, pregar sermões ou incutir-lhe qualquer meio de propaganda.

Annotem esta:

Ha dias, um propagandista do periodo "secco" veiu ao nosso escriptorio central, reclamar do presidente de que estavamos usando muitas scenas de bebidas em nossos Films.

(Termina no fim do numero)

gastam o dinheiro

dinheiro. Em parte, não deixa de ser verdade. Vendem-se em Hollywood lenços de setenta e cinco centavos, mas vá eu comprar algum! Só ha lenços de dois dollars.

— Harry, o meu ex-marido Harry Bannister, diz Ann Harding, quando construimos a nossa casa, deu-se ao trabalho de conferir cuidadosamente todos os orçamentos dos constructores. Começou por estudar attentamente tudo o que dizia respeito ao custo dos materiaes e da mão de obra. Depois, alugámos os serviços dum homem, cuja honestidade nos fôra attestada por pessoas da nossa confiança. Sempre é bom tomarmos informações acerca da gente a quem confiamos o nosso dinheiro. Esse homem contou a Harry que certas empresas lhe haviam offerecido gorgetas para que silenciasse a respeito de determinadas irregularidades contidas nos orçamentos. Resumindo: a casa sahiu-nos vinte e cinco por cento mais barata que nos haviam pedido architectos e constructores.

"Nas compras que faz pessoalmente, muitas vezes uma "estrella" hesita em regatear, com medo que a tomem por avarenta. Para mim, é um falso orgulho. O meu lemma é: "Sejamos generosos, mas não idiotas"

Constance Bennett declara que o que é bom custa dinheiro.

— Isso é o que nos dita o bom senso, mas tambem é ridiculo permittir que nos explorem. Quando me querem roubar, o que é raro, dou logo por ella. O negociante ou ractifica o engano ou perde a freguesa. Dou sempre a entender isso aos meus fornecedores.

O secretario de James Gleason é quem lhe faz a maior parte das compras, mais para poupar tempo do que por causa de dinheiro. Lucile Gleason é demasiado sagaz para se deixar roubar.

Helen Chandler, sempre muito atarefada, manda ir as coisas para casa e escolhe o que lhe appetece. Não faz questão de preço desde que seja bem servida.

Ken Maynard manda fazer as botas e os chapéos de "cow-boy" ás duzias. Acha que o que é bom custa os olhos da cara, mas não resmunga.

Mary Astor, que tem o costume de percorrer, incognita, as lojas de dez centavos, gosta de divertir-se comsigo propria, para tornar mais agradavel a tarefa de fazer compras.

— Finjo que não posso comprar coisas caras e que, quando as compro, me estou excedendo. Antigamente, era obrigada a viver com rigorosa economia, mas depois que entrei para o Cinema, fui-me habituando a considerar que me era permittido adquirir o que quizesse. Desse modo, acaba tudo por perder a graça. E' muito melhor a gente sentir grande desejo pelas coisas e não as possuir. E' por isso, que, ás vezes me entrego a illusão de não poder ter o que quero...

— Parece que os negociantes não gostam nada de mim, como freguez, declara Hob Woolsey. Não me querem ver nem pintado e, na minha opinião, são os meus mais severos criticos.

Ricardo Cortez

Helen Chandler

Ann Harding

Mary Astor

Depois de eu experimentar uns dez pares de calçado e de alisar uma duzia de gravatas, sem nada me agradar, começo a dizer pilherias para fazer rir os homens, mas o sorriso delles é cada vez mais forçado. Acabam sempre por me dizer, que compre ou não compre, me despache, porque têm mais que fazer...

Os artistas, para fazerem as suas compras descansados e a coberto de explorações, costumam recorrer a disfarces. Os oculos escuros e os véos prestam excellentes serviços contra os curiosos. Ramon Novarro andou pelo estrangeiro com uma barba pontuda para não chamar a attenção, mas, em Los Angeles, diz elle que bastam uns oculos escuros e o chapéo desabado sobre os olhos.

A unica "estrella" que póde andar á vontade em publico é Greta Garbo, pois fóra da téla é um typo completamente differente. Embrulhada num casaco de lã, anda por toda a parte sem que ninguem a incommode. Luiza Fazenda é a unica actriz que consegue "reducção" nos preços. Fazer compras é para ella um divertimento. Gasta muitas horas nellas e é conhecida em todas as lojas e armazens. Sabendo da sagacidade della e que tambem faz compras para as pessoas da familia, os commerciantes rivalisam entre si para lhe offerecerem os melhores preços. Luiza costuma comprar em "liquidações" de perfumarias, de bolsas, de "bric-a-brac" e mais novidades, e consegue verdadeiras pechinchas.

Na verdade, as lojas, em vez de explorarem os artistas, principalmente mulheres, deviam dar-lhe commissão. A gente de Cinema chama uma infinidade de freguezes. Um estabelecimento do Boulevard vendeu ha pouco grande quantidade de bolsas de contas, só porque Joan Crawford entrara nelle, seguida dum grupo de mulheres, que a queriam ver de perto.

Os negociantes recorrem, algumas vezes, a "trucs" engenhosos, para terem reclames gratis dos seus artigos. Um joalheiro pediu ha tempos a Frances McCoy que usasse, numa "premiere" algumas das joias do seu sortimento. Depois, passou a noite a falar na qualidade das joias, e no **preço**, a todas as pessoas que encontrava.

Em compensação, ha tambem alguns artistas que se tornaram negociantes.

Bill Haines, Eddie Nugent e Vera Lewis são donos de bem afreguezadas lojas de antiguidades, Esther Ralston, Ethel Clayton e Katherine MacDonald possuem institutos de belleza que lhes dão bom dinheiro. Conrad Nagel, Corinne Griffith e varios outros têm "drive-in markets"

Charlie Bickford diz que arranja mais dinheiro com os seus negocios do que com o Cinema. Esses negocios incluem quatro garages e estações de gasolina, um par de restaurantes, duas fazendas de gado, uma escola para amestrar animaes, navios para a pesca da baleia e varias outras empresas.

A tendencia agora é para a economia e para a conservação da riqueza e, por isso, muitos artistas confiam os seus assumptos financeiros a agentes competentes ou a companhias, que lhes recebem os cheques, tratam de todas as questões referentes aos rendimentos e pagam todas as contas autorizadas, a troco duma pequena commissão.

As contas são muitas vezes reduzidas á metade quando o cobrador vem a saber que quem a vae pagar é a Equitable Investment Corporation, a maior, a mais antiga e a mais acreditada das empresas desse genero. Ha pouco, pediram a uma "estrella" por uma operação de appendicite cinco mil dollars, mas, quando a actriz lhes disse: "Mandem a conta á Equitable", houve uma reviravolta magica e a conta desceu para quinhentos! O mesmo succedeu com um dentista, que baixou logo duzentos dollars numa conta, depois duma pequena conversa telephonica com um agente de negocios.

Os artistas têm que ser precavidos e espertos, ou, pelo menos, saber zelar pelos seus interesses, se quizerem guardar algum dinheiro para mais tarde, para a epoca das vaccas magras.

O ULTIMO VETERANO DO

O casal De Mille e seu filho adoptivo Richard.

QUANDO Hollywood era unicamente "Follywood"; quando Chico Boia andava correndo pelas ruas principaes da cidade, mettido em seu automovel verde e, dentro deste, uma geladeira com bebidas; quando Tom Mix mettia-se em seu "smoking" de velludo azul e usava um chapéo de "cow-boy"; quando ZaSu Pitts dansava valsa com seu melhor amigo, mais tarde seu marido, Tom Gallery; quando jovens louras, já de renome no Cinema, seguidas por notaveis directores viviam no Hollywood Hotel gritando pelas janellas numa eterna farra; quando Valentino olhava pelas janellas do mesmo hotel com aquelles seus olhos sonhadores; quando Wallace Reid distrahia meio mundo com festas e mais festas; quando Norma Talmadge estava em pleno apogeu e Greta Garbo era uma pequena que vivia na Suecia — Cecil B. de Mille era considerado o "Deus de Hollywood".

Foi elle quem iniciou o reinado de orgias romanescas na tela, com mulheres vestidas de collares de perolas, dansarinas semi-nuas e lascivas, movimentando scenas nababescas, emquanto chocalhava moedas de ouro no bolso e usava um *bonnet* atirado para traz. Symbolo de uma éra, já passada ha alguns annos, porém que o deixou como lembrança. Sempre o mesmo homem, dynamico e de cabeça erguida, eis Cecil B. De Mille!

Chico Boia desappareceu, com a sua grande "limousine"; Norma Talmadge, com seus bellos olhos negros, ficou olvidada; Wally morreu e sua casa fechada para sempre. Valentino tambem desappareceu rapidamente. As perolas que envolviam os cabellos e o corpo de Gloria Swanson ou Betty Blythe foram despresadas, o mesmo succedendo a Griffith e a sua suavissima Lilian Gish. Toda a libertinagem, as gargalhadas felizes vindas do coração, o "glamour", os romances da velha Hollywood, tudo passou. Excepto De Mille!

Nos logares daquillo que desappareceu, surgiram grandes productores, os "talkies", "estrellas" do palco, dôres de cabeça, maior efficiencia e mais cultura. Mas, como uma velha cansada em sua cadeira de balanço, o antigo Hollywood Hotel ainda existe em seu canto, na esquina das mesmas ruas, banhado pelos raios do sol e vivendo de suas memorias...

O bello apogeu que passou...

Elle vive hoje despresado, desamparado, esquecido. Esquecido como tudo mais, menos De Mille que marcha sempre para a frente, ligando a apotheose de hontem com os grandes negocios de hoje. E' sempre o mesmo homem. As moedas em seu bolso ainda tinem suas melodias tristonhas. Quando tudo está correndo bem, e as *estrellas* sentam-se romanticamente em suas luxuosas banheiras, as moedas tinem suavemente e com graça de estylo. Mas, quando as "estrellas" escorregam no sabão, o heróe recusa-se a permanecer viril ou algum "extra", a tres milhas de distancia, não movimenta-se em scena, então as pobres moedas agitam-se furiosamente, accionadas por seus dedos.

A historia daquelle bolso cheio de ouro é typicamente Demilleana. Elle começou acariciando o primeiro dollar que ganhou. Depois, juntando com outra moeda, não poude mais dizer qual dellas era a primeira. De Mille não ficou aterrorisado por isso, mas descobriu que as moedas faziam um lindo sonido em seu bolso. Foi então que, gradualmente, elle foi addicionando mais e mais do que, nestes tempos, chama-se de ouro velho.

Agora elle carrega alegremente perto de cento e dois dollars, o que não é nada pesado nos bolsos dos seus 50 pares de roupas de montaria. E o mais interessante é que suas roupas brancas como sejam cuecas e camisas, combinam com as côres da joia que brilha em seu dedo. Cuecas verdes e outras cousas significam esmeralda. Roupas brancas querem dizer diamante, e assim por deante. Aquellas celebres perneiras que usa, diz elle que não são propriamente perneiras, e sim botas altas feitas especialmente para elle dirigir Films.

Geralmente quatro assistentes adejam nervosamente em sua volta. E se não se movimentarem com rapidez serão despedidos. Cada assistente ("yes-man", como são conhecidos) tem o seu trabalho designado. Somente nunca sabem exactamente que especie de trabalho seja. Nem mesmo o sabe De Mille.

No emtanto, elles devem sempre conservar-se trabalhando, andando de um lado para outro, instruindo os diversos grupos de "extras", etc.

Num "set" de De Mille, desde a "estrella" ao "extra" mais insignificante, cada um tem o seu trabalho individual para ser executado, inclusive os dialogos, e phrases que tenha a pronunciar, e coitado daquelle que se descuidar, não o fazendo em ordem.

Todos têm que aprender as suas linhas para dizel-as bem e dar conta de seu recado com perfeição. Essa exigencia de De Mille, designando trabalhos extras para aquelles que de inicio não tiveram a incumbencia, faz com que elles corram ao escriptorio central para reclamarem mais dinheiro, principalmente quando um "extra" fica encarregado de dizer uma phrase e não está sendo pago para isso.

Por exemplo, se Fredric March tivesse dito a Claudette Colbert, numa scena de "O signal da cruz": — "Eu não succumbirei a seus encantos. Diga isso a seus leopardos". Pois bem, pelo menos a dez milhas de distancia dessa scena os ultimos "extras" deviam dizer entre si: — "Veja só como a imperatriz ficou nervosa", ou qualquer cousa parecida. O "extra" tambem tem que falar com gestos. Dahi a reclamação de mais dinheiro.

De Mille tem uma phrase predilecta que até hoje ninguem descobriu o seu significado. "Quando eu estava com Mansfield", é a phrase em questão, e quando elle a pronuncia a producção é interrompida vinte e sete vezes por dia; os executivos andam abaixo e a acima pelos corredores do Studio; os banqueiros, em Nova York, arrancam seus poucos cabellos brancos, tudo isso emquanto De Mille "está com Mansfield".

Para que os leitores tenham uma idéa de como os pequenos incidentes revolucionam os Studios, e como De Mille presta pouca attenção ás cousas, basta dizer que uma vez que elle "esteve com Mansfield", a demora de uma producção custou á Paramount, certa vez, cerca de duzentos e cincoenta mil dollars. Mas, a verdade é que se elles pudessem descobrir que é esse tal de Mansfield, processariam-no immediatamente.

Durante a Filmagem de "A Juventude Manda" (This Day and Age), De Mille gritou para diversos rapazes collegiaes que trabalhavam como "extras". Tamanho foi o berro que os rapazes collegiaes que trabalhavam ficaram attonitos. Ouviram então o director dizer — "Quando eu estava com Mansfield, nós representavamos. Representavamos realmente. Se Mansfield dissesse á turba — "Mova-se" — immediatamente moviamonos. Rumba, rumba, rumba..."

— "Sim, Mr. De Mille — respondeu um rapaz que estava á frente da fila. Tudo está muito bem, porém eu jamais aprendi a rumba..."

Com semelhante resposta os quatro assistentes, rapidos como relampagos, espalharam-se em volta do director, emquanto este chocalhava as moedas furiosamente. O resultado é que, ou elles faziam o que devia ser feito ou cahiam fóra do "set".

Em qualquer Studio, num "set" commum, é difficil distinguir-se o director dos demais presentes. "Quem é o director?", é a pergunta que invariavelmente se faz, porque todos os directores vestem-se como homens communs de negocios; seu modo de falar é calmo, suas maneiras mais amaveis, e suas instrucções a seus auxiliares, mais casuaes do que deliberadas. O assistente não é figura que se destaque pelo nervosismo, não ha joias brilhando nem muito menos combinando com suas roupas brancas. Não ha megaphones encrencados, nem alto falantes, ou *bonnets* atirados em fórma a mostrar personalidades. Estes directores simples, são geralmente pouco importunados com visita

Mas o mesmo já não succede com De Mille. Ninguem precisa perguntar quem é o director, ao entrar num "set" seu. Ninguem poderia, possivelmente, confundil-o com outra qualquer pessôa — elle se distingue como o mestre supremo. Como num pedestal, admira o seu trabalho, e analysa o que é bom ou mau, dictando suas ordens. Em sua volta adejam os assistentes, e os apparelhos de sua invenção para dirigir Films, apparelhos estes já com patentes applicadas.

Um pintor especialista fica neste ou naquelle angulo, notando attenciosamente os menores objectos que talvez venham a prejudicar a scena, não estando devidamente tonalisados. Por exemplo, se elle pensa que o puxador de uma porta está brilhando muito contra a luz, elle immediatamente corre ao logar (não anda nem discute, fiquem certos, corre é a palavra) e pinta o puxador para que não tenha reflexo. Se isso não fôr o sufficiente, elle é até capaz de pintar os jactos de luz dos reflectores. E é sabido que, quando a occasião pede, elle pinta tambem os "extras".

Depois vem o carregador do megaphone. Com a chegada dos Films falados, este apparelho ficou em desuso mas, com De Mille, elle continua em actividade. O seu megaphone vive amarrado firmemente ao pulso de uma efficiente moça. Ella fica assentada, em pé ou curvada, á proporção que De Mille fica assentado, em pé ou curvado, comtanto que, ao extender o braço para pedir o megaphone, elle está sempre ao seu alcance. Ninguem sabe em que posição elle vae gritar para os artistas, usando o megaphone, mas a verdade é que a moça está sempre ali, quando elle tem vontade de dar um grito a um "extra" a dez milhas de distancia. Directamente do outro lado do mestre, está um rapaz que conduz o microphone com o qual elle dirige. Este rapaz é muito activo e, como a outra, fica assentado, em pé ou curvado. No caso de que De Mille sinta vontade de dirigir uma blasphemia a um "extra" estupido, estejam certos, o microphone estará perto de sua bocca para transmittir o improperio.

CINEMA

O leão junto com os carneiros... De Mille, a moça do megaphone e o rapaz do "mike". Semelhante communhão não se encontra em parte alguma do mundo.

De Mille usa tambem um apparelho chamado "finder", pequeno instrumento que se parece com um binoculo e é usado para distinguir aquelles que não estão agindo de accordo com Mansfield. Este apparelho é carregado numa caixa de couro, e vive pendurado nos hombros da "script-girl". Esta moça é a unica pessôa num "set" de De Mille que é encarregada de executar dois deveres de uma só vez: ser "script" (apontadora de todos os movimentos, de todos os detalhes de uma scena) e conduzir o "finder".

Cecil e Judith Allen, a heroina do seu Film "A juventude manda"

Quando um visitante entra num "set" de De Mille, seu primeiro assistente sibila ao segundo. Este se communica com o terceiro que, por sua vez, avisa ao quarto. Já elles estão certificados de que vão ter um espectaculo, assim que o director souber que tem gente extranha ali por perto observando-o. Elles já sabem que terão de ser mais expeditos do que em outras horas.

E' então que De Mille escolhe uma victima, geralmente um pobre "extra", para o seu ataque de grandeza. Elle vae mostrar ao visitante de Pittsburgh ou onde quer que seja, que o velho mestre ainda é o manda chuva ali dentro — é o rei e os demais seus vassallos.

De Mille berra ao "extra", flagella-o com ironias, offende-o com sarcasmos, e diz nomes pesados, emquanto o pobre diabo ouve admirado aquella alluvião de palavras sem saber o porque de tudo. E terminando aquella pratica de blasphemias, grita ao homem: — "Saia de meu "set"! E repete, com uma furia equivalente a cinco mil dollares, emquanto as moedas, em seu bolso, se entrechocam furiosamente: — "Saia daqui e não mais me appareça!".

Envergonhado e praticamente ferido com aquella crucificação, o "extra" levanta-se e sem dizer palavra começa a andar em direcção da porta da rua. "Onde você vae?, — grita De Mille mais uma vez. "Sente-se em seu logar".

Quando Cecil, Claudette e Herbert Marshall deixavam Hawai onde Filmaram scenas do seu novo Film.

Explicando uma scena de "Four Frightened People" a Claudette Colbert e William Gargan.

Imaginem que De Mille, antes daquella scena, não tinha ainda visto aquelle homem. Fazendo-o victima de sua volupia, queria sómente dar uma idéa de como elle faz uma producção para gaudio dos visitantes

Depois de ter dito tudo, depois de feita a scena, elle olha o "extra" com as sobrancelhas cerradas, e pergunta a quem por acaso estiver ao seu lado: — "O que é que ha com este rapaz? Por que queria abandonar o "set"? Pensa elle que póde interromper a Filmagem?"

Um facto interessante se passou durante a producção de "O signal da Cruz". A imprensa fôra convidada para presenciar a scena dos christãos sendo devorados pelos leões. Ora, Cecil B. De Mille tinha sido informado daquella visita, e tudo estava correndo muito bem. Diversos christãos já tinham sido torturados, o sangue estava correndo e o grande director sentia-se feliz.

Repentinamente De Mille viu que os rapazes da imprensa já estavam todos na arena. Ao notar a presença dos extranhos em seu "set", — gritou furiosamente: — "Quem são essas pessôas?". Como se elle não tivesse sido informado daquella visita.

— "E' a imprensa", — respondeu um de seus "yes--men".

— "Muito bem", — respondeu elle. Estava em seu elemento. Tinha a audiencia que queria e durante duas horas não se fez mais nada. Gritou com Fredric March, com Claudette Colbert, com os "extras", com o mundo todo. Elles choraram, ficaram raivosos, e muitos abandonaram o "set". Os principaes artistas fôram supplicados para voltarem ao trabalho. E De Mille fez de um tudo, emquanto as moedas tocavam quasi num rythmo extranho. Sómente não andou no trapezio ou montou cavallos em cuecas...

As demais companhias que estavam trabalhando, sabendo do espectaculo em exhibição, interromperam seus serviços para virem assistir ás façanhas de De Mille, e milhas e milhas distantes se ouvia falar no que se passava. Era maravilhoso, espectacular, a realisação de um *climax*. Mesmo Mansfield lhe teria invejado a "performance"...

Mas, antes que esse "climax" fosse realisado, elle percebeu, com o auxilio do "finder", que muito distante, num grupo de "extras" duas moças, conversando, não prestavam attenção ás suas ordens. Ali estava o seu prato predilecto.

— "Então, como que", — gritou elle com sua voz nasal, "o nosso pequeno trabalho não tem importancia, não é verdade?

(Termina no fim do numero)

NÓS

QUEM lê as folhas e as revistas sabe perfeitamente que o divorcio grassa de novo em Hollywood, sob a forma epidemica, coisa não muito de espantar numa terra onde o "casar e descasar" já ha muito que entrou para o rol das coisas mais comezinhas.

Os matrimonios de artistas Cinematographicos desmancham-se com uma facilidade tal, que os "fans" já não se admiram de mais nada. Pois se até o proprio Douglas e a Pickford... Em summa... Se amanhã, o telegrapho nos annunciar a separação de Joel McCrea e Frances Dee, que ainda no outro dia se casaram, ou que a Harlow largou o terceiro marido, ou ainda que a Crawford se divorciou do Franchot Tone, mesmo sem haver casado com elle, ninguem sentirá surpresa nem enviará cartões de pesames aos divorcistas. Os "fans" já se habituaram e até acham graça...

E, no entanto, valha-nos isso, apesar dos pesares, ainda ha casaes na Cinelandia, que mesmo sem auxilio de Dona Publicidade, vivem felizes.

Observemos, por exemplo, os Marshalls, Herbert e Edna.

São duas creaturas que nunca gritaram ao mundo a sua felicidade. Contentam-se em vivel-a, estejam em Hollywood, em New York ou em Londres...

Nunca fizeram alarde dos seus sentimentos com relação um ao outro, nem nunca mandaram dizer nas gazetas que o amor é melhor do que qualquer fama ou gloria. Os factos são muito mais expressivos do que simples palavras.

Ha dois annos, Edna Best Marshall causou grande sensação em Hollywood, desprezando um papel num Film de John Gilbert, para ir reunir-se ao marido, que estava em New York. Deu apenas como explicação que preferia a companhia de Herbert a qualquer prestigio no Cinema.

E cumpre dizer que Edna gostava do Studio. Todos a tratavam com respeito e boa vontade. Ella não deixou de reconhecer que aquelle papel lhe offerecia possibilidades maravilhosas. Partiu com o grande receio de haver sido ingrata com a gente do Studio, mas que fazer? Não se sentia feliz em trabalhar a tres mil milhas de distancia do homem que amava.

Herbert, no momento, representava uma peça em New York e não podia ir para junto della.

E, assim, uma noite, depois de um dia muito atarefado com modistas e "tests" no Studio, Edna tomou um trem e partiu para o éste, explicando, por telegramma, expedido duma das estações do percurso, os motivos da sua brusca retirada.

A Hollywood romantica suspirou e sorriu daquella devoção digna dos tempos da rainha Victoria.

A Hollywood cynica teve um risinho de duvida e murmurou que devia haver razões mais fortes, que ninguem seria capaz sacrificar a sua carreira só por causa de amor.

Os responsaveis pelo Studio da M.-G. M. limitaram-se a encolher os hombros, habituados com as esquisitices de actores e actrizes, chamaram Leila Hyams a toda a pressa, para substituir Edna, e tudo voltou á normalidade.

Dois annos mais arde, sentado naquelle mesmo Studio, Harbert Marshall sorria, ao lembrar-se da viagem da esposa através do continente para ir-se reunir a elle. Sorria com orgulho e comprehensão. Estava em Hollywood para fazer tres Films, mas não só. Acompanhava-o a esposa, no momento em gozo de ferias. Estavam juntos e isso era o mais importante de tudo.

E, entre scenas de "O homem solitario", um dos seus mais recentes Films Herbert falou:

— E' preciso conhecer Edna, como eu conheço, para lhe comprehender bem a attitude, naquella occasião. Era a primeira visita della a Hollywood. Sentia-se estranha, um pouco nervosa. Sempre haviamos estado juntos, trabalhando ou folgando. Edna experimentou um grande abalo em vir para aqui sózinha, e, em tal estado de espirito, teve medo de não dar conta do recado, na pellicula em que devia representar ao lado de John Gilbert. Ora, a ter que se sahir mal no papel, preferiu não o fazer, e acho que andou muito bem. Demais, Edna não tem pretensões. Sabia perfeitamente que podia ser substituida.

Os Marshalle não costumam expor theorias a respeito de vida matrimonial. O seu romance é antigo e foi nascendo aos poucos. Conheceram-se ha muitos annos, quando trabalhavam juntos na mesma companhia ingleza.

Sympathizavam muito um com o outro e tornaram-se bons amigos. Depois, terminado o contracto, separaram-se. Uma ou duas temporadas após, porém, voltaram a encontrar-se, reatando a velha amizade. A camaradagem acabou por se transformar em amor de verdade.

Herbert continúa a falar, com a sua voz lenta e grave de inglez:

Herbert Marshall tem idéas interessantes sobre certos problemas da vida matrimonial dos artistas.

— Tenho a impressão, vendo as coisas de fóra, de que a causa de tantos fracassos matrimoniaes em Hollywood é a falta de base. Nenhum homem equilibrado pensaria em construir uma casa sobre areias movediças. No entanto, a gente aqui vê homens e mulheres perfeitamente normaes que se casam quasi sem se conhecerem, attrahidos só pela belleza ou coisa parecida. Constroem castellos sobre terreno que não offerece nenhuma segurança...

Herbert sorri.

— Não gosto de falar a respeito da felicidade que desfructo com minha mulher. Até lamento que outros se ponham a apregoar publicamente essas coisas do coração. Não fica bem e, demais, quando se começa a falar muito sobre certos assumptos... Emfim, chego a ter medo de que venha o azar...

Herbert é inglez mas não aggressivamente. Tem idéas e sentimentos tão firmes como as velhas arvores e os castellos de pedra da sua terra natal. Admira e gosta do pittoresco de Hollywood mas não se considera parte integrante do meio.

— Eu e minha mulher temos o nosso systema de viver, na minha opinião muito satisfactorio. Não queremos pertencer exclusivamente nem a Hollywood, nem a Londres, nem a New York. Nem muito no theatro, nem muito no Cinema. Preferimos dividir egualmente o tempo pelas tres cidades. Por isso, conseguimos contractos para fazer seis mezes em Hollywood, seis em New York e seis em Londres.

Herbert nunca diz "eu". E' sempre aquelle carinhoso "nós" que foi augmentado ha mezes com a chegada da pequena Susan, agora na casa dos avós, na Inglaterra.

— Era muito pequena para fazer a travessia do oceano e, assim, quando os contratos nos obrigaram a vir para Hollywood, deixamol-a na Inglaterra. Mas pensamos em mandal-a vir para New York no proximo inverno, quando acabarmos de fazer os Films.

Herbert tem um gesto expressivo e arrasa a theoria de que marido e mulher não devem trabalhar juntos.

— Prefiro Edna a qualquer outra actriz, diz, cheio de sinceridade.

Em primeiro logar, é um excellente elemento. Em segundo, ficamos ligados por novos laços. Esforçamo-nos ambos por levantar a peça, cada qual por si, mas pensando um no outro. Em terceiro logar, deixa de existir qualquer ciume profissional entre nós dois. Esse ciume, creio eu, não parece, mas é causa de muitas difficuldades matrimoniaes, especialmente em Hollywood, onde tudo muda duma hora para a outra. Hoje, por exemplo, a mulher é a estrella, a grande attracção.

Amanhã, porém, o marido tem a sorte de fazer um Film celebre e fica muitos furos acima da cara metade... Quer dizer: a popularidade de ambos ora sóbe ora desce, e assim as emoções. Vem o ciume, a rivalidade, e lá se vae tudo por agua abaixo...

Edna está radiante com successo de Herbert nos Films, mas o actor não quer ser o unico a partilhar da gloria. Pensa em fazer pelliculas com a esposa, tal e qual como no theatro e nos seus Films inglezes.

— Com Edna trabalho melhor, proclama. Não sabe o que é a palavra lisonja. Critica as minhas actuações, com muita intelligencia. Não quero dizer que sómos melhores do que os outros e não sei o que poderia acontecer se minha mulher fosse estrella num Studio e eu competisse com ella noutro, mas estou inclinado a crer que passariamos por essa prova sem sentirmos o menor ciume profissional um do outro. Tal é a solidez das bases em que assenta a nossa vida matrimonial.

Em Hollywood, os Marshalls moram na casa do seu amigo e patricio Ronald Colman. Ficaram com os criados delle, todos inglezes, silenciosos e discretos. Servem-se dos automoveis de Colman e gozam da tranquillidade da vivenda, no alto da collina, mas não limitam o circulo dos seus amigos a alguns intimos, como fazia Colman. Os Marshalls são sociaveis. Têm muitas relações entre a colonia de artistas inglezes e entre os americanos. Em Hollywood, vivem como a gente de Hollywood, em New York, são newyorkinos, e no seu amado Londres não differem dos londrinos mais typicos.

— Em Hollywood, ao igual de toda a parte, termina Herbert, a monotonia é um dos problemas da vida matrimonial. As pessoas que vivem num só logar, por mais interessante que seja, acabam por se aborrecer com elle e tambem um pouco com a gente que as rodeia. Bem entendido, não sou partidario do "domicilio separado", nem das taes "ferias" matrimoniaes. O que acho é que os casaes deviam, de vez em quando, mudar de pouso... Edna e eu, assim que não temos mais nada que ver e admirar, vamo-nos embora...

Antes de partirem da Inglaterra, os Marshalls compraram uma pittoresca vivenda á beira-rio, que deixaram entregue aos cuidados dum velho barqueiro. Fazem tenções de lá voltar, quando se fartarem de admirar Hollywood e New York. A vida delles é uma perpetua viagem e, assim, não se cansam de nada, nem se aborrecem. Herbert Marshall é nosso velho conhecido. Lembram-se delle naquelle Film de Jeane Eagels — "A carta", um dos primeiros falados que o Rio ouviu? Ultimamente vimol-o em "Segredos de uma secretaria", "Venus loura", "Ladrão de alcôva", "Cavalheiro de aluguel" e "O homem solitario".

Agora elle vae ser o galã de Norma Shearer em "Ripe Tide". E dois dos Films inglezes em que trabalho com a sua esposa Edna, foram: "Faithful Heart" e "Michael and Mary", este ultimo ao lado tambem da sua patricia e heroina no "Homem solitario", a deliciosa Elizabeth Allan.

FILMS EXAMINADOS PELA COMMISSÃO DE CENSURA

"Estrella radiophonicas n.° 4" — Vitaphone Varieties U. S. A. — Approvado.

"Doces lembranças" — Vitaphone Varieties U. S. A. — Approvado.

"Amor por atacado" (Drama) — First National U. S. A. — Improprio para menores. — Approvado.

"Patrulha da meia noite" (Comedia) — Metro Goldwyn Mayer U. S. A. — Approvado.

"Pela vida de um homem" — Metro Goldwyn Mayer U. S. A. — Improprio para creanças. — Approvado.

"O navio pirata" (Desenho) — Fox Film Corporation U. S. A. — Approvado.
"Os bombeiros" (Desenho) — Fox Film Corporation U. S. A. — Approvado.
"O caminho da fortuna" (Drama) — Fox Film Corporation U. S. A. — Approvado.
"Batendo asas" — Vitaphone Varieties U. S. A. — Approvado.
"Symphonia celestial" — Vitaphone Varieties U. S. A. — Approvado.
"Quando a sorte sorri" (Drama) — Warner Bros U. S. A. — Improprio para menores. — Approvado.
"A canção de Lisboa" — Tobis Portugueza — Portugal. — Approvado.
"Animando os espiritos" — Vitaphone Varieties U. S. A. — Approvado.
"Os bons visinhos" — Vitaphone Varieties U. S. A. — Approvado.
"Perdido no paraizo (Drama) — Warner Bros U. S. A. — Approvado.
"A villa dos phantasmas" (1.° e 2.° episodios) — Universal Pictures Corporation U. S. A. — Approvado.
"A villa dos phantasmas" (3.° e 4.° episodios) — Universal Pictures Corporation U. S. A. — Approvado.
"O phantasma de Crestwood" (Drama) — RKO-Radio Pictures U. S. A. — Prohibido para menores. — Approvado.
"A mulher faz o marido" (Drama) — Paramount International Corporation U. S A. — Approvado.
"Ver e amar" (Drama) — Fox Film Corporation U. S. A. — Approvado.
"A mulher que eu amei" (Drama) — First National U. S. A. — Approvado.
"A Garçoneta" — Shinko Kimena, Tokio — Japão. — Approvado.
"A marcha da Mandchuria" — Shinko Kimena, Tokio — Japão. — Improprio para creanças. — Approvado.
"O rei da gráxa" — Pathé Natan. — Approvado.
"Uma idéa louca" (Comedia) — Universum Film (Ufa) — Allemanha. — Approvado.
"Caçando patos" — Metro-Goldwyn-Mayer U. S. A. — Approvado.
"Pedindo soda" (Desenho) — Metro-Goldwyn-Mayer U. S. A. — Approvado.
"Asas da noite" (Drama) — Metro-Goldwyn-Mayer U. S. A. — Approvado.
"Serpentes de luxo" (Drama) — Warner Bros U. S. A. — Improprio para menores. — Approvado.
"Pastelão musical" — Vitaphone Varieties U. S. A. — Approvado.
"Estrellas radiophonicas n.° 5" — Vitaphone Varieties U. S. A. — Approvado.
"O homem que ficou para semente" (Drama) — Fox Film Corporation U. S. A. — Approvado.

O casal Herbert Marshall, inseparaveis nas vidas real e artistica.

Herbert Marshall só agora está ficando popular mas é nosso velho conhecido. Surgiu-nos com o Cinema falado num Film de Jeanne Eagels e mais tarde ao lado de Claudette Colbert. Mas "Venus loura" e "Ladrão de alcôva" é que o revelaram. E o Cinema não tem outro interprete de ladrões elegantes tão fino como Herbert!

"Estrellas radiophonicas n.° 6" — Vitaphone Varieties U. S. A. — Approvado.
"Juventude imperiosa" (Drama) — Warner Bros U. S A. — Approvado.
"As finanças do amor" (Drama) — Paramount-International Corporation U. S. A. — Approvado.
"A villa dos phantasmas" (5.° e 6.° episodios) — Universal Pictures Corporation U. S. A. — Approvado.
"Mel, amor e vinagre" (Comedia) — Universal Pictures Corporation U. S. A. — Approvado.
"Dois duplos" (Comedia) — Metro-Goldwyn-Mayer U S. A. — Approvado.
"Sahiu cinza" (Comedia) — Metro-Goldwyn-Mayer U S. A. — Approvado.
"Dormindo no escuro" (Comedia) — Metro-Goldwyn-Mayer U. S. A. — Approvado.
"No olho da rua" (Comedia) — Metro-Goldwyn-Mayer U. S. A. — Approvado.
"Fabrica de pilhas" Gaillard — Edson Film Ltda. — Approvado.
"Fazendo campões" — Short — Vitaphone Varieties U S. A. — Approvado.
"Férias maritimas" — Short — Vitaphone Varieties U S. A. — Approvado.

"Prisioneiros" (Drama) — Warner Bros U. S. A. — Improprio para creanças. — Approvado.
"Amigos serviçaes" — Short — Vitaphone Varieties U. S. A. — Approvado.
"O famoso Mr. Brown" (Drama) — British e Dominions — (Distr. da U. Artists U. S. A.) — Approvado.
"Ares da primavera" — Short — Vitaphone Varieties U. S. A. — Approvado.
"Ilha dos amores" (Comedia) — Aafa Film — Berlin — Allemanha. — Approvado.
"Segredo do cachimbo" (Drama) — Makino Studio — Japão. — Improprio para creanças. — Approvado.
"Seducção das geishas" (Drama) — Makino Studio — Japão. — Approvado.
"Pareo fatal" (Drama) — Fuji Studio. — Japão. — Approvado.

CASINO FLUTUANTE

(GAMBLING SHIP)

FILM DA PARAMOUNT

Ace Corbin	Cary Grant
Eleanor La Velle	Benita Hume
Blooey	Roscoe Karns
Jeanne Sands	Glenda Farrell
Pete Manning	Jack La Rue

Direcção de **Louis Gasnier e Max Marcin**

ACE CORBIN, um grande trapaceiro no jogo, tão habil como Clark Gable em "Casar por azar", depois de ver-se envolvido num assassinio e conseguir ser absolvido do mesmo, resolve abandonar temporariamente a sua carreira rendosa, deixando New-York.

Foi assim que, no trem que o conduzia para o Pacifico, elle conheceu a moreninha Benita Hume, que não era outra senão a queridinha do coração de Burke, o proprietario do "Casino del Mar", luxuosa casa de jogo fluctuante, que cruzava além da costa californiana.

Durante a viagem elles se tornam amigos e bastam os quatro dias de viagem, para que se enamorem apaixonadamente um do outro. Mas o interessante é que ambos escondem as suas verdadeiras identidades e cada qual faz-se passar por uma figura destacada da sociedade new-yorkina.

E quando o comboio chega a Los Angeles, Eleanor que já ama mais o seu novo conhecido do que o seu antigo amante, vê-se na contingencia de despedir-se delle, dando-lhe a desculpa de que seu tio está perigosamente doente e ella precisa vel-o, ao mesmo tempo que projecta brigar com Burke e procurar depois o trapaceiro.

Entretanto, Eleanor vae encontrar Burke em pessimas condições financeiras, por causa da concorrencia de um outro casino fluctuante, de propriedade de um tal Pete Manning, cujo barco estava sendo preferido pelos amantes do jogo e acabara por arruinar quasi, o casino de Burke.

Nestas circumstancias, Eleanor sente que é seu dever não abandonar o amigo e contrariando o coração, resolve esquecer definitivamente o companheiro de viagem.

Neste interim, Blooey, o braço direito de Burke descobre a presença do sympathico jogador na cidade e induz seu chefe a procural-o. E Corbin é convidado a entrar como socio do "Casino del Mar", convite que procura recusar dizendo que resolvera gosar algumas férias da profissão.

Acontece que Manning, ha longo tempo inimigo de Ace, tambem descobre a sua presença na cidade e começa a perseguil-o. Suas tentativas para intimidar Corbin, apenas conseguem irritar o jogador que afinal se decide a entrar no negocio de Burke, comprando parte dos interesses do seu navio.

E a tres milhas da costa americana, onde as autoridades não tinham jurisdicção, e as leis não podiam alcançal-os, Corbin e Manning reiniciam uma rivalidade mais forte ainda do que anteriormente.

Era pelo predominio que elles lutavam e quando ha uma differença entre velhos rivaes, sómente o exterminio de um delles acaba com a questão.

A primeira cousa que Corbin faz é mandar irradiar um signal, annunciando que os "water-taxis" de Manning não navegam. A concorrencia naquella noite abarrotou assim o "Casino del Mar", em detrimento do barco rival, inteiramente privado de conducções.

Entre os presentes estavam Eleanor e a sua amiga Jeanne Sands, a loura Glenda Farrell. Corbin sente-se feliz em revêr Eleanor. E cada qual ainda continua na supposição de que o outro é uma pessoa honesta e boa... Entretanto, quando um asecla de Manning vem tomar satisfação e Ace é compellido a enfrental-o, Eleanor descobre a verdadeira identidade do seu amado. E sem revelar a sua, ella confessando a Corbin todo o amor que sente por elle, diz-lhe que o seu meio de vida em nada diminuirá a paixão que elle lhe inspira...

Quando o espia de Manning sem-cerimoniosamente lançado por Corbin ao mar, retorna ao navio de seu chefe, este se enfurece com a narrativa que elle lhe faz e tomando uma lancha veloz, se dirige ao "Casino del Mar", arremessando contra o

(Termina no fim do numero)

Mary Lou Fisher, Violet Foran, Eleanor Lovegren, Betty Grey, Louise Lynn, Mildred Hollis, Adele Pearce, Vivian Ward, as "eight girls in a Boat", da Paramount.

Pequenas da Universal

Busby Berkeley ensaiando um bailado

Norman Mc Leod e as candidatas a "Alice in Wonderland"

Larry Ceballos dirigindo um bailado de "Sitting Pretty"

HELEN MACK

For Cinearte
with good wishes
from Helen Mack

TEMPESTADE SOBRE HOLLYWOOD

HOLLYWOOD é uma terra de barulho. Ha sempre explosões de mau genio e conflictos em perspectiva. A's vezes, rebentam verdadeiros banzés, com bordoada grossa, mas são mais frequentes as simples descomposturas, com troca de desaforos e berros, logo seguidos de copiosa choradeira. Ha questõeszinhas sem importancia, que, com o correr dos tempos, chegam a assumir caracter grave.

Até tiros já houve. Em certa occasião, esteve-se na imminencia dum duello de verdade. Norman Kerry teve um desentendimento com um actor estrangeiro e foi desafiado para um encontrozinho pelas armas. Café e pistolas para dois. O diabo é que o duello, pelas leis da California, é considerado crime.

Os dois adversarios pensaram em ir ajustar contas no Mexico ou noutro logar qualquer, mas acabaram por desistir.

As discussões em Hollywood degeneram muitas vezes em luta corporal, mas quasi sempre um só murro basta para pôr fim á questão. Ha pouco, por exemplo, Al Jolson deu uma tapona em Walter Winchel, por julgar descobrir allusões á sua pessoa e á de sua esposa Ruby Keeler no Film "Broadway Through a Keyhole". O caso fez escandalo, com grande contentamento do proprio Winchell, que, segundo declara, embolsou mais dez mil dollars com a exploração do Film.

Quer dizer que, desta vez, quem sahiu ganhando foi o vencido e não o vencedor, coisa que não costuma succeder nos verdadeiros combates de box.

A lista das trocas de murros entre a gente de Hollywood é enorme. Vêm-nos logo á memoria os nomes de Charles Chaplin e Louis B. Mayer, que tiveram uma scena de pugilato em 1920; de John Barrymore e Myron Selznick; de John Gilbert e Jim Tully; de Tom Mix e um comediante do palco, Will Morrisey; de Ernst Lubitsch, o director, e Hans Kraly, o escriptor, cuja luta andou muito noticiada, por causa da importancia dos antagonistas e pelo facto da ex-sra. Lubitsch estar a dansar com Kraly no momento do barulho; e, finalmente, George Raft com um aggressor desconhecido.

Hollywood gosta de assistir a um bom combate, o que ultimamente tem occorrido com frequencia, embora nem sempre entre "astros". E' que os "astros" são obrigados, por motivos profissionaes, a zelar pela integridade do rosto. Não seria de admirar que, a repetirem-se as scenas de box entre elles, passasse a figurar nos contractos uma clausula prohibindo terminantemente as trocas de sopapos. Os olhos inchados, os narizes esborrachados, as orelhas rachadas e os frontispicios avariados podem obrigar á subita interrupção da Filmagem duma pellicula, com grande prejuizo para o Studio.

Os artistas, entretanto, não precisam de chegar ás vias de facto para demonstrar as antipathias que nutrem uns pelos outros. Dispõem de outros recursos, egualmente efficazes. Ha os olhares venenosos, as "indirectas" ferinas, as phrases: "E' favor não me tornar a dirigir a palavra. Queira retirar-se".

Elles são mestres nessas artes e tambem na do *trote*, uma das mais cultivadas em Hollywood.

No entanto, haverá sempre as "lutas" nos Films, que dão margem a resentimentos na vida real. O estremecimento de relações, por exemplo, entre Claudette Colbert e Miriam Hopkins. Foi na scena das bofetadas do Film "O tenente seductor". Miriam achou que Claudette lhe batera com "muita força". A scena foi photographada no principio dos trabalhos, embora só apparecesse quasi no fim da pellicula. As duas actrizes passaram a não olhar com bons olhos uma para a outra durante o resto da Filmação e chegaram á troca de palavras azedas. Ficaram zangadas e, dahi para cá nunca mais ninguem as viu juntas.

Clara Bow e Thelma Todd não se mostraram assim tão resabiadas uma com a outra, depois do seu encontro em "Sangue vermelho". Uma bofetada Cinematographica póde ser apenas uma bofetada synthetica, mas parece ter consequencias entre as actrizes Muitas vezes, na verdade, nasce tudo de suppostas antipathias, que a publicidade inventa. No emtanto, houve quem murmurasse acerca dum "caso" Bow-Todd e muitos viram-lhes marcas no rosto...

Inda não se viu, porém, duas actrizes engalfinharem-se em publico. Os que andam sempre de nariz no ar, a farejar escandalos sensacionaes, sabem perfeitamente que o grande dia ha de chegar, mais cedo ou mais tarde, mas, por ora, esse sonho dourado está ainda por se consummar.

E' certo que Tallulah Bankhead levou umas bofetadas e teve o chapéo rasgado por uma mulher, num restaurant de Londres, mas a scena foi longe de Hollywood e, por isso, não teve graça nenhuma... Talvez já muitas vezes as pequenas do Cinema se tenham esmurrado a portas fechadas, mas até hoje ainda não appareceu nenhuma em publico com a "fachada" em más condições. Na verdade, as mulheres em geral têm muito cuidado com o rosto.

Segundo a lenda, Constance Bennett e Lilyan Tashman escolheram um salão de belleza para dizerem francamente tudo o que pensavam a respeito uma da outra. Occupando cabinas contiguas, cada qual exprimiu livremente os seus sentimentos em voz alta, falando para as respectivas empregadas que as attendiam, mas de modo a serem ouvidas uma pela outra. Ambas queriam ser as mulheres mais bem vestidas de Hollywood e dahi a rivalidade. Recentemente, porém, Constance offereceu o raminho de oliveira, incluindo Lilyan entre as mulheres mais elegantes do mundo. E a Lil fez o mesmo? Não. Moita!

A Tashman e Hedda Hopper tambem tiveram uma questão por causa de vestidos, que começou por um simples truque da publicidade, mas que, depois, se tornou seria. Miss Hopper, tida por uma das mulheres mais elegantes, tomava parte em "Dinner at Eight" no palco, e os intelligentes rapazes da propaganda acharam que faria bem á carreira da actriz trazer a lume, nas folhas, uma pretensa rivalidade em elegancia entre ella e Lilyan Tashman. Parece que antes de apparecer o primeiro artigo a esse respeito, a Lil convidou a Hedda para um lanche. Hedda referiu-se, então, innocentemente, á idéa dos agentes de publicidade. Foi o bastante. Lil franziu o rosto e não tornou a falar no lanche.

Lupe Velez é o mais terrivel diabrete que existe. Desde que appareceu em Hollywood que teve que abrir caminho, lutando com todas as forças. E' dessas que caminham com uma moringa na cabeça, desafiando toda a gente para a derrubar, especialmente as rivaes femininas. Desde o principio que Lupe começou a soffrer comparações com Dolores del Rio e isso não concorreu nada para que as duas se tornassem amigas, embora procedam ambas do Mexico. Dolores era uma dama de sociedade, ao passo que Lupe apenas foi artista de *cabaret*.

Lupe e Jetta Goudal não se entenderam bem uma com a outra durante os trabalhos de "Melodia do Amor". Diz-se que essa inimisade, que, por diversas vezes, esteve a pique de degenerar em sopapo, nasceu do facto da mexicana fazer uma "imitação" da collega. Como se sabe Lupe é uma excellente mimica, tendo já imitado, no palco, varias estrellas. Essas imitações agradam a toda a gente, menos á victima, pois Lupe não deixa de accrescentar sempre uma certa dóse de "veneno". Se a mexicana quizesse brigar duma só vez com todas as suas inimigas, teria que alugar o Colyseu de Los Angeles.

Gloria Swanson é enormemente "rixenta", mas com uma dignidade de rainha. Ha annos, quando Pola Negri foi para a Paramount, ficou provado que o Studio era excessivamente pequeno para conter as duas altivas rivaes. Mais tarde, Gloria achou a vida muito aborrecida no Studio da United Artists, por lá estarem tambem Norma Talmadge, Corine Griffith e as outras estrellas. Cedo se retirou para outro Studio, onde podia gosar de mais consolador isolamento.

Mas as quizilias em Hollywood formam legião Já ha annos que Richard Arlen e Nancy Carroll nutrem uma antipathia mutua e não fazem mysterio disso. Arlen costuma dizer o que sente a respeito de Nancy e esta paga-lhe na mesma moeda.

A inimisade entre os dois começou durante a Filmagem de "Paraiso perigoso". Não foi nenhum paraiso para elles! Tiveram que ir trabalhar juntos na ilha Catalina e Arlen, por mais duma vez, descompoz Nancy em altos brados. Não tornaram a apparecer juntos senão quando "Wayward" foi feito em New York. Consentiram em contrascenar no Film, por dever de officio, mas com muita relutancia. Suppunha-se talvez, que a mudança de meio melhorasse a situação entre os dois, mas não foi o que se deu.

Todas as vezes que uma estrella se torna rainha de Studio, surgem questões, especialmente se a actriz é casada com algum "executivo". As outras "estrellas" começam logo a protestar contra a "protecção" e a queixarem-se dos papeis que lhes dão. Tanto Norma Shearer como Colleen Moore, emquanto reinavam, respectivamente, na M.-G.-M. e na First National, tiveram que soffrer, indirectamente, as ferroadas da critica e da murmuração. Norma acaba de voltar. Resta saber se a situação permanecerá a mesma.

Já por diversas vezes, Joan Crawford, Marion Davies e Greta têm encarniçadamente lutado pela supremacia na M.-G.-M. De vez em quando parece ser uma dellas quem empunha o sceptro.

As brigas mais frequentes são entre as "duplas" de "estrellas". De vez em quando, por exemplo, Bert Wheeler e Robert Woolsey separam-se, zangados. Estes dois comicos, porém, podem viver separados na vida real, mas não na tela, onde constituem um verdadeiro chamariz de bilheteria. Haja o que houver, são obrigados a trabalhar juntos.

(Termina no fim do numero)

Lupe Velez — *Jack La Rue* — *Miriam Hopkins* — *Richard Arlen* — *Thelma Todd* — *Wm. Gargan*

A TELA EM

O homem que venceu

Achada na rua

Ferro a ferro

O melhor dos inimigos

O filho inesperado

PERDIDO NO PARAISO (The Narrow Corner) — Warner Bros. — Producção de 1933.

Versão Cinematographica da novella de Somerset Maugham e um Film de colorido e vida intensa. Mas aonde aquella exotica fascinação do drama das paixões humanas na "jungle", da historia de Fred, Eric e Louise?

E' que o director não se assenhoreou de todo o espirito da historia e o scenario tambem não aproveitou todas as explendidas situações que ella offerecia. Uma adaptação não póde ser inteiramente fiel ao original, é certo. Mas modificar as situações para a camera não é desvirtuar o espirito do thema. E a novella era material para um amargo e admiravel estudo.

Mas mesmo sem estar completamente aproveitado, é um Film muito acima da producção normal, apresentando cousas notaveis. Aquella scena em que Douglas Fairbanks Jr. se despede de Duddley Digges é esplendida. Ali deveria ter sido o final. A exaggerada fuga pelos recifes em miniatura, positivamente quasi arruina toda a belleza do Film e da scena anterior. E a apparição de Patricia Ellis ahi, é puro convencionalismo e exigencia da bilheteria.

Os typos originalissimos da novella estão reconstituidos com perfeição. Só o caracter de Louise é inexpressivo e pouco desenvolvido. Mas os de Fred, Eric, o medico e os outros, são veridicos e humanos.

As scenas marinhas, principalmente as da tempestade trazem uma belleza especial. Bons retoques comicos com os typos do velho lobo do mar e do capitão Nichole, um pouco de philosophia e satyra na parte de Duddley Digges e os seductores ambientes, não chegam a dissipar a impressão sombria, o sentimento amargo do "conflicto" phychologico central.

Douglas Fairbanks Jr. tem um desempenho vibrante, admiravel. Ralph Bellamy, esplendidamente adaptado, faz-nos participar de todas as emoções de seu papel. Patricia Ellis revela muito talento na belleza ingenua e sensual do seu rosto. Dudley Digges no Dr. Sanders. Arthur Hohl no capitão dyspepico, Reginald Owen no traductor dos "Lusiadas" e o impagavel William Mong apresentam creações estupendas dignas de todos os applausos.

Willie Fung, Sidney Toler, Edwin Maxwell, Henry Kolker e Josef Swickard são figurantes. Robert Presnell scenarizou e Sol Polito é o responsavel pela admiravel photographia. Alfred Green foi o director. Quem conhece o livro sentirá que o Film não é completo. Mas para os "fans" em geral é um excellente espectaculo.

Cotação: — BOM.

O HOMEM QUE VENCEU (The Man Who Dared) — Fox — Producção de 1933.

Este Film biographia do prefeito Anton Cermack, assassinado em Miami, poderia agradar mais se o romance amoroso da vida do prefeito tivesse sido mais desenvolvido, mas mesmo assim como está, tem muita cousa bonita, humana e tem exquisita poesia a scena em que Zita Johann e Preston Foster recordam os velhos tempos da mocidade.

Muito Cinematographica e impressionante a sequencia da explosão da mina. A scena da morte de Zita, é silenciosa e linda.

Preston Foster, agrada completamente. Sabe envelhecer no Cinema... Zita Johann, num papel pequeno, é verdade, é um dos maiores encantos do Film. Irene Biller, grande artista do palco, que a Fox trouxe da Hungria, é tambem uma admiravel artista de Cinema. E reparem a sua semelhança com Zita Johann... June Vlasek, Joan Marsh, Frank Sheridan, Vivian Reed, Lita Chevret e outros figuram.

E' mais um Film revivendo o fim do seculo passado e chegando até aos nossos dias, sendo interessante a maneira como é apresentada a guerra européa e os "gangsters". Um Film um tanto local e por isso foi um successo nos Estados Unidos. Direcção agradavel de Hamilton Mac Fadden.

Cotação: — BOM.

SERPENTE DE LUXO (Baby Face) — Warner Bros. — Producção de 1933.

Desde que foi exhibido em "preview" este Film tem voltado ao Studio diversas vezes, afim de soffrer refilmagens e transformações innumeras.

Não sabemos como era elle anteriormente, mas a copia que vimos contém um drama muito bem narrado pela camera, uma producção bem acabada, fina e luxuosa como têm sido os ultimos Films da Warner Bros.

Não é comtudo, um Film de agrado incondicional e isto devido a sua historia. Ella focaliza a vida de uma mulher que, dominando os homens com sua belleza physica, vae da pobreza até a maior opulencia. No final, fatalmente, ella apaixona-se por uma de suas victimas...

Mas ha um certo encanto na maneira como está narrada a ambição de Barbara Stanwyck, como está exposta sua alma e emfim, no proprio desempenho calmo e humano de Barbara.

O luxo dos ambientes que a rodeiam, as "toilettes" e os penteados fascinantes com que se apresenta realçam muitissimo a belleza da interprete de "A flor dos meus sonhos". Não é este o genero de papeis onde gostariamos de ver a imagem profundamente espiritual de Barbara; mas verdade seja dita; é um dos melhores Films de Miss Stanwyck ultimamente. Tem uma confecção artistica, observações e um scenario que affirmam o seu valor Cinematographico.

George Brent e Donald Cook desempenham-se muito bem do pouco que têm a fazer. A pretinha Tereza Harris, Henry Kolker, Margaret Lindsay, John Wayne e James Murray tambem contribuem para a excellencia do elenco. Renée Withney, Pat Wing, Toby Wing, Harry Gribbon, Alphonse Ethier, Robert Barrat, Nat Pendleton, Douglas Dumbrille e outros figuram.

Direcção de Alfred Green. O titulo em portuguez e a idéa central da historia são de puro Film de Bertini e Menichelli. Mas vejam. Ha um "charme" novo nesta edição, quasi toda ella enfeitada em surdina pela melancholia do "St. Louis Blues"...

Cotação: — BOM.

UMA IDÉA LOUCA (Ein toller cinfall) — Ufa — Producção de 1932.

Uma comedia typicamente allemã mas que não desagrada apesar dos exaggeros e inverosimilhanças que contém o seu argumento: uma farça toda composta de complicações e mal entendidos.

O scenario harmonisa bem a musica e as sequencias dando ao Film um cunho Cinematographico e de boa diversão. Se bem que algumas scenas aborreçam por serem longas, monotonas e apresentem um grupo de velhos antiphotogenicos e sem graça alguma.

A introducção de Dorothéa Wieck na historia, tambem não está muito bem feita. A admiravel professora de "Senhoritas em Uniforme" tem aqui um papel decorativo e nada mais.

Mas a maior falta do Film é fazerem com que Willy Fritsch deixe de lado duas creaturas como Dorothéa Wieck e Rosy Barsony para beijar, no final, a desinteressante e feiosa Ellen Schwanneke...

Rosy Barsony, comediante e bailarina optima, é uma lourinha adoravel. Uma idéa louca! Precisa é representar de maneira mais Cinematographica.

Direcção de Kurt Gerron. Uma boa comedia e uma agradavel diversão.

Cotação: — BOM.

O JUIZO FINAL (Day of Reckoning) — M. G. M. — Producção de 1933.

A melhor cousa do Film é a precisão com que elle traça os caracteres dos personagens. Trata-se de uma historia simples mas com um fundo humano, um bom tratamento, passagens sombrias e tragicas.

Os trechos na prisão são bons e a luta final entre os rivaes é optima, fornecendo um forte "climax".

Richard Dix que ha tanto tempo não viamos, tem talvez o melhor trabalho do Film, apesar de pequena a sua "footage". Passa quasi todo o Film preso. Madge Evans é a esposa frivola e elegante. Para Conway Tearle é aconselhavel outra temporada nos palcos... Isabel Jewell faz bem o seu minusculo e convencional papel. Una Merkel, Stuart Erwin, Spanky, Raymond Hatton e Paul Hurst completam bem o elenco. O papel de Una tem a novidade de ser bem differente dos que costuma interpretar.

O Film chamou-se anteriormente "Forever Faithful". Zelda Sears e Eve Green tiveram o scenario. A direcção de Charles Brabin é boa.

Cotação: — BOM.

FERRO A FERRO (Son of the Eagle) — Paramount — Producção de 1933.

Um Film resumindo o periodo americano desde antes da guerra até a abolição da lei secca, mostrando algumas novas manifestações de "gangsters", mesmo agora em que se não bebe "whiskey" falsificado.

Uma producção local, repleta de situações e observações que só poderão ser bem comprehendidas e sentidas pelos americanos, mas tratada de uma forma gostosa que agrada e interessa, apresentando um bom "caracter" de Jean Helscholt, secundado por Charles Bickford, Mary Brian, Richard Arlen, Louise Dresser e George Stone em mais um optimo desempenho.

Andy Devine offerece boa comedia e no Film ha uma esplendida scena de luta.

Cotação: — BOM.

ACHADA NA RUA (Pick up) — Paramount — Producção de 1933.

Não nos pareceu um Film digno de Sylvia Sidney e do director Marion Gering. Mas como um Film de linha é apresentavel e tem suas qualidades.

O argumento é o que ha de mais forte contra a fita. A historia de Vina Delmar é cheia de situações já vistas em outros Films e os caracteres que apresenta são pouco convincentes.

Mas o estimulo e a ambição que Sylvia Sidney insufla á vida do chauffeur George Raft, o seu amor por elle, o desfecho do julgamento e outras cousas mais, são passagens bonitas que tornam o Film apreciavel.

A festa infantil de Lilian Bond é muito interessante. Esta continua seductora mas o seu papel nos pareceu convencional e um tanto exaggerado..

Sylvia Sidney tem mais um bom trabalho. Os seus "close-ups" são optimos. George Raft e William Harrigan podiam ser substituidos com muita van-

REVISTA

tagem para o Film e a platéa. George Meeker, Lona André, Clarence Wilson, Robert Mc Wade, Charles Midleton, Oscar Apfel, Florence Dudley, Patricia Farley, Alice Adair, Gail Patrik, Purnell Pratt e outros figuram.

Cotação: — BOM

SANGUE HUNGARO

Em materia de aspectos e musicas typicas, esta producção de Carl Froelich apresenta cousas excellentes.

Bem dirigido e confeccionado, elle fornece uma diversão muito agradavel, contribuindo bastante para isso, a voz deliciosa de Gitta Alpar e a sympathia de Gustav Froelich.

Cotação: — BOM.

O CAMINHO DA FORTUNA (The Last Trail) — Fox — Producção de 1933.

Os "westerns" de George O'Brien têm recebido um tratamento cuidado que os tornam optimo divertimento para os "fans" deste genero.

Aqui temos uma versão modernizada de uma historia de Zane Grey e George com a ajuda da policia, lutando contra os ladrões que invadem o seu rancho.

Claire Trevor é fina e bonita demais para estes ambientes. Lucille La Verne, Ruth Warren, George Reed, J. Carroll Naish e Louis Alberni completam o **cast**. El Brendel tem bons momentos na comedia.

James Tinling dirigiu. George O'Brien vae descançar um pouco do **far-west**. Breve talvez seja o Marco Antonio

Cotação: — BOM.

ASSOBIANDO NO ESCURO (Whistling in the Dark) — M.G.M. — Producção de 1933.

Como comedia tem o seu valor, combinando tambem um pouco de mysterio, aventuras e "gangsters". O **plot** é bem imaginado. As aventuras de um escriptor de novellas mysteroisas nas mãos de um grupo de "gangsters", fornecem momentos comicos agradaveis e o tratamento soube aproveital-os.

Una **Merkel** vae muito bem e Ernest **Truex reforça** bastante a comedia. **Edward Arnold, John Miljan, C. Henry Gordon e Nat Pendleton são, fatalmente, os "gangsters". Johnny Hines que vae reapparecendo, Tenen Holtz e outros** figuram.

Elliott Nugent forneceu uma regular direcção.

Cotação: — REGULAR.

MELODIA DE ARRABALDE (Melodia de arrabal) — Paramount — Producção de 1932.

Carlos Gardel a interpretar com uma bonita voz, excellentes tangos (aliás já populares) num Film falado em hespanhol, algo interessante, que tenta fazer o elogio de um bairro.

Imperio Argentina tambem canta optimamente e é uma pequena esplendida. Ella ajuda muitissimo o Film, com sua vivacidade e fornecendo o interesse romantico. Helena D'Algy (lembram-se della ao lado de Valentino?) tem um bom papel e bem interpretado. Vicente Padula figura.

A direcção de Louis Gasnier prejudica muito o Film.

Cotação: — REGULAR.

OURO E TRAPOS (Don't Bet On Money) — Universal — Producção de 1933.

Lew Ayres entre o amor de Ginger Rogers e sua paixão pelas corridas de cavallos. Um simples Film de linha que poderá interessar aos "fans" dos artistas e do... "turf".

Ginger Rogers cada vez mais interessante. Shirley Grey faz uma fascinante "gold digger". Merna Kennedy, Lucille Gleasson, Ton Dugan e Robert O'Connor tambem figuram.

Direcção passavel de Howard Rogers.

Cotação: — REGULAR.

O MELHOR DOS INIMIGOS (Best of Enemies) — Fox — Producção de 1933.

Como volta de Charles Rogers ao Cinema o Film não é muito feliz e Buddy pouco tem, mesmo, a fazer. E' um trabalho que soffreu tres refilmagens e teve tres directores: Frank Craven, James Cruze e Rian James.

O argumento sobre inimizade entre duas familias é tratado como comedia mas o Film é fraco, quer como diversão ou Cinema.

Buddy Rogers e a suave Marian Dixon formam um parsinho bonito e um idyllio que é, afinal, o que o Film tem de melhor. Frank Morgan não vae mal. Greta Nissen, William Lawrence e Joseph Cawthorn têm os outros papeis.

Cotação: — REGULAR.

AMOR POR ATACADO (She Had To Say Yes) — First National — Producção de 1933.

O argumento é fraco e o convencionalismo é por atacado... Loretta Young Lyle Talbot, Regis Toomey, Suzanne Kilborn, Helen Ware, Ferdinand Gottschalk, Pat Wing. Tom Duran e outros figuram mas Winnie Lightner e Hugh Herbert sobresahem-se mais, apesar de não conseguir disfarçar a monotonia do Film nem prender a attenção.

Direcção de Busby Berkeley (o director dos bailados da "Rua 42" e "Cavadoras") e Don Mullaby.

Cotação: — REGULAR.

O AMOR CRIA AZAS (The King's Cup) — British & Dominions.

Film de aviação inglez. Dorothy Bouchier é bonitinha.

Cotação: — REGULAR.

CENTRAL PARK (Central Park) — First National — Producção de 1932.

Mais uma historia de ladrões. Wallace Ford, Guy Kibee e Joan Blondell, são os principaes e o rostinho adoravel de Patricia Ellis tambem está no Film. Direcção do fallecido John Adolfi.

Cotação: — REGULAR.

A CULPA DOS PAES (The Guilty Generation) — Columbia — Producção de 1931.

Um Film velho com Boris Karloff e Constance Cummings, muito differentes do que são hoje. Leo Carrillo em mais um "gangster". Robert Young tambem toma parte.

Cotação: — REGULAR.

VIDAS CRUZADAS (From Hell To Heaven) — Paramount — Producção de 1933.

Carole Lombard muito bonita e outro Film de corrida de cavallos. Adrienne Ames e David Manners, tomam parte.

Cotação: — REGULAR.

O REI DA GRAXA (Le Roi du Cirage) — Pathé-Nathan.

George Milton mais acceitavel como artista de Cinema.

Cotação: — REGULAR.

A CONDESSA DE MONTE CHRISTO (Die Gráfin von Monte Christo) — UFA.

Brigite Helm numa comedia passada num Studio de Cinema, bem passavel. Paul Wagner é o galã e os conhecidos Hans Junkermann e Oscar Sima tambem trabalham.

Para os admiradores de Brigite.

Cotação: — REGULAR.

TREZE MULHERES (Thirteen Women) — RKO-Radio — Producção de 1932.

Myrna Loy depois dos seus ultimos Films não póde mais ser levada á serio como sereia bizarra.

Ricardo Cortez, Irene Dunne, Julie Haydon, Kay Johnson Jill Esmond, Mary Duncan, tomam parte e a mallograda Blanche Frederici, tambem.

Cotação: — REGULAR.

O FILHO INESPERADO (Le Fils Improvisé) — Paramount — Producção de 1932.

A mais fraca das producções da Paramount no Studio de Saint Maurice. Como sempre, é uma comedia theatral, apimentada, dirigida pelo senhor René Guissart e interpretada por Fernand Gravey... Mas desta vez; lenta e monotona como nunca.

Florelle, elegante e linda é que salva o espectaculo, com um desempenho muito agradavel. Baron Fils, Jackie Monnier e outros completam o mau elenco.

Cotação: — FRACO.

Pergunte-me outra

NORBERTO ARANHA FRANCO (S. Paulo) — Obrigado e retribuo da mesma forma. Buck: Universal City, California. George: Fox-Studios, Beverly Hills, Cal. Póde escrever em brasileiro mesmo, gryphando a palavra "photograph".

JOSÉ LOMONACO BASTOS (Sylvestre Ferraz) — Já publicou no numero de 15 de Janeiro p.p. Escreva directamente a gerencia, pedindo — rua Sachet, 34, Rio.

FRA-DIAVOLO (Bello Horizonte) — 1° — Universal City, Cal. 2° — Fox-Studios, Beverly Hills, Cal. 3° — Em brasileiro mesmo, com a palavra "photograph" destacada. 4° — Universal City, Cal. 5° — Warner Bros.-Studios, Burbank, Cal.

LU CRAWFORD (Pelotas) — Muito obrigadinho, Lu. Desejo o mesmo para você. Continua o mesmo endereco. Muito bem por ter ido vêr o Film. Não sei qual é o papel que ella faz em "Morning Glory" e "Little Women". Póde ser "Manhã gloriosa" e "Meninas", por exemplo. Os Films do novo contracto e o salario de Marlene, não sei.

A' primeira pergunta não posso responder. Mas eu conheço você...

CROCY (Rio) — Não sei onde existem esses livros á venda, no Rio. Procure nas livrarias especialisadas de obras americanas. Phillips: M.G.M.-Studios, Culver City, Cal.

JOTAL QUERINO (Pelotas) E' Pery Ribas.

FIM (S. Paulo) — O Gilberto entrevistou foi Cary Grant. Em "Viuva alegre" — Jeannette Mac Donald, sob a direcção de Lubitsch. E' o primeiro na Metro. Obrigado pelos recortes. Rua Sachet, 34.

RONALD O'BRIEN (Fortaleza) — 1° — John Lodge. 2° — "Design for Livnig". 3° — Claudette Colbert e George O'Brien, por emquanto. 4° — Pelo menos, por emquanto. 5° — Não me lembro mais.

J. C. MARTINS (Rio) — Muitos Films não vem por motivos diversos. A's vezes, a agencia allega que os artistas não tem publico. Mas dos Films que elles fizeram, com excepção de "Horse Feathers", todos os outros passaram no Rio, ainda não se podendo saber se "Duck Soup" não virá...

ZÉZÉ — Muito interessante "Velhos Fans".

LAPIS (Pelotas) — Gostei dos commentarios. Concordo com você nas restricções que faz. Tem razão.

FIUSA LEI (Bahia) — E' porque não tem fabrica certa, trabalha "free-lacing". Fay: Paramount-Studios, Marathon Street, Hollywood. Cal. Ruth e Florine: M.G.M.-Studios, Culver City, Cal. Ann: Warner Bros-Studios, Burbank, Cal.

K.C.T. (Rio) — 1° — Esta pergunta você deve fazer directamente á agencia. Elles é que poderão informar... 2° — Não sei, francamente. 3° — Nos Estados Unidos, passam. 4° — Mas não é do nosso feitio publicar criticas dos outros, de determinado Film, mesmo porque já fizemos demasiada propaganda desse Film. — 5° — Se o Film fôr feito elle falará.

Boris Karloff vae "estrellar" "O gato preto", de Edgar Allan Poe, dirigido por Edgar Ullmer.

Carmel Myers, Fay Wray, Paul Lukas, e Patsy Kelly são os principaes em "The Countess of Monte Christo", o novo Film que Karl Freund dirigirá para a Universal.

O "team" Kay Francis-William Powell reapparecerá em "The Key", da Warner Brothers.

A MILAGROSA MARY

O jornalista-entrevistador, velho e gottoso, tentou aprumar o desconjuntado esqueleto, e lá entrou, a arrastar os pés, num grande hotel de New York.

Queria falar com uma linda e meiga senhora que, por espaço de vinte e quatro annos, mandou no Cinema americano.

Durante quasi um quarto de seculo, essa querida creaturinha, tão pequenina, aqueceu o coração de milhares de patricios seus, conheceu triumphos e derrotas, viu nascer e morrer o Amor, perdeu entes, que lhe eram caros ao coração.

Um quarto de seculo de brilhos e sombras, de sol e procellas. Tal é a vida, esta triste vida nossa, por vezes tão ridicula.

O velho joralista, que, durante tanto tempo, acompanhara com carinho a carreira gloriosa daquella mulher, achou que devia prestar a sua homenagem respeitosa á rainha desthronada.

Sahindo do elevador e, conduzido ao appartamento della por um "boy" amavel, ia pensando:

— Vou-lhe dizer como a achei maravilhosa em 1909, quando a vi em "Lena and the Geese"...

Entrou no appartamento e foi recebido por uma secretária, que o conduziu á sala de visitas. Dali, viam-se os verdes do Central Park. Tres empertrigadas mulheres e um rapazinho embrulhavam e desembrulhavam montões de bugigangas, que faiscavam á luz dourada do aposento. Do quarto de dormir, vinham vozes que, de quando em quando, se alteavam, como que zangadas.

Varias campainhas de telephone retiniam, sem rythmo e sem harmonia.

Tudo aquillo fez lembrar ao jornalista a festa de Natal.

Sentou-se, descansou as pernas num banquinho, sentindo o inquietador latejar das suas pobres arterias. Subito, irrompeu no meio de toda aquella balburdia, uma encantadora mocinha de cabello dourado e talhe fino. Desde 1894 que o jornalista não via uns pés tão bonitos e delicados.

A jovem tinha olhos azues e risonhos; as faces eram gordas e rosadas.

O jornalista poz-se a pensar por que razão o neto mais velho não escolhia uma pequena assim, em vez de andar com lambisgoias amigas de beberagens e de farrinhas.

— Puxa! exclamou. Você é o retrato escripto da Mary Pickford! Não sabia que a nossa Mary tinha filhas dessa edade!

— Que é isso, avôzinho? replicou a daminha. A Mary Pickford sou eu e você sabe disso!

— Será possivel?

O jornalista fingiu um grande assombro.

Mas era realmente Mary, Mary em carne e osso, Mary, com os seus "quarenta bem puxados", mas cuja eterna mocidade espantava até aos mais indifferentes.

Os annos fazem a edade. Mary é uma prova disso. Ella é espiritualmente muito mais moça que noventa e nove por cento das jovens borboletas de Hollywood.

Que regime segue?

Qual é o segredo da milagrosa Mary?

Não é nada de novo. E' um remedio já historico que deixa os medicos e os professores com caras de idiotas.

A receita de Mary para se conservar sempre moça consiste apenas num grande amor ao trabalho e numa impetuosa torrente de energia nervosa e emotiva, que não a deixa nunca descansar um instante.

Sim, rapazes! A jovem matrona é um furacão que faz das maiores ventanias simples brisas suaves! E uma pequena machina sempre em movimento. Não pára, nem descansa.

Attentemos um pouco nos contemporaneos della, nos outros tres membros dos "Quatro Grandes", que fizeram a historia do Cinema.

Douglas Fairbanks, cheio de pelliculas até aos olhos, anda pelo vasto mundo, pirueta aqui, pirueta ali, a pular de galho em galho, sem achar pouso.

Chaplin vive á sombra dos milhões, passeia com garotas (patife!) é, lá de vez em quando, produz uma pellicula.

David Wark Griffith, o velho Mestre, sumiu-se nas sombras da memoria.

Mas Mary é a mesma mulherzinha activa de sempre, olhos brilhantes, cerebro attento, coração cheio de amor pela vida e pelos negocios!

Quando o jornalista a foi visitar, a actriz estava a passar uma semana vertiginosa em New York.

Pensava pôr duas peças em scena na Broadway. Discutira interminavelmente com advogados, autores empresarios, agentes e modistas, e ainda tivera tempo para algumas pessoas amigas.

Além disso, mettera-se no mercado de chapéos, onde fizera grandes compras para uma prima que possue loja na California! Deixara uma impressão immorredoura entre os sabidissimos sujeitos que vendem essa mercadoria, adquirindo os chapéos com o tacto duma conhecedora e com sabedoria da serpente. Que mulher!

O jornalista conversou muito tempo com ella.

Que especie de papeis quer fazer agora, no theatro ou no Cinema?

— Quero interpretar uma jovem moderna, que seja intelligente, mas de bom comportamento. De qualquer modo, farei sempre um typo que dê a impressão ao espectador de que está em peor situação do que elle.

Falou aqui a empresaria, que sabe o que são os gostos do publico. Vinte e quatro annos de Cinema valem alguma coisa!

— E' esse, sem duvida, o segredo do exito de Chaplin. Quero representar uma pequena que faça o espectador dizer: "Em que beco sem sahida que ella se metteu! E ainda se ri! Só eu é que não me rio. Por que?"

Sabia Pickford! Durante annos e annos, fizeste esse genero de papeis! Mocinhas louras, que eram infelizes, mas que sorriam! Orphãs de mãe, com meias rasgadas, a miseria a rondar-lhes á porta... Os paes embebedavam-se e espancavam-nas... Muitas vezes, eram paralyticas, pobres victimas dum destino adverso... Farrapos da vida atirados a um canto, almas soffredoras para quem a Morte seria a liberdade suprema... Mas sorriam... Sorriam sempre!

A conversa tomou outro rumo. New York andava alvoraçada com o novo triumpho de Katharine Hepburn em "Morning Glory".

— Uma actriz notavel, disse Mary ao jornalista. Acho que tem um futuro brilhante deante de si. E' uma artista de possibilidades illimitadas!

O triumpho duma rainha a uma princeza do mesmo sangue real! Mary falou com absoluta sinceridade. Ella ama a mocidade, tanto no theatro como no Cinema. A quanta gente jovem não tem ajudado a subir os

(Termina no fim do numero)

A
revelação
de
"Nós e
o
destino"

MARGARET
SULLAVAN

Cinearte

FUNDADOR:
Dr. Mario Behring

DIRECTOR:
Adhemar Gonzaga

DIRECTOR-GERENTE
Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS

Brasil: 1 anno, 48$000; 6 mezes, 25$000. — (Registradas) 1 anno 60$000, 6 mezes 30$000.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida á Trav. Ouvidor nº 34 — Telephones: Gerencia: 3-4422 — Redacção: 2-8073 — Rio de Janeiro.

Representante em Hollywood.
GILBERTO SOUTO.

O homem das cavernas gosta de Mae West?

(FIM)

em papeis de bandidos. "Na vida civilizada, somos obrigados a recalcar tantos sentimentos naturaes, como, por exemplo, o medo, a raiva e o instincto de vingança, que constitue verdadeiro consolo para a nossa emotividade acompanhar na téla as acções dum personagem que faz exactamente o que todos nós fariamos, se não fosse o freio das convenções sociaes. Quando vemos numa fita uma vingança bem tirada, ficamos contentissimos. Pode-se observar o phenomeno mesmo nas platéas mais reservadas.

"Negando a nós proprios essa inoffensiva expansão das emoções reprimidas, corremos muitos perigos. O excesso de repressão só póde ser prejudicial. Tem causado um sem numero de doenças nervosas, que se tornam a "sahida" normal para o "homem das cavernas", desejoso de expandir-se. Não seria preferivel deixal-o sahir pela porta das diversões innocentes? Claro, e bem póde dizer-se, sem receio de contestação, que Mae West tem evitado, com a sua actuação no theatro e no Cinema, uma infinidade de affecções nervosas."

Deduz-se destas palavras do professor que as peças de Mae West são uma verdadeira "cura" para o publico, que tanto se diverte com aquellas scenas em que a actriz faz gala duma audacia sem limites. A maioria das pessoas não conhecerá na vida real as coisas que em *Lili dos Brilhantes* parecem tão instinctivas e naturaes, e, portanto, sempre de accordo com as opiniões de William J. Fielding, não admira que as platéas lhe bebam, ansiosas, os gestos e as palavras.

Mas ha outra coisa muito interessante com respeito ao successo de Mae West. A actriz pareceu surgir em scena justamente no momento em que toda a gente ansiava por ella e pelos seus processos. Para o professor Fielding, porém, isso não encerra nenhum mysterio.

— As reações emocionaes, como as historias dos Films, correm por cyclos. Quando chegamos aos extremos, ha geralmente um regresso ao conservantismo. E vice versa. Depois de um periodo ultra conservador, os gostos voltam-se subitamente para as coisas primitivas — e foi isso apenas o que aconteceu, quando Mae West surgiu com a sua versão Cinematographica da *Lili dos Brilhantes*. Já estavamos fartos das heroinas artificiaes, do typo da Garbo, e, mesmo sem o sabermos, desejavamos ardentemente uma mudança radical.

"Quem não sentiu isso, quando a *Lili dos Brilhantes* se representava na Broadway? Fui uma noite ver a peça em companhia de outros psychologos. Comprehendemos bem os valores do typo criado por Mae West e achámos que devia alcançar um successo extraordinario entre o commum das pessoas."

Segundo diz o professor, o Film de Mae West está perfeitamente de accordo com a mentalidade desta época de após guerra a que alguns chamam a "época da mocidade amalucada". Fielding, porém, não acha que a mocidade de hoje seja amalucada.

A actual geração de jovens chegará normalmente á edade madura e á velhice, e, em seu devido tempo, pregará moral aos netos, exactamente como fazem os velhos de hoje. "No meu tempo, não havia disso"...

Na verdade, o que se deu foi o seguinte: os preconceitos que, em 1890, envolviam tudo o que dizia respeito á questão sexual, cahiram completamente...

Hoje, esses problemas são discutidos ás claras e ninguem tem medo de apreciar as peças que os têm por thema ou que os mostram sem nenhum disfarce.

Ao mesmo tempo, agrada-se ao "homem das cavernas", o que, como já ficou dito, é de muito bom aviso.

— Se nos deixassemos dominar pelo "homem primitivo", continua o professor, passariamos a ser criminosos; ao mesmo tempo, porém, somos forçados a dar-lhe uma relativa liberdade, pois, do contrario, o "bicho" revoltar-se-á com todas as forças de que dispõe, acabando por nos atirar para as fileiras dos paranoicos.

"Razoavelmente disciplinado, o "homem das cavernas" deixa-nos em paz, contente em poder deliciar-se com as diversões e mais brincadeiras que não infringem as convenções sociaes.

"O problema desse "ajustamento" é o mais serio da vida de cada qual. E' elle que decide da nossa sorte e felicidade. Essa dualidade de natureza que ha em nós já desde a mais remota antiguidade que é conhecida.

"Tem sido um thema constante do *folklore*, — a boa fada contra a bruxa, que persegue as creanças.

"Os divertimentos que agradam á parte primitiva da nossa personalidade, com a approvação da moral social, são innumeros e incluem sports, peças de theatro, jogos, viagens, aventuras, anecdotas, etc., mas o mais importante de todos, na época presente, é o Cinema.

"Cada qual dessas formas de diversões constitue uma "sahida" para a energia primitiva, offerecendo á personalidade cultivada um benefico allivio das rigorosas restricções, repressões e inhibições, que fazem parte integrante da nossa vida hyper-civilizada. Os que não conseguem obter essa desejavel "relaxação" emocional, encontram o "allivio" dum modo anormal, libertando-se o "homem das cavernas" sob a forma duma molestia nervosa ou coisa peor.

"E' por isso que um typo Cinematographico que ajude o publico a alliviar-se das suas repressões se tem fatalmente que tornar popular, especialmente nesta época de organização social tão intensivamente systematizada".

Ora ahi está por que razão gostamos tanto de Mae West! Quasi ninguem sabia da existencia dentro de nós desse atrevido e perigoso individuo que é o tal "homem das cavernas". Mas, agora, que nos alumiou a luz da verdade, já sabemos porque é que elle gosta de Mae West, e façamos votos para que, no seu proximo Film "*I'm No Angel*", a actriz não seja realmente santa. O "homem das cavernas" torceria o nariz. Não gosta de santidades com elle...

Lembremo-nos que, de vez em quando, é preciso agradar ao tal homenzinho, se não quizermos ir parar no hospicio...

Casino fluctuante

(FIM)

mesmo uma poderosa bomba, incendiando-o. Ace e seus homens luctam contra o fogo, descobrindo Corbin que Eleanor ficara ao seu lado, durante todo o perigo, como desejaria ficar sempre.

No dia seguinte, todos são intimados a comparecer a policia para um inquerito sobre a explosão e o incendio. Lá encontram-se Burke e Ace, vindo os dois a saber pela primeira vez, que amam a mesma mulher, a moreninha que sózinha póde fazer muitos verões... Benita Hume...

Ambos se injuriam e os tres resolvem irem para o "Casino del Mar", conversar sobre o caso não obstante a medonha tempestade que se desencadeára.

A' muito custo elles chegam a bordo, ao mesmo tempo que um grupo chefiado por Manning.

Então, ha um verdadeiro combate, no qual Burke morre logo, emquanto Corbin e Eleanor, se embarricam num camarote, resistindo ao assalto.

O combate continúa e só é terminado com a intervenção providencial do oceano que varrendo o convéz, delle arrebata todos os combatentes, só se salvando o casal que estava protegido pelo camarote.

Regenerados pelo amor, Corbin e Eleanor trilharão agora uma nova vida.

Que acontece a Karen Marley?

(FIM)

A actriz desmentiu-os redondamente.

Mas houve quem escrevesse a J. M. Backs, escrevente do Condado de Orange, na California. A resposta foi a seguinte:

"Charles Vidor, de 33 annos, e Mildred L. Linton, de 22 annos, casaram-se em Santa Ana, no dia 15 de Novembro de 1932".

E' esse o verdadeiro nome de Karen, Mildred L. Linton.

Depois do casamento, a actriz continuou a trabalhar no Cinema. Tem contracto com a M.-G.-M., que segundo se diz, não pensa em desfazer-se desse elemento, cuja habilidade histrionica ninguem nega.

Louella O. Parsons, a jornalista cujo prestigio junto das "estrellas" e emprezarios é sem rival no mundo do Cinema, diz o seguinte a respeito de Karen:

"Ella parece não ter confiança em ninguem. Ha qualquer coisa na sua vida para a qual não encontro explicação. Uma semana depois de haver casado, concedeu-me uma entrevista na qual me desmentia formalmente todos os boatos a respeito dos seus amores com Charles Vidor. Ora, Karen sempre foi muito amavel commigo e não posso acreditar que me tenha mentido deliberadamente. O que acho é que anda mal aconselhada."

Ha um sem numero de versões que pretendem explicar a attitude de Karen. Diz-se, por exemplo, que pensa em trocar a sua carreira pela vida do lar. E' difficil de acceitar tal hypothese, sabendo-se do esforço e da ardua luta que Karen teve que sustentar para chegar á posição que alcançou no Cinema. Karen sempre alimentou o ideal de se distinguir numa profissão qualquer. Primeiro queria formar-se em medicina e chegou a estudar essa sciencia dois annos, mas, mais tarde, resolveu dedicar todos os seus esforços á carreira do theatro, frequentando varias escolas de declamação. Tornou-se, depois, uma verdadeira escrava do Cinema, e custa a crer que pense em renunciar, sem mais aquella, a uma arte que tantos trabalhos lhe deu.

Talvez a explicação mais plausivel tenha fundamento no facto de o procedimento de Karen muito se assemelhar ao de Greta Garbo nestes ultimos mezes. Infelizmente, porém, falta a Karen o mysterio que envolve a personalidade da estrella sueca. A brilhante campanha de publicidade que tantos adeptos conquistou para uma "estrella" póde ser a ruina de outra. Não é possivel acreditar que uma actriz tão intelligente e prendada como Karen pense em imitar outra collega!

No emtanto, logo depois do casamento, Karen e o marido estiveram no Pasadena Community Playhouse, onde ella alcançou o seu primeiro successo. O casal fez todo o possivel por manter o incognito, entrando e sahindo do theatro, ás escuras, e fugindo ao cumprimento de velhos amigos. Coisa muito á moda da Garbo.

No ultimo Natal, visitaram a casa do avô de Karen, em Ottumwa, Iowa, terra della. Uma das noticias publicadas pelos jornaes da localidade dizia que a "Sra. Charles Vidor conquistara muitos amigos e admiradores, pela sua modestia e simplicidade de maneiras", mas não é isso o que affirmam os habitantes do logar Karen, emquanto lá esteve, evitou sempre de apparecer em publico, mantendo uma attitude de grande frieza com relação aos seus "fans", o que muito os magoou.

Por outro lado, talvez a causa de tudo seja o estado de saúde da actriz. Ella nunca foi robusta. Pesou sempre menos do normal e, na escola, era o desespero dos mestres de gymnastica. Emquanto outras "estrellas" fazem o possivel e o impossivel para emmagrecer, Karen lança mão de todos os recursos para augmentar de peso. Depois que entrou para o Cinema, já adoeceu varias vezes e diz-se que, ha annos, ao ensaiar no Pasadena Community Playhouse, desmaiou e cahiu em pleno palco.

Se a hypothese é verdadeira, Miss Morley só merece sympathia, mas, nesse caso, os entendidos nestas questões, dizem que a actriz devia explicar francamente a sua situação ao publico, evitando interpretações erroneas, que só lhe poderão ser prejudiciaes. Os "fans" são muito curiosos e gostam de saber o que se passa com os seus idolos.

A sua capacidade profissional, a sua discreção e a sua reserva foram degráos que serviram a Karen para subir no Cinema. Queira Deus que essa mesma reserva não seja agora a causa da sua quéda.

Mas esperemos que a actriz venha a publico explicar tudo a respeito do seu estranho retraimento nestes ultimos mezes. A persistencia no silencio póde-lhe ser fatal. Um publico descontente não enche as bilheterias!

Por que fazer cinema custa tanto dinheiro ?

(FIM)

— "Vocês estão favorecendo os "molhados", dizia elle. "Os seus Films estão tornando o publico consciencioso da bebida. Estão burlando a lei, pois os Films mostram gente bebendo em casa, nos logares excusos, em toda a parte. E' só beber, beber, beber. Gostariamos de saber quanto os "molhados" estão pagando para essa propaganda?"

Era um grande desaforo. O chefe deveria atirar aquelle camarada á rua, fazendo-o sahir pela janeila. Mas não se podia fazer assim; tinha-se de usar de muita delicadeza para chamal-o á razão.

— "Muito bem", respondeu o chefe, "nós não temos subvenção de ninguem, "secco" ou "molhado", branco ou preto, republicano ou democrata. E é só. Procuramos mostrar a vida como a vida é. Se mostramos as familias bebendo em suas casas, é porque vocês todos sabem que ellas bebem. O mesmo succede nos logares escusos, nos "speakeasies". Elles existem, não é novidade nenhuma. Os nossos Films, portanto, retratam a verdade da vida, ou pelo menos é o que procuramos fazer.

— "Qual o que! Isso é a desculpa que se procura dar. Então não se encontra historias onde não existam scenas de bebidas?"

Imaginem, um homem que jámais comprou uma historia, em toda a sua vida, que jámais lutou para descobrir um divertimento para os milhões de habitantes da terra, vir dizer-nos que podemos achar historias de contos de carochinhas, voando pelas nuvens!

O chefe do Studio não ficou preoccupado com as theorias do agente da "lei secca", e respondeu-lhe:

— "Sr. Beldroegas, ha muitos annos um advogado representando uma distillaria, veiu visitar-me. Isso foi antes da "lei secca" entrar em vigor, e disse-me a mesmissima cousa que o senhor acaba de dizer-me. Unicamente usou um outro inglez. Disse que nós estavamos usando muitas scenas de bebidas em nossos Films. Disse mais que essas scenas desgostavam o publico e davam apoio aos "seccos" e que, si não parassemos de mostrar taes cousas em nossos Films, elle provocaria sua organização para que junto á censura decretasse leis contra o Cinema, em todos os Estados da União."

— "E o que foi que lhe respondeu?", indagou o agente da "lei secca".

— "Disse-lhe que fosse para o inferno!"

Houve um silencio prolongado. Victoria! O impertinente estava convencido. Elle comprehendeu o ponto de vista. Acabou certificado de que as scenas de bebidas, nos Films, são tão ruins para os "seccos" como para os "molhados". Pelo menos essa era a fórma em que a discussão deveria terminar. Mas não era um "happy-ending".

Ao contrario. O homem voltou á carga e replicou:

— "Mesmo assim, penso que as scenas de bebidas deviam ser omittidas de todas as pelliculas.

Justamente nesta altura, eu gostaria de dizer que o chefe tinha a mesma vontade de mandal-o para o inferno, como fez com o outro, o advogado, mas já disse que esse não era o final feliz. O chefe foi mais razoavel, e disse-lhe amigavelmente:

— "Sinto muito não ter podido convencel-o de que aqui estamos para fazer Films e não propaganda, desta ou daquella idéa, e não usar nas pelliculas outra cousa que não seja divertimento, e muito menos omittir o que quer que seja que venha naturalmente addiccionado á historia."

Meus amigos, vocês não apreciam a pureza do Cinema! Não quero dizer a pureza que naturalmente vocês estejam pensando. Mas, o seguinte: vocês não comprehendem o quanto resistimos á pressão que é feita sobre nós, para suffocal-os com propaganda e, até mesmo, annuncios...

Houve um tempo em que uma ou duas companhias de Cinema pensaram em ganhar algum dinheiro extra, introduzindo furtivamente pequenos annuncios em seus Films. Isso foi feito com muita intelligencia, mostrando occasionalmente uma scena externa onde se visse um cartaz pregado, e que ali representasse o annuncio, que fosse de massas alimenticias, meias que não se rasgam ou outra qualquer cousa paga.

Isso foi o diabo para todos nós.

Uma vez fizemos um Film muito importante, onde a scena principal da historia era um rapto. O joven romantico que fazia o heróe era "nux-vomica" para a familia da pequena, os paes não gostavam delle. E o unico meio que o rapaz podia raptar a moça era tomar um automovel emprestado. Assim fez, e o rapto foi consummado.

O final do Film foi de pleno agrado dos "fans". As mulheres choravam de contentamento, mas os criticos não gostaram muito. Portanto, o Film deveria ter sido bom. Pois bem, para que elle tivesse um bonito quadro final, fechando a historia, fizemos com que o rapaz guiasse o carro em direcção á "camera" e, quando bem perto, beijasse a pequena.

Foi o nosso maior erro. O carro chegou tão perto da machina, que o espectador podia ler claramente a marca do automovel, o que nada tinha a ver com a historia do Film.

Dias depois recebíamos uma commissão de proprietarios de Cinemas e, depois de pequenas formalidades, um delles falou:

— "Queremos um abatimento no preço que pagamos pelo Film, porque é um Film de annuncio."

— "Film de annuncio?", gritou o gerente de vendas, "Vocês estão loucos?"

— "Sabemos que a fabrica foi paga para mostrar a marca daquelle automovel", disseram todos. "Não queremos exhibir annuncios em nossas telas, a não ser que sejamos pagos tambem."

A discussão levou horas, e até hoje elles pensam que nós os enganamos, porém juro sobre minha palavra de honra que jámais fomos pagos para mostrar a marca do carro. Serviu-nos a lição.

E assim como isso, muitas outras cousas são as causas de dores de cabeça na industria Cinematographica e o porque do Cinema custar tanto dinheiro.

(N. da R: A propaganda paga ainda existe em muitos Films americanos, principalmente nos jornaes...)

As Apparencias illudem

(FIM)

Na verdade, esta dama mysteriosa do Cinema, vendo-se bem as coisas, nada mais é do que uma mulher encantadora.

Tantas vezes, a gente a tem visto em "boudoirs" e salões, com aquella sua elegancia e belleza exotica, que quando a encontramos tal qual é, simples e natural, ficamos estarrecidos e, ao mesmo tempo, satisfeitissimos.

Ora ahi está !

A milagrosa Mary

(Continuação)

degráos da Fama! Ali sentado naquelle apartamento, donde se avistava o Park, emquanto Mary falava, o jornalista não podia deixar de recordar os tempos que o passado vela de brumas.

Aos dezeseis annos, Mary era a "Menina da Biograph", com a sua cabelleira de ouro e o seu meigo sorriso. Aos vinte, a mais celebre e querida creatura do Cinema. E assim por deante, através de longo e magnifico reinado! Que vida gloriosa! Millionaria, figura mundial, antes dos trinta!

Rapazes da velha guarda! Ella era, nessa época, a "namorada da America!"

E, agora, o que é, em 1934?

Mary commetteu muitos erros pelos annos fóra. Erros de má cabeça, erros de coração. Já passara dos trinta e ainda apparecia na téla, com os mesmos andrajos e os mesmos cachos, sem querer largar a pelle do typo que creara e que lhe dera fama, amor e milhões. Triste illusão! Accusaram-na, por diversas vezes, de "snobismo" e vão orgulho. Houve muita gente que se queixasse della, não sem razão. Mary não procedeu com tacto em varias occasiões.

(*Continúa no proximo numero*)

Tempestade sobre Hollywood

(Continuação)

O Studio dá-lhes licença para brigarem á vontade cá fóra, mas não consente que desmanchem a dupla comica do Cinema.

Uma "dupla" apparentemente feliz é a de Charlie Murray e George Sidney. Tambem Zasu Pitts e Slim Summerville se têm dado mais ou menos bem, embora Zasu, ultimamente, haja procurado outros campos, o que pode ser significativo.

Dizem que Stan Laurel e "Babe" "Hardy" passam temporadas sem falar um com o outro, excepto deante da objectiva, e toda a gente sabe que as questões entre Wallace Beery e Raymond Hatton, e George K. Arthur e Karl Dane muito concorreram para a dissoluçãa dessa pareceria.

Uma das brigas mais singulares e tambem uma das poucas que envolvem um actor e uma actriz é a de Joan Crawford com William Gargan. Nasceu duma referencia feita por Gargan á capacidade artistica de Joan. Gargan fez uma "prova" para "Dancing Lady" e o Studio queria vel-o no Film, mas a Crawford oppoz-se terminantemente. Experimentando outros artistas, o Studio aproveitou a "prova" de Gargan como modelo, mas não se utilizou dos serviços do actor.

Outro conflicto interessante foi o de Jeannette MacDonald com Dennis King, durante a filmagem de "Rei Vagabundo". Jeannette só queria cantar de manhã e á tarde, ao passo que Dennis, em vez da manhã, preferia a noite. Fartaram-se de discutir e de dizer "piadas".

(*Continúa no proximo numero*)

O ultimo veterano do Cinema

(FIM)

Pois bem, nós o interromperemos emquanto voces duas acabam de conversar. Não, façamos melhor. Gostariamos de ouvir o que voces acabam de dizer".

Suas palavras eram ditas com sarcasmo.

— "Venham aqui, ao centro da arena", exigiu elle, "e digam tudo de interessante que conversavam".

Uma das "extras" ficou pallida.

— "Venham aqui", ordenou De Mille, "ou retirem-se do "set"!"

A pobre moça, tremula e cheia de medo, adiantou-se para a arena.

— "Aqui está o microphone", disse De Mille, "agora diga em voz alta o que você estava conversando. Estamos todos interessados em saber a historia."

— "Tenho vergonha", disse a pequena abaixando a cabeça.

— "Fale a verdade ou retire-se", proseguiu De Mille. Elle torturava a sua victima naquella exhibição.

Vagarosamente ella levantou a cabeça até o microphone e falou: — "Eu disse que gostaria de saber quando aquelle caréca ia parar o trabalho para o almoço."

Por momentos houve um silencio de morte.

De repente, De Mille jogou a cabeça para traz e riu as bandeiras despregadas. E repetiu: — "Este caréca vae agora mesmo deixar voces irem almoçar".

O mais interessante sobre este tyramno de De Mille, é a sua habilidade em receber as cousas conforme ellas são. Gosta de toda a sorte de critica. E goza tudo o que de engraçado é dito a seu respeito. Elle repete a seus amigos. Corta e guarda cada linha ou desenho que o leve ao ridiculo. Mas esse mestre da téla não perdôa a victima quando em seu dominio.

Uma noite toda a companhia reuniu-se na sala de projecção para ver os "rushes" do dia. Depois de alguns minutos, elle berrou: — "Quem Filmou aquella scena?"

— "Fui eu, senhor", disse timidamente um "camera-man".

— "Saia desta sala e não me deixe ver sua cara novamente! Você Filmou toda a scena de um angulo errado. Está despedido, saia!"

E o photographo levantou-se e deixou a sala, sem duvida para se dirigir á terra de Chanaan.

Alguem no "set", no dia seguinte, commentava entristecido e penalisado, a maneira estupida como o homem tinha sido despedido.

— "Oh! Elle não foi realmente despedido", respondeu um dos assistentes de De Mille. "Lá está elle novamente trabalhando. Mr. De Mille tem despedido aquelle homem todas as noites, desde ha cerca de dez annos e, no emtanto, elle jámais perdeu um dia de trabalho."

Não obstante suas manias e frenezis, seus collaboradores lhe são fieis, dão-lhe toda uma immorredoura lealdade. Não importa que ferozmente elles se queixem entre si. Ninguem ousará critical-os, pois se acham sempre desejosos de seguir as pegadas do mestre.

Através dos annos De Mille tem sobrevivido. Desde uma época na qual os directores eram Deuses em seus Olympos, desafiando productores e outros mortaes. Elle ainda mantem-se em seu pedestal, commandando as turbas. E é a unica recordação real dos velhos dias da "glamorosa" Hollywood. O ultimo dos veteranos "show-men". Ainda dirigindo "A cabana do Pae Thomaz", com Eva subindo ao ceu com os christãos e os cães de caça saltando sobre o Mar Vermelho.

A historia da vida de Mae West

(Conclusão)

— "Homens? Não ha negar que eu tenho conhecido duzias delles, porém jamais encontrei um que eu gostasse o sufficiente para casar. Eu tenho estado sempre muito occupada em meu trabalho, e o casamento já é em si mesmo uma carreira. Para fazer delle um exito, deve-se abandonar tudo o mais. Assim, até que eu possa lhe dar o proprio valor, eu ficarei solteira".

A jornada que Mae West vem atravessando, desde o seu começo como actriz, aos cinco annos, pasasndo por todas as phases e generos usuaes, até á gloria de Hollywood, tem sido uma dura, porém feliz jornada. Agora, entretanto, que está firmada definitivamente, Mae não tem a menor intenção de repousar sobre os laureis ganhos.

Ella sabe que o fabuloso successo de "Uma loura para tres" é actualmente um incentivo para cada novo Film. E, sentindo assim, empregou o melhor de seus esforços em "I am no angel", cuja historia escreveu e o qual vem de ser terminado. Será o Film alguma cousa nova em materia de Cinema? Isto é o que estamos ansiosamente esperando e teremos a resposta dentro em breve quando o Film for exhibido.

Depois do "stardom", o que mais o futuro reservará para esta indescriptivel mulher? Aquelles que melhor a conhecem, predizem que ella eventualmente adquirirá maior fama transformando-se na primeira mulher productora de Cinema.

Querida da Broadway, Imperatriz de Hollywood, Rainha do coração da gente, todos aquelles que dão valor ao seu genio creador e admiram a sua arte, saudam Mae West!

Talvez a melhor historia até agora dita sobre De Mille seja uma historia verdadeira. Cecil e seus "prop-men" foram ver uma locação. Elle parou na praia e olhou para o mar. Dramaticamente elle a inspeccionou, emquanto duas gaivotas na praia espreitam-no com interesse.

Voltando as costas para o mar, elle verifica o esteril pedaço de terra. "Aqui", elle diz com um largo gesto, "eu quero uma cidade. Atraz della, altas montanhas."

— "Vamos sahir daqui", uma das gaivotas, olhos espantados, disse á outra.

— " Não, espera", replicou a companheira. "Eu quero vel-o andar sobre a agua."

Por estes episodios se define um caracter. Elle é Cecil B. De Mille, o ultimo dos veteranos do Cinema.

Acquisição de material para o Cinema

(FIM)

R — (a) O escriptor discute a idéa com o editor da historia (não é o autor nem o editor do livro), com o chefe do departamento de "scenarios" ou com o director. O "tratamento" da historia póde ser preparado tanto pelo autor da mesma, como por um escriptor do departamento de "scenarios". Depois o dialogo é preparado por especializado no assumpto, leva o visto do chefe de producções e um "scenarista" é determinado para preparar a "continuidade", o que para a producção do Film significa o schema technico a seguir, suggerindo os angulos de "camera", os "close-ups", "meios-shots", "shots" em distancia, e effeitos photographicos, arranjando tambem as scenas por ordem numerica.

(b) Uma conferencia sobre historia é uma discussão da perspectiva da historia emquanto no periodo formativo. Essa conferencia é geralmente attendida pelo chefe de producção do Studio, pelo director, pelo escriptor de "scenario" e pelo autor, no proposito de conseguir o maximo de pontos de vista no thema principal, e ainda suggestões, dialogos convincentes e angulos directoriaes. Uma conferencia de historia traz a reacção do productor e assim, quando o director vae para o "set" iniciar a Filmagem, elle sabe que o seu superior está de accordo com seus methodos de realização, e termina o Film sem nenhuma interferencia por parte daquelle.

(c) Escriptores da téla devem ter muita experiencia em adaptação, e os escriptores de dialogos devem ser praticamente uns sonhadores. Alguns delles são contractados por um anno, outros por longo tempo, com opções para cada seis mezes e, em cada opção, sendo acceita, terá um augmento de ordenado. Presentemente muitos escriptores são empregados pelos Studios, designados para um determinado Film, e outros são empregados por um certo numero de semanas, exactamente o tempo necessario para preparar-se um "scenario", dialogo ou "continuidade". Os Studios gastaram uma vardadeira fortuna em escriptores que nada produziam, quando vigorava a idéa dos contractos longos, sem que os escriptores tivessem designação para cousa alguma. Para os arranjar um emprego num Studio como escriptor, deve-se tratar com o editor chefe do departamento de "scenarios", que será o responsavel pelo escriptor durante todo o tempo, no caso de que elle seja contractado.

P — Qual a differenca na arte do "scenarista" nos velhos tempos do Cinema silencioso, e o trabalho que tem a fazer actualmente com os Films falados? Será que estes trouxeram á campo uma nova e determinada fórma de escriptores?

R — A differença entre um "scenarista" de Films silenciosos e o dos Films falados é, obviamente, a seguinte: O "scenarista" de um Film silencioso, preparava as scenas para a "camera", numa activa fórma de pantomina; o "scenarista" de um Film falado, tem que ser virtualmente um dramathurgo, porque elle tem que combinar o conhecimento do valor pictorico e o tempo do dialogo, levando em consideração quando o dialogo interfere com a acção e quando a acção póde ter um "climax" com palavras em dialogos possantes. O "scenarista" de hoje não requer o vasto conhecimento de technica como nos tempos dos Films silenciosos, porque, sómente raramente o chamado escriptor de "scenario" de hoje, prepara a adaptação, o dialogo e a "continuidade". O "scenarista" dos dias do Film mudo era empregado para dar acção ao adaptador, e o dialogo do escriptor de dialogos, agora, para dar o schema ou "continuidade" de onde será feito o Film falado. Os "talkies" não sómente trouxeram á campo um novo typo de escriptor, como tambem trouxeram a necessidade de se ampliar o numero de escriptores requerido no tempo do Cinema silencioso. E' tres vezes mais difficil preparar-se o "script" de um Film falado, como era tambem difficil o "script" do Film mudo.

P — Quaes são os nomes dos escriptores e adaptadores mais competentes?

R — Não estamos em posição de julgar este ou aquelle. Sua reputação está estabelecida atravéz do successo das historias que tem escripto, e este successo não depende sómente em seu trabalho, porém, tambem, no trabalho do director, orçamento, censura, etc.

Wallace Ford

(Continuação)

E, mais uma vez, os anjos do ceu sorriram apiedados com a mentira de um pobre orphão.

O autor desta historia, sendo um irlandez, sente-se envergonhado em confessar que os paes adoptivos de Sammy tambem eram irlandezes.

Elles ensinaram Sammy a odiar o rei da Inglaterra e a rezar pela integridade da Irlanda. E como isso pouca differença fazia tanto para o rei, como para a Irlanda ou Sammy, o mesmo, sentindo que evitaria futuras surras, fez como lhe mandavam.

Dois annos mais tarde, veiu o seu primeiro desafio com a vida. Contava então 13 annos de idade. A velha idiota tornou-se mais doente do que o usual. E seu filho, um dia, foi muitas milhas distantes da fazenda buscar um medico, em meio de uma ventania horrivel que durou dois dias.

A monotonia daquella tempestade de vento, punha os nervos da velha em alvoroço. Para distrahir-se, ordenou a Sammy que fosse buscar uma chibata para açoital-o. E Sammy, que não estava disposto a ser açoitado naquelle dia, rebellou-se

— "Quando meu filho vier para casa, você me pagará", gritou a mulher espumando de raiva.

Sammy, lembrando-se da ultima sova, fugiu. Quando alcançou a estação da estrada de ferro, viu ao longe, atravéz da ventania, o seu algoz e o medico que seguiam em direcção á casa.

Cautelosamente elle arrastou-se até a estação e ali ficou.

A estação estava fechada, e sómente abria alguns minutos antes da chegada do trem. Sammy com a metade do corpo entorpecido, quedou-se á espera do lado de fóra, soffrendo os rigores da ventania. Quando o trem chegou, elle contou ao machinista a sua lastimosa situação, pedindo-lhe para leval-o a Winnipeg.

O machinista, alma bondosa que merece ter o seu nome escripto por Deus no livro de ouro do Céu, compadeceu-se de Sammy, e deixou que elle viajasse na locomotiva, auxiliando a collocação do carvão na machina, durante a viagem.

O machinista e o foguista dividiram o seu "lunch" com o menino fugitivo. E durante toda a noite uma dedicação extrema foi dispensada ao rapazinho que tinha sido abandonado nos degraus de uma porta — um orphanato para meninos! Quando o trem alcançou o seu destino, o machinista levou o orphão para a sua casa. No dia seguinte uma nova phase de vida surgiu para elle. Havia uma greve ali por perto. Os grevistas precisavam de alguem para os auxiliar, e tomaram o innocente Sammy Jones.

Trabalhou alguns dias até que, o machinista que não o havia esquecido, arranjou-lhe um emprego como mensageiro. Sua obrigação consistia em ir ás diversas casas dos empregados da estrada de ferro, informar-lhes quando seriam chamados para o trabalho. Depois de seis mezes de serviço, elle foi gratificado com um passe para Winnipeg. Nesta cidade o seu dinheiro acabou-se bem depressa. Trabalhou depois em outros logares como "garçon" numa casa de refrescos, num hotel, etc.

Mais tarde elle veiu a conhecer o vigia de um theatro, tornando-se seu amigo. O trabalho desse vigia nocturno era apanhar depois do espectaculo os programmas atirados ao chão. O pequeno dias depois já o auxiliava nesse mistér, e noutras pequeninas cousas. Sammy arranjou permissão para dormir num camarim, em troca do trabalho que fazia, e emquanto o vigia divertia-se com os velhos amigos.

Havia uma companhia que estava fazendo uma temporada nesse theatro. Seu director, annos mais tarde, ficou celebre no Cinema com o nome de Theodore Roberts.

Se esta historia fosse uma novella de ficção, diriamos que Roberts interessou-se pelo rapaz, porém tal cousa não succedeu. Mas, conseguiu ser auxiliar de "usher", duas noites por semana, ganhando cincoenta centavos.

Theodore Roberts ganhou fama e gloria em Hollywood, sendo succedido no theatro por Wilson Hummel. Nesse meio tempo, Sammy já tinha conseguido ser um "usher" regular.

Todavia, a maldição de uma ambição ridicula o dominava. Elle sonhou ser um actor.

Depois de muito pleitear junto ao director, conseguiu fazer um papel de "extra", andando quando foi estreada a peça "Under Two Flags", pelo palco vestido de soldado. Como um soldado, elle devia apparecer em scena transpirando e sujo. Em vez disto, elle entrou no palco trajando uma farda apurada, e limpo como George Arliss na parte de um ancião pelintra.

A limpeza de Sammy impressionou tanto o director, que este resolveu dar-lhe um logar permanente no theatro, mas como "usher".

Reduzido a carneiro quando desejava tão ardentemente ser toucinho, seu coração cortou-se de dor.

Integrado no papel de "usher", já devia contar 14 annos de idade, quando, uma noite, elle indicou a um bispo o logar reservado de um critico, e com este engano veiu a perder o emprego. Depois vamos encontral-o dormindo á mesa de um bilhar, e durante o dia aprendendo o officio de barbeiro no Moler's Barber College. Mas abandonou este antes de ser graduado, achando que a vida era muito mais variada como vagabundo do que como barbeiro. E cahiu no mundo...

Perto de um tanque d'agua, a oitenta milhas de Winnipeg, elle conheceu um vagabundo que tinha duas ambições — evitar o trabalho e voltar á America para ver sua mãe, que vivia numa cidade de Iowa.

Sammy alliou-se a esse vagabundo, e assim mudou o curso de sua vida.

Muitas experiencias horriveis seguiram-se.

O seu companheiro foi assassinado antes de chegarem á metade da jornada. Sammy Jones olhou pela ultima vez para o seu companheiro morto, e proseguiu sózinho, afim de contar á sua mãe qual o fim que tivera o seu filho. O nome do vagabundo morto era Wallace Ford, e isto era tudo o que elle deixara. Assim, Sammy Jones tomou-o.

Chegando á cidade, Sammy soube que a mãe de seu companheiro tinha morrido approximadamente ao mesmo tempo que o filho. E nesse local, Sammy ficou vivendo da melhor maneira possivel, como "garçon", empregado de theatro, etc.

Apertando a crise, elle resolveu alistar-se na Marinha, isso durante o periodo da guerra mundial.

(Continúa no proximo numero)

Zé Macaco e Faustina
Pandaréco, Parachoque e Viralata
Papae
Historias de Pae João
Vôvô d'O Tico Tico
Minha Bábá
Historias Maravilhosas
Quando o Céo se enche de Balões...
Chiquinho d'O Tico-Tico
Réco-Réco, Bolão e Azeitona
No Mundo dos Bichos
Contos da Mãe Preta
BIBLIOTHECA INFANTIL
D'O TICO-TICO
EDUCA • ENSINA • DISTRAHE
O melhor presente para as creanças é um livro. Nos doze livros, cujas miniaturas estão desenhadas nestas paginas, ha motivos de recreio e de cultura para a infancia. Bons livros dados ás creanças são escolas que lhes illuminam a intelligencia. O bom livro é o melhor professor.
Contos da Mãe Preta, de Oswaldo Orico - No Mundo dos Bichos, de Carlos Manhães - Réco-Réco, Bolão e Azeitona, de Luiz Sá - Chiquinho d' O Tico-Tico, de Carlos Manhães - Quando o Céo se enche de Balões..., de Leonor Posada - Historias Maravilhosas, de Humberto de Campos - Minha Bábá, de J. Carlos - Zé Macaco e Faustina, de Alfredo Storni - Pandaréco, Parachoque e Viralata, de Max Yantok - Papae, de Joracy Camargo - Historias de Pae João, de Oswaldo Orico - Vôvô d' O Tico-Tico, de Carlos Manhães.
Comprae para vossos filhos os livros da Bibliotheca Infantil d' O Tico-Tico, á venda nas livrarias de todo o Brasil.
CADA VOLUME 5$
Pedidos á BIBLIOTHECA INFANTIL D'O TICO-TICO
RUA SACHET, 34 — RIO DE JANEIRO